CHINA-LUSOFONIA LÍNGUA TAMBÉM É A ALMA DO NEGÓCIO

Macau 澳門

Tradução

PONTE ENTRE DOIS MUNDOS

O papel do tradutor e intérprete há séculos aproxima as culturas chinesa e portuguesa

AEROPORTO DE MACAU
A TERCEIRA 'FRONTEIRA' NASCEU HÁ 20 ANOS



CENTRO DE DESIGN
FÁBRICA DE CRIATIVOS PARA CRIAR TALENTOS



Macau MOP 30.00 • Hong Kong HKD 30.00 • R.P. China RMB 30.00 • Internacional USD 4.00 Dezembro 2015 • ISSN 0871 004X

LEGO, the LEGO logo and the Brick, the Knob configurations, the Minifigure are trademarks of the LEGO Group. ©2015 LEGO Group.

MACAU × LEGO® EXHIBITION

Exposição "Macau×LEGO®"

25/9~28/12/2015



Local 1: Edifício Ritz

Endereço: Largo do Senado, N.° 9, Edif. "Ritz"

Horário de Abertura: 26/9~28/12 : 09:00-18:00

Local 2: Centro de Ciência de Macau

Endereço: Av. Dr. Sun Yat-Sen, Centro de Ciência de Macau

Horário de Abertura: 25/9~28/12: 10:00-18:00



Seminário e Workshop

Local: Centro de Ciência de Macau

1. **Seminário Fotográfico da LEGO®**
   Monitor: Sr. António Leong
   Datas: 18/10, 15/11, 13/12
   Horas: 12:00 -13:00; 14:30 -15:30
   Língua: Cantonense



2. **Workshop da LEGO®**
   Monitor: Sr. Andy Hung
   Datas: 3/10, 1/11, 29/11
   Horas: 12:00-13:00; 14:30-15:30
   (Bilhetes numerados serão distribuídos no átrio 30 minutos antes do início do workshop.)
   Língua: Cantonense

*** Seminário e Workshop abertos aos residentes locais e turistas com registo gratuito no local nas datas do evento. As vagas são limitadas e esgotam-se após serem preenchidas.

Para mais informações consulte:
www.macautourism.gov.mo





DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

As exposições são elaboradas pelo Sr. Andy Hung, Profissional Certificado da LEGO® e pela sua equipa.
As fotografias são fornecidas pelo fotógrafo local Sr. António Leong.

Macau 澳門

DIRECTOR
Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO
Alberto Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO
Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO
Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

EDITOR
Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA
Catarina Lau Pineda
CLL Design

WEB DESIGN
Rita Ferreira

COLABORAM NESTA EDIÇÃO
Alexandra Lages, Andreia Sofia Silva, Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente,
Mónica Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira, Patrícia Cruz,
Patrícia Lemos, Sandra Lobo Pimentel, Sandro Mendonça, Sofia Jesus

FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro e Paulo Cordeiro (Portugal)

ILUSTRAÇÃO
Rodrigo de Matos

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE
Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14.º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM
1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL
ANGOLA: AOA 3.390,00 I BRASIL: BRL 78,00
CABO VERDE: CVE 2.760,00 I GUINÉ-BISSAU: XOF 16.400,00
MACAU: MOP 200,00 I MOÇAMBIQUE: MZM 1.075,00
PORTUGAL: EUR 25,00 I S.TOMÉ E PRINCÍPE: STD 607.000,00
TIMOR-LESTE: USD 35,00 I RESTO DO MUNDO: USD 40,00

www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

Prosseguindo o nosso acompanhamento da actividade do Fórum de Macau, apresentamos nesta edição uma entrevista com Francisca Reino, delegada de Moçambique junto do Secretariado Permanente daquele órgão, sedeado em Macau.

Instituído em 2003, o Fórum de Macau passou a ter desde Novembro uma nova coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente, Cristina Morais, como noticiamos nesta edição.

A propósito da realização em Lisboa do colóquio internacional "China/Macau: Tradução e Interpretação – Passado e Presente" apresentamos em destaque um trabalho sobre os intérpretes-tradutores que presentemente sustentam o dia-a-dia de uma região da China com duas línguas oficiais e o convívio constante de comunidades linguísticas e culturais diversificadas.

Ao longo dos séculos a comunidade macaense afirmou o seu papel como a intermediária cultural e linguística por excelência, tendo deixado para a história nomes incontornáveis como os Pedro Nolasco da Silva, Carlos Augusto Rocha d'Assumpção, Vicente Jorge Silva e Luís Gonzaga Gomes, entre outros. Nas últimas décadas da história de Macau tem vindo a ser dedicada uma atenção especial à formação de intérpretes-tradutores das mais diversas proveniências, reforçando o papel do território como centro multicultural.

Aliás o recente lançamento de um livro sobre a figura de Roque Choi, de que igualmente damos conta nesta edição, ainda mais serve para realçar a especificidade de Macau como ponte entre línguas e culturas. Roque Choi foi um bilingue e uma personalidade-chave na história recente de Macau.

Luís Ortet



6 **ACONTECEU**
As notícias que marcaram a actualidade da RAEM

12 **LAG 2016: QUALIDADE DE VIDA COMO PRIORIDADE**
Chefe do Executivo anuncia políticas e medidas para o próximo ano

16 **JOVENS EMPRESÁRIOS UNIDOS**
Associações fomentam relações empresariais entre a China e os países de língua portuguesa

22 **NEGÓCIOS: PASTELARIA FRANCESA CONQUISTA MACAU**
Sabores originais da doçaria de França são o segredo do sucesso da Cacao

28 **MOÇAMBIQUE NO FÓRUM MACAU**
Francisca Reino, delegada de Moçambique no Fórum Macau, quer mais dinamismo

34 **LUSOFONIA: O PODER DA LÍNGUA**
Estudo chama a atenção para a importância de factores linguísticos nas relações comerciais

40 **ANÁLISE: A NOVA ROTA DA SEDA**
A reinvenção de um percurso comercial milenar

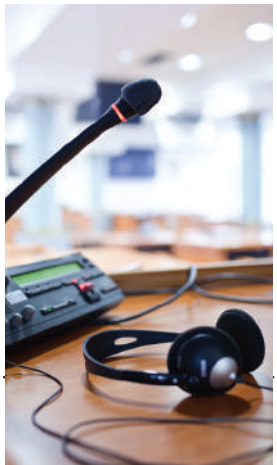
46 **DOSSIÊ: TRADUÇÃO EM MACAU**
A profissão que há séculos garante o entendimento entre as culturas chinesa e portuguesa

64 **TAIPA: NO CORRIDINHO DAS RUAS**
As ruas onde começa a história de uma vila

Língua também é a alma do negócio

Os aspectos culturais têm sido "um tema tão importante quanto ignorado nas práticas empresariais do dia-a-dia", conclui um estudo-piloto desenvolvido por uma equipa interdisciplinar de Portugal e Macau, que chama a atenção para a importância dos factores culturais e linguísticos no sucesso das relações empresariais entre a China e os países de língua portuguesa





Entre dois mundos

Cada vez que traduz a palavra – escrita ou falada – liga dois mundos, desencriptando a mensagem de chineses e falantes de português até nas mais simples coisas do dia-a-dia. É a voz que anuncia a próxima paragem no autocarro, é a ponte numa conferência ou numa sala de audiências, e também a mão por detrás de legendas de espectáculos culturais. A figura do intérprete-tradutor é, não raras vezes, tão invisível quanto imprescindível.

66 **DESPORTOS URBANOS**
As actividades físicas que conquistam cada vez mais adeptos

74 **CENTRO DE DESIGN DE MACAU**
Fábrica de criativos na zona norte da cidade

84 **MOSTRA DE TEATRO LUSÓFONO DE REGRESSO À RAEM**
Pela primeira vez, peça bilingue de Macau sobe ao palco

90 **DOCUMENTÁRIO: PORTUGUESES EM MACAU**
Carlos Fraga, cineasta, e a sua busca por uma comunidade

94 **20 ANOS DE AEROPORTO**
Os aterros que mudaram o panorama turístico da região

102 **ÍCONES: HOT POT**
A história do tradicional fondue que aquece o Inverno chinês

104 **ÁTRIO: A VIDA DE WU LI**
Produção local recria vida de jesuíta chinês em Macau

110 **ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Sugestões para ver e ler nos próximos meses

116 **MEMÓRIAS: NA TCHA**
O pequeno templo da Calçada das Verdades



Macau mais em forma

O exercício físico, seja dança de Bollywood, boxe, ioga, CrossFit ou Urban Bootcamp, está a conquistar adeptos em Macau. Os mentores das diferentes prá-ticas querem melhorar a boa forma dos habitantes e apostam em modelos de treino e de negócio ajustados às necessidades de cada um.



Uma viagem dentro de outra viagem

O novo documentário de Silvie Lai e James Jacinto , *As Crónicas de Wu Li no Colégio de S. Paulo*, conta a história do Colégio de S. Paulo, a primeira universidade de estilo ocidental da China, através da passagem do poeta, pintor e missionário jesuíta chinês Wu Li por Macau.

A conquista da terceira fronteira

O Aeroporto Internacional de Macau representou uma das maiores obras de engenharia da Ásia na década de 1990 e foi a mais importante infra-estrutura a ser construída pela Administração portuguesa em Macau. Há 20 anos o aeroporto era oficialmente inaugurado, depois de quase oito décadas falhadas da conquista de uma terceira 'fronteira'

Cristina Morais substitui Echo Chan no Fórum Macau

Cristina Morais, antiga chefe do Departamento de Relações Económicas Externas da Direcção dos Serviços de Economia de Macau, é a nova coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Licenciada em Gestão de Empresas e com um mestrado na mesma área, Cristina Morais iniciou funções no início de Novembro, substituindo Echo Chan, que saiu por motivos "pessoais e familiares". O secretariado permanente é composto por um secretário-geral (Chang Hexi, indicado pelo Governo Central) e dois secretários-gerais-adjuntos (Vicente Manuel, indicado pelos países de língua portuguesa, e Cristina Morais, indicada pelo Governo de Macau). Integram ainda o secretariado delegados de sete países de língua portuguesa.



RAEM quer cooperar com Zhejiang no âmbito da economia do mar

O Fundo da Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa tem potencial para promover o desenvolvimento da indústria da pesca entre a Província de Zhejiang e os países lusófonos, defendeu o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, durante um encontro com o Secretário do Comité provincial de Zhejiang do Partido Comunista da China, Xia Baolong. A cooperação entre Macau e Zhejiang no âmbito da economia do mar e da formação de pessoal qualificado deve ser reforçada, disse ainda o responsável durante a visita àquela província. O Secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong, que fez parte da delegação, afirmou que a experiência da cidade de Zhoushan no desenvolvimento da economia do mar é uma boa referência para Macau.



COSTA ANTUNES VAI ASSESSORAR PROJECTOS DE CONSTRUÇÃO PARA A SAÚDE E CULTURA

João Manuel Costa Antunes vai acompanhar os projectos de construção sob a tutela do secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Alexis Tam. O antigo director dos Serviços de Turismo e coordenador do Grande Prémio de Macau será responsável pelo centro multidisciplinar previsto para o local onde está o antigo Hotel Estoril e pelo Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas. Engenheiro de formação, Costa Antunes chegou a Macau em 1983 para trabalhar como assessor do então secretário-adjunto para o Ordenamento, Equipamento Físico e Infra-estruturas da Administração Portuguesa. Em 1989 foi nomeado diretor dos Serviços de Turismo, cargo que deixou em 2012.

NÚMEROS

150
NÚMERO DE EXPOSITORES DOS PAÍSES LUSÓFONOS NA FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU

-2,72%
VALOR DA QUEDA DO ÍNDICE DE PREÇOS DE TURISMO NO 3.º TRIMESTRE DE 2015

*** comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos**

"CHAPAS SÍNICAS" CANDIDATAS A MEMÓRIA DO MUNDO DA UNESCO

Portugal e Macau vão apresentar uma candidatura conjunta ao registo da Memória do Mundo da UNESCO. Em causa estão os mais de 3600 documentos que integram a colecção "Chapas Sínicas", que faz parte do acervo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. "Documentam e ilustram as relações luso-chinesas desenvolvidas entre o procurador do Leal Senado de Macau e as diversas autoridades chinesas, abrangendo cronologicamente um período entre 1693 e 1886", explica um comunicado do Governo de Macau. O programa Memória do Mundo tem como objectivo preservar a herança documental da Humanidade, e inclui perto de 350 arquivos de vários países.





RAEM celebra 66.º aniversário da RPC

Macau assinalou no dia 1 de Outubro os 66 anos da implantação da República Popular da China com várias actividades culturais e desportivas. O dia começou com o içar da bandeira na Praça de Lótus Dourado, onde estiveram presentes o Chefe do Executivo, Chui Sai On, personalidades locais e representantes do Gabinete de Ligação do Governo Central, do Comissariado do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Guarnição do Exército de Libertação Popular. Ao longo do dia foi organizada a prova "Correndo em Comemoração do Dia Nacional e do Dia Mundial da Marcha 2015", uma recepção oficial, um sarau desportivo e uma apresentação do Grupo Acrobático de Dalian. O dia terminou com o Concurso Internacional de fogo-de-artifício.

IPIM vai abrir representação permanente em Portugal e no Brasil

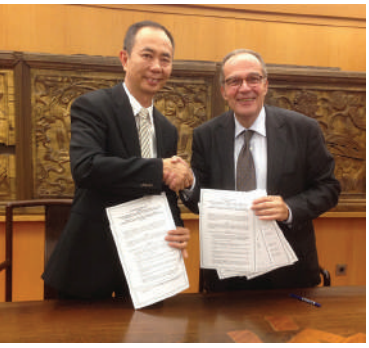
O Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM) planeia abrir uma representação permanente até Março em Portugal para "ajudar os empresários de pequenas e médias empresas de Macau e da China a entrarem em Portugal primeiro e depois, mais tarde, em outros países de língua portuguesa", explicou a vogal executiva do IPIM, Glória Batalha. O plano prevê a cooperação com a Delegação Económica e Comercial de Macau na capital portuguesa. A segunda fase do projecto será no Brasil, prevendo-se a abertura de uma representação até ao final de 2016.



4,3 MILHÕES
DE PASSAGEIROS NO AEROPORTO DE MACAU ENTRE JANEIRO E SETEMBRO (+6%)

+63,2%
SUBIDA DO VALOR DAS OBRAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL EM MACAU EM 2014

246.452
VEÍCULOS REGISTADOS EM MACAU ATÉ FINAIS DE SETEMBRO (+4,3%)



IC e Centro Científico e Cultural assinam acordo de cooperação

O presidente do Instituto Cultural de Macau, Ung Vai Meng, e o presidente do Centro Científico e Cultural de Macau em Lisboa, Luís Filipe Barreto, assinaram um protocolo de cooperação entre as duas instituições. O acordo prevê o aprofundamento das relações entre Macau e Portugal através do intercâmbio de informação e colaboração na promoção e divulgação das acções de ambas as instituições, actividades de co-edição de estudos, fontes, artigos, catálogos, em línguas portuguesa, chinesa e inglesa. Ao abrigo deste protocolo, Portugal vai acolher para o ano a "Exposição Refugiados de Xangai-Macau (1937-1964)", actualmente patente ao público no Arquivo Histórico de Macau.

DST LEVA AZULEJOS PORTUGUESES E LANTERNAS CHINESAS ATÉ NOVA IORQUE

A promoção de Macau como destino de viagem em Nova Iorque é a primeira iniciativa turística de grande escala organizada pela Direcção dos Serviços de Turismo naquela cidade norte-americana. O objectivo é atrair novos visitantes internacionais a Macau. A campanha realizou-se na primeira semana de Outubro e teve lugar na Grande Estação Central de Manhattan por onde passam diariamente cerca de meio milhão de pessoas. Os nova-iorquinos tiveram oportunidade de experimentar iguarias da cozinha macaense e pintar azulejos portugueses ou lanternas chinesas durante a campanha. No ano passado entraram em Macau mais de 180 mil visitantes oriundos dos EUA, o décimo maior mercado de visitantes.



Ensino de português na China cresce à conta do Brasil e dos PALOP

A oferta de cursos de português como Língua Estrangeira nos estabelecimentos de ensino superior na China continua a crescer: de 19 planos de estudo, em 2012, passaram a 28, em 2015. Os dados figuram na última edição da revista *Portu-nês* e foram compilados por Liu Gang, que leccionou na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, no Instituto Português do Oriente e no Instituto Politécnico de Macau. "Tem que ver com o desenvolvimento económico do Brasil e dos PALOP. Tem vindo a aumentar a procura de intérpretes/tradutores não só mas também por profissionais de língua portuguesa na China", referiu Liu Gang. Já o corpo docente das universidades que ensinam português contava, no ano passado, com 39 chineses e 18 estrangeiros. A maioria dos professores nativos chega de Portugal e do Brasil.



Taiwan vence concurso internacional de fogo-de-artifício

A Yung-feng Firecrackers & Fireworks de Taiwan venceu a 27.ª edição do Concurso Internacional de Fogo-de-Artifício de Macau. O concurso, organizado desde 1989, contou este ano com a participação de dez equipas. Portugal esteve representado pelo Grupo Luso Pirotecnia.

YE DABO É O NOVO COMISSÁRIO LOCAL DO MNE CHINÊS

O Governo Central nomeou Ye Dabo para substituir Hu Zhengyue no cargo de Comissário do Ministério dos Negócios Estrangeiros do país em Macau. Durante a tomada de posse, o responsável garantiu que irá dirigir o Comissariado com vista à aplicação eficaz do princípio "Um País, Dois Sistemas". O novo comissário nasceu em Quanzhou, na província de Fujian, e entrou para o MNE em 1986, tendo também passado por Taiwan e Estados Unidos.

PORTAL DIGITAL MACAU-CHINA INAUGURA VERSÃO CHINESA

A versão em chinês do Portal Digital Macau-China, um projecto do Observatório da China com cerca de 140 mil páginas digitalizadas de descrições portuguesas desses dois territórios dos séculos XVI ao XIX, foi apresentada em Lisboa. "A importância deste projecto tem que ver com o facto de, a partir de agora, Macau ficar à distância de um clique de qualquer cidadão que tenha acesso à Internet", disse Rui D'Ávila Lourido, presidente do Observatório da China. Na sessão de apresentação da nova versão do portal (www.fontesmacau.observatoriodachina.org), Lourido sublinhou o papel pioneiro de Macau "na transferência e interinfluência de conhecimentos técnico-científicos – botânicos, medicinais, geográficos e cartográficos, político-sociais e culturais entre o mundo ocidental e a Europa em particular com a China". A Biblioteca Digital sobre Macau pretende ser um instrumento pedagógico ao serviço da comunidade académica e população interessada para divulgar informação "de forma clara, simples e gratuita, mas rigorosa e científica", afirmou o responsável.

CARETOS DE PODENCE REPRESENTAM PORTUGAL NA PARADA LATINA

O grupo transmontano Caretos de Podence vai representar Portugal em Macau durante a Parada Latina, que se realiza em Dezembro por ocasião das comemorações do estabelecimento da RAEM. É a primeira vez que o grupo viaja até ao Oriente, trazendo a Macau uma comitiva composta por 20 elementos. Os Caretos de Podence são o símbolo das festas de Carnaval e encerram as tradicionais Festas dos Rapazes de Trás-os-Montes, que começam na época de Natal com a presença dos típicos mascarados.



IPM distingue Durão Barroso

Durão Barroso recebeu o título de professor coordenador honorário do Instituto Politécnico de Macau. O ex-primeiro-ministro de Portugal realçou que o título "tem um significado especial" por ser "o reconhecimento de um contributo". Durão Barroso, que também se reuniu com o Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, tinha estado pela última vez no território há dois anos por ocasião do 20.º aniversário da assinatura do Acordo de Comércio e Cooperação União Europeia-Macau. A RAEM "está no bom caminho", sublinhou o antigo líder da Comissão Europeia.



Criada comissão para a Construção do Centro Mundial de Turismo

O novo organismo, oficializado em Outubro através de um despacho do Governo, tem como missão realizar estudos e traçar planos globais para a construção do Centro Mundial de Turismo e Lazer em Macau, assim como coordenar a elaboração do plano nos próximos cinco anos, implementar o regime de verificação periódica do plano a médio prazo e emitir instruções em relação aos demais assuntos relacionados com o turismo. O Chefe do Executivo, Chui Sai On, vai presidir à comissão, que tem ainda como membros os detentores das pastas da Economia e Finanças, Transportes e Obras Públicas, e Assuntos Sociais e Cultura. Representantes do Gabinete do Chefe do Executivo e elementos do Gabinete de Estudo das Políticas do Governo também integram a estrutura.



UMAC atribui cinco doutoramentos honorários

A Universidade de Macau distinguiu este ano cinco personalidades pelo contributo prestado à sociedade. Mario Capeshi, Prémio Nobel da Medicina em 2007, vai ser agraciado com o título de doutor em Ciências, ao lado do chinês Zhong Nanshan, membro da Academia Chinesa de Engenharia. Já o empresário local Ma lao Pai vai receber o título de doutor em Finanças. Iniciou uma série de programas em Macau e Interior da China de combate à pobreza, apoio à escolaridade, a crianças órfãs e aos mais desfavorecidos. O escritor chinês Pai Hsien-yung, a quem será conferido o grau de doutor em Letras, é mestre pela Universidade do Iowa, tem vários livros publicados, obra traduzida em inúmeras línguas e distinguiu-se na promoção da cultura chinesa. Já Tsui Lap-Chee vai receber o título de doutor em Educação. Doutorado pela Universidade de Pittsburg, Lap Chee foi geneticista-chefe e director do programa de genética e biologia genómica do Instituto de Investigação do Hospital Para Crianças Doentes e co-fundador do Centro de Genómica Aplicada.



PRINCIPAL DADOR DE SANGUE CONTINUA A SER PORTUGUÊS

O título de principal dador de sangue em Macau continua a pertencer ao português Paulo Rosa Rodrigues, com 118 dádivas efectuadas. Todos os anos os Serviços de Saúde realizam uma cerimónia que distingue os dadores, como aconteceu no ano passado, quando Paulo Rosa Rodrigues foi homenageado pelas 115 vezes que deu sangue.

André Couto campeão no Japão

André Couto sagrou-se vencedor do campeonato japonês de Super GT 300 na penúltima ronda, depois de ter alcançado o segundo lugar no circuito de Autopolis. O piloto português de Macau, que corre pela equipa Gainer Tanax ao lado do japonês Katsumasa Chiyo, dedicou a vitória a todos os apoiantes, e em especial ao filho Afonso, que faleceu há cinco anos vítima de leucemia linfoblástica aguda.



CIDADE MINIATURA EM 120 MIL PEÇAS DE LEGO

O átrio do edifício Ritz no Largo do Senado e o Centro de Ciência acolhem até ao final de Dezembro uma exposição da LEGO montada exclusivamente para Macau.
A "Macau x LEGO" resulta de uma parceria entre a Direcção dos Serviços de Turismo com a LEGO Hong Kong. No edifício Ritz podem ser vistos modelos de atracções turísticas locais, como o Largo do Senado ou as Ruínas de São Paulo. No Centro de Ciência estão em exposição réplicas do circuito do Grande Prémio, da Torre de Macau e outros produtos da marca.



BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O ***Banco Nacional Ultramarino*** *é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.*

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU optimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大 西 洋 銀 行



— Desde 1902 —



LAG 2016

Apoios sociais em tempos de austeridade

Nas segundas Linhas de Acção Governativa marcadas pela descida das receitas do jogo, a austeridade volta a reflectir-se nas medidas anunciadas pelo Governo de Macau. Durante a apresentação das políticas para 2016, o Chefe do Executivo, Chu Sai On, deixou claro que o bem-estar da população é a prioridade e anunciou um pacote de subvenções e comparticipações no valor de 11,7 mil milhões de patacas

T CATARINA DOMINGUES

NO DIA em que Chui Sai On se sentou no salão principal da Assembleia Legislativa de Macau para apresentar as Linhas de Acção Governativa (LAG) para o próximo ano, foi directo ao assunto: é necessário desenvolver a economia e melhorar as condições de vida da população.

Para o ano há menos dinheiro para gastar: a RAEM vai ter um orçamento de 103,251 mil milhões de patacas – um decréscimo de 14 por cento em relação ao ano passado. A descida, reflexo do momento económico, apanha Macau no 17.º mês consecutivo de quebras no sector do jogo, principal fonte das receitas públicas.

A manutenção do Programa de Comparticipação Pecuniária, em vigor desde 2008, foi logo a primeira medida anunciada pelo Chefe do Executivo. Os valores atribuídos no ano anterior – 9000 patacas para os residentes permanentes e

FISCALIZAÇÃO DO JOGO E DOS PROMOTORES

O desenvolvimento da economia de Macau continua a enfrentar "grandes desafios", sublinhou Chui Sai On no discurso de apresentação das LAG. Nos dez primeiros meses de 2015, as receitas brutas do jogo totalizaram 196,07 mil milhões de patacas, representando uma queda de 35,5 por cento em comparação com o período homólogo do ano passado. "Quanto às perspectivas da conjuntura da economia de 2016, a procura externa será mantida em desaceleração, existindo ainda riscos de degradação da economia mundial. A estrutura das nossas indústrias irá sofrer uma pressão de ajustamento ainda maior", referiu.

As LAG para 2016 ficam também marcadas pelo encerramento de salas VIP. O Chefe do Executivo afirmou a necessidade de regulamentar o sector, de analisar a exploração e o funcionamento das salas VIP e de estudar o reforço da sua fiscalização. "Iremos regulamentar a exploração dos promotores [de jogo], prevenindo e reprimindo as ilegalidades do sector."

Já durante a sessão de perguntas e respostas com os deputados, o líder do Governo da RAEM realçou que as estimativas do jogo continuam a ser conservadoras. No entanto, Chui Sai On acredita que o sector está a dar passos na diversificação da economia, com projectos de grande envergadura a contemplarem um maior número de atracções não jogo.



GCS

5400 patacas para os não permanentes – mantêm-se, e o mesmo acontece com a atribuição dos vales de saúde, no valor de 600 patacas.

O Executivo vai, além disso, aumentar o valor dos subsídios atribuídos aos idosos, portadores de deficiências e estudantes economicamente carenciados. Este pacote de apoios sociais e comparticipações vai custar aos cofres da RAEM um total de 11,7 mil milhões de patacas.

Já no início do ano, os funcionários públicos vão ter aumentos salariais de 2,53 por cento. "Ouvidas as opiniões e sugestões das associações de trabalhadores, dos serviços públicos e da comissão de avaliação das remunerações dos trabalhadores da Função Pública, o Governo propõe-se aumentar as remunerações já no próximo mês de Janeiro, passando cada ponto do índice da tabela salarial para 81 patacas", declarou Chui Sai On. Trata-se da menor actualização desde 2007 e encontra-se abaixo da inflação que, segundo dados oficiais, atingiu nos 12 meses terminados em Setembro 5,08 por cento. ■

APOIOS SOCIAIS E COMPARTICIPAÇÕES EM NÚMEROS

PACOTE TOTAL: MOP 11,7 MIL MILHÕES

- Mantém-se valor da Comparticipação Pecuniária para residentes permanentes/ não permanentes – MOP 9000 / MOP 5400
- Mantém-se valor da Comparticipação nos Cuidados de Saúde – MOP 600
- Subsídio para idosos – MOP 8000 (+ MOP 500)
- Índice Mínimo de Subsistência – MOP 4050 (+MOP 130)
- Subsídio de Invalidez Normal/Especial – MOP 8000 (+MOP 500) / MOP 16.000 (+MOP 1000)
- Subsídio de Alimentação para estudantes carenciados – MOP 3400 (+MOP 200)
- Subsídio de Aquisição de Material Escolar do ensino infantil e primário/ensino secundário – MOP 2200 (+MOP 100) / MOP 2900 (+MOP 200)
- Subida de salários na Função Pública – 2,53%

MAIS HABITAÇÃO PÚBLICA

De acordo com o Chefe do Executivo, a habitação figura-se também como uma prioridade governativa – a começar pela questão da habitação pública. A reserva de cinco lotes de terreno com vista à construção de mais de 4000 fracções consta dos planos do Governo, que se diz "empenhado na procura de terrenos": "Para além dos 22 terrenos cuja concessão foi declarada caduca, existem ainda casos que se encontram em fase de análise. Os terrenos não aproveitados, desde que recuperados com sucesso no futuro, serão prioritariamente aproveitados para a construção de habitações públicas".
No que diz respeito à criação de um terceiro tipo de habitação pública para além da económica e social, o Chefe do Executivo anunciou que o estudo será concluído até ao final deste ano e só depois será tomada uma decisão.
As obras de aterro na Zona A dos Novos Aterros, poderão vir a ser adiadas devido "à questão relacionada com o fornecimento de areia e em articulação com as obras da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau", adiantou ainda o chefe do Governo da RAEM.

APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

Num momento de ajustamento económico, foi anunciado o aumento do montante máximo da garantia do Plano de Garantia de Créditos a Pequenas e Médias Empresas (PME), de cinco para sete milhões de patacas. Também as PME que beneficiam do Plano de Apoio a Pequenas e Médias Empresas que tenham reembolsado integralmente os subsídios anteriormente concedidos, terão oportunidade de acesso pela segunda vez à atribuição deste apoio com o limite máximo de 600 mil patacas.
"Para diminuir os riscos das actividades comerciais das PME, será concretizada a criação do regime de seguro de créditos para a importação, exportação e trânsito de mercadorias", acrescentou.
No encontro com os membros da Assembleia Legislativa, o deputado Chan Chak Mo questionou ainda o Executivo sobre políticas de incentivo ao consumo interno. Chui Sai On disse que estão a ser estudadas medidas, nomeadamente a atribuição de vales de consumo em restaurantes.



LANÇAMENTO DO PROGRAMA "MIL TALENTOS"

O desenvolvimento de talentos voltou este ano a ser um conceito chave no discurso de Chui Sai On, que quer criar melhores condições para a formação de uma geração jovem "imbuída do espírito da perseverança, competitiva e com mais sentido de responsabilidade". O reforço da formação e o aproveitamento de quadros qualificados são "fundamentais", referiu, acrescentando que no quadro das prioridades governamentais está também o reforço da formação de quadros bilingues em chinês e português.
Além da organização de actividades de cooperação entre as instituições de ensino superior de Macau e Portugal, deverá ser estudada a concessão de um subsídio para apoiar a formação de talentos qualificados e a cooperação na investigação pedagógica.
Brevemente prevê-se também o lançamento do "Programa de Mil Talentos", seleccionando-se anualmente mil pessoas de Macau para participarem em actividades de intercâmbio a realizar no interior da China.

MACAU E TAIPA COM NOVA LIGAÇÃO

A quarta ligação entre a península de Macau e a ilha da Taipa deverá ser feita através de uma ponte, declarou o Chefe do Executivo na apresentação das políticas para a região, admitindo, porém, que ainda não há uma data para avançar com este projecto. "Na fase seguinte, serão elaborados vários relatórios de avaliação necessários para o início das obras", disse. Em cima da mesa estiveram duas hipóteses para a quarta travessia: uma ponte ou um túnel.
Aos deputados, Chui Sai On esclareceu que vai ser permitida a passagem de motociclos, embora não seja claro se a travessia terá uma via de passagem durante períodos de tufão, à semelhança da Ponte Sai Van.

GCS



Frente jovem

Como diz o ditado, a união faz a força. Os jovens do mundo lusófono estão a criar associações próprias com uma forte componente empresarial, mas não só – língua e cultura também são usados para criar laços. O objectivo é explorar oportunidades de negócios com a China e usar Macau como uma plataforma para se chegar mais longe

T ALEXANDRA LAGES

EM MOÇAMBIQUE, Portugal e Macau, há jovens que arregaçaram as mangas e decidiram trilhar o seu próprio caminho. Actualmente, existem três associações de jovens lusófonos que, embora contem com poucos anos de existência, se destacam pelo dinamismo e resultados obtidos num curto espaço de tempo.

A mais recente é a Câmara do Comércio Juvenil de Moçambique (CCJM), que foi fundada em Maio de 2014 por um grupo de empresários de origem moçambicana. Macau tem já lugar nas páginas da história desta associação, porque serviu de rampa de lançamento da nova associação quando esta participou na Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla inglesa), no ano passado.

Wilma Gonçalves é a secretária-geral da câmara de comércio de jovens. A dirigente explica que o grande objectivo da CCJM é promover os negócios dos jovens empresários de Moçambique, tirando partido das diversas valências de cada membro. "A associação foi fundada por um grupo de jovens empresários que chegou à conclusão de que as muitas oportunidades de negócios existentes no país poderiam ser melhor aproveitadas pelos jovens se fossem criadas as condições necessárias, tais como o acesso a informação, formação, apoio institucional e apoios financeiros", explica.

A CCJM tem cerca de 20 membros. Muitos deles representam mais que uma empresa. As principais áreas de negócios são saúde, construção, marketing, imobiliário, comércio online, formação, turismo, logística e tecnologias de informação. A associação espera ultrapassar os 100 associados até ao final deste ano. A participação na MIF ajudou a promover a imagem da câmara, que tem tido uma resposta positiva dos jovens empresários moçambicanos, conta Wilma Gonçalves.

A CCJM espera também facilitar a integração dos jovens na área empresarial, criar o acesso a uma rede de contactos, bem como reunir informação de oportunidades de negócios e carteira de investidores. Um dos grandes objectivos é criar condições mais favoráveis para os membros em diversos serviços essenciais para as suas empresas, através de acordos e protocolos com diversas entidades e empresas públicas e privadas, promovendo o empreendedorismo, a educação, a formação e os negócios na camada jovem. "Neste momento, os nossos esforços estão direccionados para o crescimento da associação através de criação de memorandos e protocolos com outras associações e ins-



tituições, criando mais vantagens para os membros actuais e futuros. E a aceitação e apoio tido tem superado as expectativas," explica.

Macau como plataforma

A nível local, a CCJM está a preparar memorandos de entendimento com instituições governamentais e alguns protocolos com empresas privadas que pretendem apoiar os membros nos seus negócios, como serviços de contabilidade, gestão de software, logística e agricultura. A nível internacional, foi assinado protocolo com a Associação de Jovens Empresários Portugal-China (AJEPC) que permitiu a participação da CCJM numa missão empresarial que incluiu a MIF em 2014 e diversos acordos com plataformas logísticas e entidades governamentais chinesas que irão facilitar a exposição e exportação de produtos moçambicanos para a China. Os jovens empresários lusófonos obtiveram também o apoio da embaixada e do consulado moçambicano na China em todos os negócios que os membros pretendam realizar no país.

"Macau serviu como rampa de lançamento para a CCJM, porque permitiu mostrar a nossa capacidade organizativa, obter contactos e uma carteira de investidores e fornecedores que serão uma mais valia em Moçambique. Pessoalmente, fui a Macau duas vezes em 2014 para estabelecer contactos. A CCJM fez a sua primeira viagem em 2014 para a China, com visitas a Macau, Zhuhai, Nanshan, Shenzhen, Jiangmen, Hangzhou e Pequim," sublinha a dirigente.

A associação pretende erra-









dicar a ideia da China como apenas fornecedor e mostrar o lado consumidor, com necessidades que o mercado moçambicano consegue suprir dado as suas potencialidades nos diversos sectores. "Estando Moçambique numa fase de franco crescimento, existe cada vez mais necessidade dos produtos chineses processados. Dada a dimensão da China, existe uma necessidade imensa de produtos consumíveis e de matéria-prima, que Moçambique pode suprir," aponta Wilma Gonçalves.

Este ano, a CCJM tem em mente diversos projectos tanto a nível nacional como internacional. O grupo planeia enviar produtos moçambicanos para a China e uma exposição das empresas dos seus membros em plataformas logísticas chinesas, como resultado da visita efectuada em 2014. Está ainda prevista a organização de algumas visitas empresariais e a realização de eventos em Moçambique para empresários, produtos e serviços moçambicanos, portugueses e chineses. "Pretendemos continuar a criar parcerias com associações de jovens locais e estrangeiras, de modo a alargar a rede de contactos pelo mundo, focando no próximo ano nos PALOP, países vizinhos e na China."

Não cair no esquecimento

A AJEPC tem quase três anos de existência, mas destaca-se pelo dinamismo. O presi-



A AJEPC tem quase três anos de existência, mas destaca-se pelo dinamismo. É formada por empresários portugueses, macaenses e chineses

dente, Alberto Carvalho Neto, conta que a associação é formada por um grupo de jovens empresários portugueses, macaenses e chineses que "concluíram que tinham os mesmos objectivos e ambições e que era necessário incrementar as relações entre os países de língua portuguesa e a China, sendo que Macau seria a porta de entrada para a China e Portugal o 'passaporte' para os investimentos chineses nos países de expressão portuguesa e União Europeia".

O grupo sentia que teria que se fazer mais pela relação entre as partes envolvidas e para poder crescer nas bases de contactos institucionais. O resultado foi a criação da associação sem fins lucrativos em 2012. Alberto afirma que o principal foco da AJEPC é a promoção e cooperação estratégica, estimulando as trocas comerciais, condições de investimentos e eventos culturais.

A associação foi crescendo quer em número de membros directos, quer por acordos de colaboração com outras associações homólogas na China e associações comerciais e empresariais em Portugal. Até ao final de 2014, a AJEPC tinha mais de 140 membros e 11 chefes de delegações na China, que são na sua maioria presidentes de associações de jovens ou associações empresariais radicados no país. "Os acordos de cooperação tornaram-se a nossa base de contactos na China e constituem hoje elementos de facilitação e estimulação das relações triangulares Portugal-Macau-China", diz, apresentando as expectativas a médio prazo: "Pretendemos ter um chefe de delegação por zona geográfica que em função da importância da mesma, o que pode respeitar ao nível provincial ou de cidade"

Cerca de 25 por cento dos membros da associação estão ligados ao sector alimentar; os restantes vêm de áreas tão diversas e importantes investimentos, energias renováveis, consultoria, imobiliário ou moda. Alberto Carvalho Neto faz um balanço positivo dos primeiros anos de vida da associação. "Tem feito muito mais pela promoção e pelo incremento das relações comerciais [entre a China e os países de língua portuguesa]





JOVENS DINÂMICOS

Wilma Gonçalves
Secretária-geral da CCJM, 30 anos, é luso-moçambicana e engenheira civil de profissão. Viveu 12 anos em Portugal e regressou a Moçambique em 2014. "Descobri em Moçambique um mercado dinâmico, onde cada dificuldade poderia ser transformada numa oportunidade. O crescimento do país tem estado a trazer inovação, diversidade cultural e a criação de novas necessidades. Daí ter decidido que apenas um emprego poderia ser redutor, com tanto por explorar." Além de trabalhar como directora comercial numa empresa do grupo Meridian, tem a sua uma empresa própria de representação de marcas de produtos moçambicanos e uma sociedade familiar numa empresa de construção.

Alberto Carvalho Neto
Presidente da AJEPC, 30 anos, esteve sempre ligado a projectos sociais, de associativismo, cooperação e iniciativas empresariais. Vem de uma família tradicional portuguesa, sendo o terceiro de cinco filhos. "Sempre gostei de desportos colectivos e espírito de grupo, pertencendo ao Grupo de Forcados Amadores das Caldas Rainha e tendo jogado na equipa de Rugby de Vila Real."

Duarte Alves
Presidente da AJM, 31 anos, pertence à quarta geração da família Alves em Macau. Estudou e teve as primeiras experiências profissionais fora de Macau, onde permaneceu durante dez anos. "Regressei a Macau em 2009, com uma passagem por Pequim para aprender mandarim e perceber de perto a cultura da capital." Desde então está envolvido em várias áreas profissionais como engenharia automóvel, restauração e consultadoria empresarial. Tem também dado o seu contributo à RAEM ao estar envolvido em associações sociais e desportivas.

do que inicialmente se pensou ser possível."

Segundo o presidente da AJEPC, a organização tem realizado "inúmeros" acordos de colaboração com diversas associações congéneres, prestado apoio no estabelecimento de zonas de livre comércio na China, bolsas de contacto, apoio aos associados chineses com escritório gratuito em Portugal, apoio aos portugueses em Macau, Hong Kong e China, seminários mensais em Portugal e China que pretendem ser um espaço de *networking* e partilha de experiências, com o objectivo de criar músculo empresarial e estratégico no sentido de evitar erros e dar passos mais sustentados no caminho da internacionalização para a China.

"A China é um mercado enorme, com grande potencial mas extremamente complexo e baseado nas relações pessoais. Quem não aparece é esquecido, e por isso estamos presentes todos os meses com acções bilaterais, aproximando culturas, reforçando contactos, desenvolvendo relações e conhecimento mútuo e assim gerando plataformas para os empresários desenvolverem os seus negócios", explica.

É por isso que o empresário visita Macau com uma regularidade mensal. Durante estas visitas, Alberto passa sempre mais tempo no Interior do País. Para ele, "Macau tem um papel importantíssimo nas triangulações, representando uma porta de entrada indiscutível para Portugal e uma importante plataforma para a China chegar aos países de língua portuguesa". A AJEPC organiza várias acções em Macau, mas, salienta o responsável, "o forte acaba por

ser no Interior da China, sobretudo em regiões 'mais esquecidas' e que aumentam o potencial de sucesso das nossas incursões".

Durante este ano, a associação pretende continuar a promover as relações triangulares, principalmente em cidades secundárias e terciárias chinesas, bem como aproximar-se ainda mais dos grandes pólos como Xangai e Pequim que começam agora a atrair a AJEPC devido às relações cimentadas com empresários locais.

Juventude macaense

A Associação dos Jovens Macaenses (AJM) também foi formada em 2012 e está sobretudo concentrada na promoção da língua portuguesa e da cultura macaense nas diversas regiões da China. O presidente da AJM é Duarte Alves, filho de um dos principais representantes da comunidade macaense em Macau, Leonel Alves. "Neste momento, não temos objectivos empresariais. Queremos construir plataformas de comunicação entre os jovens macaenses residentes em Macau, proporcionar oportunidades para nos encontrarmos e falarmos de tudo o que nos importa, seja ao nível social, profissional, cultural ou de entretenimento," afirma.

A associação pretende também dar a conhecer melhor aos jovens macaenses a língua, cultura e história da República Popular da China. Há mais de uma centena de associados e a adesão às actividades "tem demonstrado que este é um projecto pertinente, que demonstra uma vontade de todos e cujo sucesso é medido precisamente pelo grande envolvimento que suscitam as nossas actividades".

A AJM tem sido convidada pelo Gabinete de Ligação do Governo Central na RAEM, desde a sua fundação, a conhecer as comunidades jovens de várias regiões da China como Pequim, Tianjin e da Província de Hunan. Por outro lado, a AJM também teve a oportunidade, em Junho de 2014, de levar representantes das várias comunidades de jovens de Macau a conhecerem Portugal pela primeira vez. "Foi uma oportunidade para, nós jovens macaenses, darmos a conhecer de perto a história e cultura de Portugal como também de realçar a razão da ligação que Macau tem com Portugal e na importância que temos como plataforma para a ligação entre a China e os países de língua portuguesa." Este ano, a AJM organizou pela terceira vez o Encontro dos Jovens Macaenses, com 50 representantes das 12 casas de Macau espalhadas pelo mundo. ■

A Associação dos Jovens Macaenses (AJM) foi formada em 2012 e está sobretudo concentrada na promoção da língua portuguesa e da cultura macaense






cacao
cacao
cacao



PME

Pérolas da doçaria francesa

T NUNO G. PEREIRA
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Três chineses de Macau apostaram no talento de um chefe de pastelaria francês. O investimento inicial foi comedido, para ver o quanto a clientela local gostava dos doces de inspiração gaulesa. Só que as filas à porta foram imediatas e obrigaram a Cacao Patisserie a crescer depressa

A MEIO do século XVIII, o povo francês estava revoltado com falta de pão. Maria Antonieta, mulher do rei Luís XIV, mandou-os comer brioches. Os historiadores desmentem tal momento, mas a frase, tanto nessa versão como na similar "não têm pão, comam bolos", ganhou vida eterna. Sabe-se no entanto que a rainha era mesmo gulosa, especialmente quando a iguaria era um pratinho (ou dois) de *macarons*, aqueles pequenos prazeres crocantes por fora e suaves no recheio. Em Macau não se vislumbra povo revoltado, mas, com mais ou menos pão, toda a gente parece adorar pastelaria francesa. Pelo menos a julgar pela crescente oferta na cidade e pelo caso concreto da Cacao Patisserie.

A marca desta pastelaria apresenta-se com dois grãos de cacau, posicionados como um bigode típico francês, ao qual a imaginação do cliente facilmente acrescenta boina e camisola branca com listas azuis. O chocolate, como se adivinha, é dos ingredientes fortes da doçaria à venda, composta acima de tudo por *macarons* e bolos coloridos, criados pelo chefe Baptiste Brichon. Apesar de não ser sócio da empresa, esteve na sua génese. Falou com uma amiga de Macau, ela tinha outra amiga, que era casada com um potencial investidor. Resumindo, três jovens chineses de Macau, Micah Au e as sócias Kong Ka Man e Kuok On Kei, juntaram-se para investir no projecto. E Brichon veio de França até este lado do mundo para concretizar a ideia.

O INVESTIMENTO INICIAL FOI DE 1,2 MILHÕES DE PATACAS, QUE SE RECUPERARAM NUM ÁPICE, GRAÇAS À POPULARIDADE INSTANTÂNEA DA CACAO



A Cacao Patisserie abriu a 4 de Julho de 2014 de forma tímida, com poucos empregados e custos bem controlados. "Tinha um espaço na rua da Barca de um familiar meu, por isso consegui uma renda mais acessível", lembra Micah Au. Os sócios e Brichon estavam optimistas, claro, mas não lhes passava pela cabeça o tremendo êxito que lhes bateu à porta assim que a abriram. "Houve muito mais procura do que esperávamos", conta o chefe de pastelaria, recordando-se das filas de clientes madrugadores. "Um dia juntaram-se mais de 60 pessoas na rua à espera da abertura da loja. Para evitar confusão, tivemos mesmo de começar a dar senhas de atendimento. Em regra, nessa altura demorávamos uma hora a vender a produção toda do dia. O que fizemos, logicamente, foi aumentá-la. Agora, como temos mais oferta, as pessoas sabem que podem vir um pouco mais tarde. Graças a isso, já não precisamos das senhas, as vendas decorrem com normalidade ao longo do dia. No início éramos três pessoas na cozinha, agora somos oito."

Planos de expansão

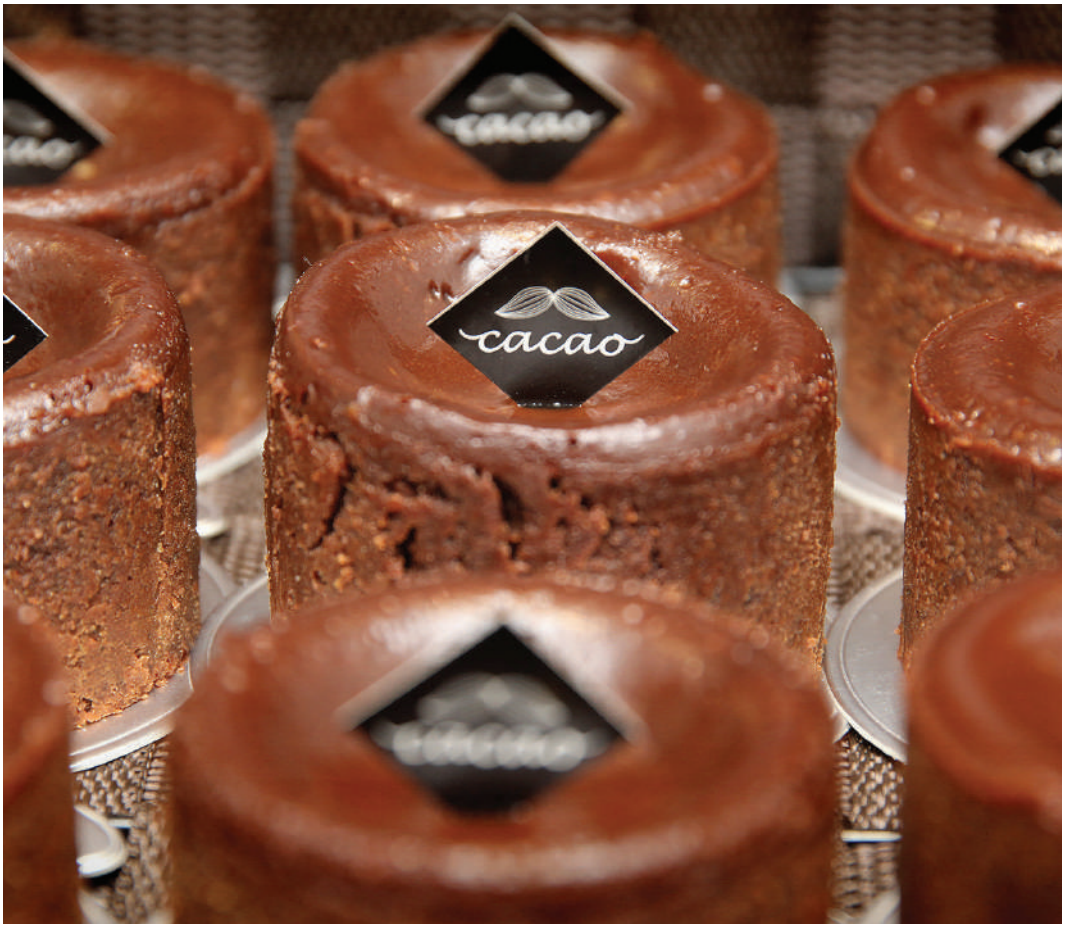
O investimento inicial foi de 1,2 milhões de patacas, que se recuperaram num ápice, graças à popularidade instantânea da Cacao. "A operação tornou-se depressa lucrativa", revela Micah Au. "Isso fez com que pudéssemos comprar mais equipamento, contratar novos empregados e abrir uma segunda loja. É mais simples, com produtos fáceis de transportar, por isso só tem, para já, biscoitos, chocolates, *macarons* e gelados."

A expansão da marca Cacao não fica por aqui. "O nosso objectivo é captarmos mais o mercado dos turistas que vêm a Macau, daí a segunda loja, que podemos chamar de loja de *souvenirs*. A expansão passa por aí, abrindo mais lojas deste modelo, nossas ou em regime de *franchise*. Estamos a trabalhar nessa operação, incluindo a possibilidade de abertura de uma loja em Hong Kong."

Micah Au é bastante claro sobre o momento que a marca atravessa, explicando que se não fosse a escassez de recursos humanos a aposta até seria mais forte. "Não conseguimos encontrar pessoal para fazer tudo, precisamos de gente para cozinha e atendimento. O negócio podia desenvolver-se mais depressa se este ponto se resolvesse, porque temos dinheiro para investir e clientes que gostam dos nossos produtos. Já fizemos o requerimento para termos







A Cacao Patisserie abriu em Julho de 2014 de forma tímida, com poucos empregados e custos bem controlados. Meses depois, e com filas de clientes à porta ainda antes da abertura, a cozinha expandiu-se de três para oito pessoas

empregados importados, porque não conseguimos arranjar trabalhadores locais."

Quanto ao êxito, houve algum segredo para fazer os bolos resultarem tão bem perante uma clientela com hábitos diferentes do público francês? Baptiste Brichon garante que não necessitou de grandes mudanças de abordagem. Apenas algumas atenções ao gosto local. "Fazemos os bolos um pouco menos doces, as pessoas aqui em Macau apreciam assim. Por isso, mesmo nos *macarons*, que são receitas que não podemos alterar, tentamos equilibrá-los, por exemplo, com recheios de cremes menos doces. Em França os bolos são mais doces e com mais manteiga. Também se apreciam sabores mais simples, como chocolate, baunilha ou morango, mas aqui as pessoas gostam de propostas mais elaboradas, bolos com sabores especiais."

Entre bolos e *macarons*, Brichon sublinha que todos vendem bem, sem haver uns que sobressaiam. A excepção é o *macaron* de *crème brûlée*, o doce mais procurado pelos clientes que visitam a Cacao. ■



商匯館 MACAO IDEAS

澳門名優商品展示及採購中心

CENTRO DE APOIO E EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS DE MACAU

開放時間

星期一至星期五，早上9時至下午6時
星期六、日及公眾假期休館

Horário de Funcionamento

Segunda a Sexta, 9:00-18:00
Fechado aos fins de semana e Feriados

澳門宋玉生廣場263號「中土大廈」19樓
Alameda Dr. Carlos d'Assumpção, nº 263,
Edif. China Civil Plaza, 19º andar, Macau

http://macaoideas.ipim.gov.mo
853 2870 0620

澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

Macao 商匯館 IDEAS

商匯館 MACAO IDEAS





MOÇAMBIQUE NO FÓRUM DE MACAU

"Através do Fórum podemos alcançar largos horizontes"

T NUNO G. PEREIRA F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Francisca Reino, delegada de Moçambique, realça que o Fórum tem países membros de quatro continentes. Por isso, defende que a instituição deve levar mais longe a dinamização económica, criando espaço para fomentar a internacionalização das empresas dos países de língua portuguesa



"A REPÚBLICA de Moçambique atribui uma importância especial ao papel de Macau, por possuir um legado e valores históricos, linguísticos e culturais comuns aos seus." Francisca Reino, delegada de Moçambique no Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau), acrescenta que o seu país espera que a RAEM intensifique o seu papel de plataforma, nomeadamente através do Fórum. "Para Macau impulsionar a plataforma de serviços entre a República Popular da China e os países de língua portuguesa, entre o tecido empresarial de Macau e as instituições, deve haver mais diálogo entre as partes. Assim, em conjunto, poderão definir a melhor estratégia para que as empresas e as instituições de Macau se envolvam cada vez mais, optimizando o papel de plataforma da RAEM."

"A avaliação que Moçambique faz do Fórum é positiva, pois os objectivos que nortearam a sua criação estão a surtir resultados tangíveis"

Sobre o Fórum, expressa grande satisfação. "A avaliação que Moçambique faz do Fórum é positiva, pois os objectivos que nortearam a sua criação estão a surtir resultados tangíveis. Como resultado desse sucesso, há um salto qualitativo do Fórum, com o desenvolvimento de outras áreas de acção: cooperação no domínio de construção de infraestruturas, recursos naturais, educação,



PROJECTOS REALIZADOS PELA CHINA EM MOÇAMBIQUE

Construção
Edifício do Conselho de Ministros, dois edifícios da Procuradoria-Geral da República.

Agricultura
Centro-piloto de técnicas agrícolas em Umbelúzi, complexo de processamento de produtos agrícolas de Chokwé.

Saúde
Centro para a prevenção e tratamento da malária.

Educação
Quatro escolas técnico-profissionais, projectos de ensino à distância.

Economia
Ampliação e modernização do Aeroporto Internacional de Maputo - Fase I e II, processamento de plantas e aquisição de equipamento e maquinaria do Vale do Zambeze

Telecomunicações
Projecto de cobertura das sedes distritais pela rede de telefonia fixa – TDM

recursos humanos, turismo, rádio, cinema, televisão e desporto, entre outras. Nos dez anos da sua existência notou-se um crescimento assinalável e o reforço das relações entre a China e os países de língua portuguesa, além de uma notável consolidação da sua identidade e maturidade, rumo a um patamar de relevo no domínio económico e de investimento."

Para a delegada, contudo, há ainda imensos desafios pela frente. Até porque com o crescimento da importância e raio de acção do Fórum geram-se também novas oportunidades para agir em prol dos seus países membros. "Poderia fazer mais a nível económico, no sentido de encontrar um espaço onde as associações ou empresas dos países de língua portuguesa pudessem fazer a sua internacionalização. O Fórum é um organismo que tem países em quatro continentes, isso significa que através dele podemos alcançar largos horizontes."

Francisca Reino fala também da criação do conceito "uma plataforma e três centros" como um avanço com muito potencial, que precisa de ser aproveitado. Recorde-se que foi na 4.ª Conferência Ministerial do Fórum, em Novembro de 2013, que o vice-primeiro-ministro da China, Wang Yang, endossou a Macau a construção de um "Centro de Serviços Comerciais para as Pequenas e Médias Empresas da China e dos Países de Língua Portuguesa", um "Centro de Distribuição de Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa" e um "Centro de Convenções e Exposições para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa". Macau ficou assim com uma plataforma de partilha de informações bilin-

gues em chinês e português e o intercâmbio, interacção e cooperação empresarial – "uma plataforma e três centros". "É um grande desafio para os países membros, incluindo a China. Para que esta iniciativa funcione é preciso que a nível dos países de língua portuguesa, nomeadamente Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Timor-Leste, haja uma base de oferta de produtos diversificados. Para que isso aconteça, a prioridade é o investimento nos sectores produtivos (pesca, agricultura, agroprocessamento, agro-indústria), caso contrário corre-se o risco de estes países serem apenas consumidores."

Olhar de futuro

Sobre as expectativas de Moçambique em relação ao que o Fórum pode fazer no futuro, Francisca Reino tem muito a dizer. Por exemplo, como "superar a visão retalhista" no intercâmbio económico, para adoptar uma visão estratégica que se "consubstancie com uma visível presença nos países de língua portuguesa". E explica em concreto como isso deve ser feito. "Através de identificação e implementação de projectos concretos para a promoção de parcerias entre as empresas chinesas e dos países de língua portuguesa, aliando, por outro lado, o investimento directo e a formação de recursos humanos, condição indispensável para sustentabilidade e desenvolvimento social." Condições indispensáveis, sublinha, de sustentabilidade e desenvolvimento social, colaborando para a diversificação económica da relação entre a China e os países de língua portuguesa.



ONDE ESTÃO OS INVESTIMENTOS

Quais os investimentos mais importantes da China em Moçambique?

A participação de Moçambique no Fórum de Macau tem facilitado a sensibilização das autoridades chinesas para o incremento e consolidação da cooperação, tanto a nível bilateral como no próprio Fórum, no domínio económico e de investimentos. Nos últimos anos, mercê desta cooperação frutuosa, foram implementados com sucesso muitos projectos de desenvolvimento, em inúmeras áreas, da agricultura às telecomunicações.

Quais só foram possíveis devido à existência do Fórum?

Praticamente todos os projectos são no âmbito bilateral. No entanto, temos a destacar uma empresa chinesa que está a implementar a construção de seis mil casas de baixo custo.

Moçambique tem investido na China?

Não existe investimento de Moçambique na China. Esta é uma das metas a que nos propomos alcançar, de forma a dar maior substância a este intercâmbio económico que se pretende com a China. E a Plataforma Macau é um ponto estratégico para esse efeito.

A acção de dinamização económica do Fórum está sempre presente no discurso da delegada, que a vê como algo cada vez mais abrangente. "O Fórum deve oferecer uma plataforma fundamental a toda uma vasta gama de serviços nos diversos sectores que movimentam a relação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. No campo das engenharias e da indústria farmacêutica, por exemplo, muitas empresas chinesas têm difícil acesso aos mercados nos países lusófonos, por falta de conhecimento e incapacidade de adaptação a normas, regulamentos e diversa legislação (o que, aliás, também acontece noutras áreas). O Fórum poderia abraçar estas oportunidades envolvendo os seus muitos quadros lusófonos com qualificação reconhecida, para dar a ajuda indispensável aos mais variados investimentos comerciais."

A formação é outro domínio onde Francisca Reino salienta a importância da instituição. "Tanto de curta duração como a nível universitário, temos tido sucessos, mas ainda há muitos desafios no que concerne a áreas técnicas fundamentais para os nossos países." No geral, acrescenta, o Fórum tem passos concretos que deve concretizar a curto prazo. Como a institucionalização do Estatuto Operacional do Secretariado Permanente do Fórum de Macau. "Para garantir uma melhor dignificação no desempenho das suas actividades, tendo em conta os objectivos para os quais foi criado."



Ser delegada no Fórum é para Francisca Reino uma grande responsabilidade, mas também um cargo muito estimulante, pois permite-lhe contribuir para realizar um sonho que leva no coração: ver Moçambique passar de "país menos avançado para país em desenvolvimento". O que só acontecerá se o seu país produzir mais, tiver mais escolas e construir mais hospitais. "A minha responsabilidade não se limita a divulgar as potencialidades económicas nas áreas de infra-estruturas, indústria ou recursos minerais. Devo, igualmente, olhar para as áreas sociais, que são parte do desenvolvimento humano, que vai permitir mão-de-obra qualificada para projectos económicos." ■

IRMÃ MAIS NOVA

Francisca Torcida Reino representa Moçambique no Fórum desde de Fevereiro deste ano, mas diz-se muito satisfeita. "Sou a delegada mais nova em termos de nomeações. Destaco o bom ambiente de trabalho, a muita cumplicidade entre os delegados. Trocamos experiências em diferentes áreas, alguns países apresentam vantagens competitivas nas suas políticas, a tendência de cada um de nós é procurar saber qual a estratégia que cada um utiliza para obter resultados positivos. No seu verdadeiro sentido, somos amigos e irmãos."

Funcionária no Ministério da Indústria e Comércio do seu país desde 1995, formou-se em Relações Internacionais e Diplomacia pelo Instituto de Relações Internacionais de Moçambique, tendo também uma pós-graduação em Direito do Comércio Internacional pela Universidade Eduardo Mondlane. O seu percurso profissional inclui instituições como Comunidade do Desenvolvimento da África Austral, Conferência da Nações para o Comércio e Desenvolvimento, Organização Mundial do Comércio e Direcção de Relações Internacionais no Ministério da Indústria e Comércio.

Como docente universitária, deu aulas de Comércio Internacional, Relações Económicas Internacionais e Integração Regional.

Com a sua ainda curta estadia no Oriente, confessa-se em fase de muita aprendizagem. "Admiro a cultura chinesa e, nesta minha missão em Macau, há muita coisa que irei aprender. Apesar de estar ainda na fase integração, vejo que a cultura chinesa é muito rica e diversificada, com características singulares."

Língua e cultura também são a alma do negócio

T CATARINA DOMINGUES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO



Os aspectos culturais têm sido "um tema tão importante quanto ignorado nas práticas empresariais do dia-a-dia", conclui um estudo-piloto desenvolvido por uma equipa interdisciplinar de Portugal e Macau, que chama a atenção para a importância dos factores culturais e linguísticos no sucesso das relações empresariais entre a China e os países de língua portuguesa


合影區

EXISTE UM desconhecimento mútuo das culturas chinesa e lusófona e um interesse reduzido por parte dos empresários destes universos geográficos em promover um maior conhecimento linguístico e cultural nas suas organizações. Esta é uma das conclusões de um estudo-piloto desenvolvido por investigadores da Universidade de São José, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Lisboa e financiado pela Fundação Macau, que analisou o impacto das relações culturais nas ligações empresariais e de negócios entre a China e os países de língua portuguesa (PLP).

O "Barómetro China-PLP: impactos da cultura nas relações empresariais" foi desenvolvido ao longo de um ano com base num estudo etnográfico, entrevistas em profundidade e um inquérito enviado a 542 organizações participantes na edição de 2014 da Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla inglesa). Ao todo, a equipa de investigadores recebeu 69 respostas válidas – 34 de organizações dos países de língua portuguesa e 35 de organizações chinesas.

O projecto exploratório, agora divulgado, destaca a importância atribuída à língua numa relação de negócios, pela forma como pode dificultar ou mesmo impedir a comunicação. De acordo com um documento que reúne as principais conclusões enviado à MACAU, tanto o português como o mandarim surgem em segundo plano como língua comum de negócios. A maioria das organizações portuguesas e chinesas admite que a língua mais usada e aquela que tenciona continuar a usar na actividade de negócios entre a China e os países lusófonos é o inglês.

"O futuro apenas acentuará esta tendência de comunicar numa língua diferente da original de cada país envolvido, associado àquilo que parece ser um esforço acrescido dos parceiros chineses para dominar a língua inglesa nas últimas décadas", vinca o documento, realçando ainda que são poucas as empresas que declaram ter promovido cursos de língua para os colaboradores em contacto com os parceiros da China ou dos países de língua portuguesa. E, apesar dos intervenientes assumirem que a comunicação nas línguas de origem é um factor de aproximação, a verdade é que não é fundamental para a concretização dos negócios, constata a equipa que efectuou a análise. "Quer uns quer outros dizem que é muito importante ter um bom conhecimento da língua local, mas depois, em termos pragmáticos, a língua que

"O FUTURO APENAS ACENTUARÁ ESTA TENDÊNCIA DE COMUNICAR NUMA LÍNGUA DIFERENTE DA ORIGINAL DE CADA PAÍS ENVOLVIDO, ASSOCIADO ÀQUILO QUE PARECE SER UM ESFORÇO ACRESCIDO DOS PARCEIROS CHINESES PARA DOMINAR A LÍNGUA INGLESA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS"

BARÓMETRO CHINA-PLP: IMPACTOS DA CULTURA NAS RELAÇÕES EMPRESARIAIS



efectivamente usam é o inglês", explica Verónica Policarpo, directora do Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica, chamando a atenção para uma "dissociação" entre o que é "desejável" e o que "pragmaticamente fazem".

A contribuir para a prevalência do inglês como elemento linguístico de comunicação está a falta de "capital humano que domine as duas línguas [português e chinês]", conclui o estudo, referindo-se à presença de intermediários e tradutores, "cujo número é muito inferior ao necessário".

Códigos culturais ignorados

A forma como se troca um simples cartão de visita com um parceiro de negócios chinês ou mesmo como se cumprimenta ou agradece nas mesas de negociação em Pequim ou Cantão são apenas alguns exemplos de códigos culturais que podem fazer toda a diferença na hora de dizer sim ou não a um investimento. "O maior conhecimento pode ajudar a construir relações económicas que não sejam só mais eficazes, frutíferas no curto prazo, mas que também sejam sustentáveis no médio, longo prazo", sublinha Verónica Policarpo.

Os dados recolhidos revelam que não houve uma única empresa chinesa que tenha organizado sessões de formação para os seus colaboradores aprenderem a lidar com os parceiros de negócios lusófonos. Já do lado dos países de língua portuguesa, 12 das 34 organizações (35 por cento) admitiram que o fizeram. "É preciso que as empresas comecem a considerar como um aspecto mais importante da sua actuação não só a parte mais *hard* do que é fazer negócios com estes países, como os números ou as finanças, mas também a parte mais *soft*, que está relacionada com os aspectos intangíveis




Pavilhão dos Países de Língua Portuguesa
葡語國家館


ASSOCIAÇÃO DE JOVENS EMPRESÁRIOS PORTUGAL-CHINA
葡萄牙中国青年企业家协会
美好城市

da cultura, do nosso modo de nos relacionarmos", resume a doutorada em Ciências Sociais.

Apesar dos empresários de origem portuguesa ou dos outros países lusófonos apostarem mais na formação dos seus colaboradores, este "investimento continua a ser diminuto, traduzindo uma orientação focada numa racionalidade de curto prazo e alheia a aspectos mais abrangentes de contexto", revela o documento.

A apostar na formação cultural do tecido empresarial português e chinês está a Associação dos Jovens Empresários Portugal-China (AJEPC), criada em 2012, e que contribuiu com informações para este estudo. No que diz respeito à formação cultural dos empresários, a associação organiza uma série de actividades, como sessões mensais de esclarecimento em cidades terciárias chinesas ou em Lisboa, no Porto e no interior de Portugal. "Explica-se o básico de cada missão, como se deve estar numa feira, como se deve entregar um cartão, algumas palavras base e comportamentos que poderão influenciar positivamente ou negativamente [o negócio]", diz o presidente Alberto Carvalho Neto.

Maior envolvimento institucional

Com a realização desta análise, a equipa de investigação espera dar um contributo para colocar na agenda do estudo das relações económicas e empresariais sino-lusófonas os aspectos culturais que dão forma aos valores e comportamentos dos agentes económicos e comerciais, e que é "um tema tão importante, quanto ignorado nas práticas empresariais do dia-a-dia".

A equipa sugere uma maior promoção de cursos de língua, a formação contínua sobre os aspectos culturais e a realização de encontros informais e visitas entre empresas. Recomenda, além disso, um maior envolvimento de actores institucionais, como o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) e as respectivas delegações no apoio a este tipo de iniciativas e com vista a promover os negócios entre empresários dos dois lados.

De acordo com este barómetro, os países lusófonos apresentam diferentes visões estratégicas da sua presença no Fórum Macau: para Portugal, além do interesse comercial, existe um interesse na preservação do património, da língua e da cultura; o Brasil tem uma presença menos visível, dadas as relações bilaterais desenvolvidas fora do âmbito dos países de língua portuguesa; e para os restantes países, o Fórum Macau é uma oportunidade de captação de investimento e de oportunidades de transferência tecnológica e desenvolvimento de sectores económicos estratégicos. "O desafio do Fórum é assim compatibilizar os diferentes interesses estratégicos dos PLP com os interesses estratégicos e a escala da China", assinala o documento.

Macau deve mesmo "reinventar" a estratégia para as relações entre a lusofonia e a China, acrescenta Alberto Carvalho Neto. "Há muito mais para ser feito", realça o presidente da AJEPC, referindo que "faltam resultados práticos" ao Fórum Macau, nomeadamente "no desenvolvimento da cultura e melhoramento de determinadas estratégias". ■



"O MAIOR CONHECIMENTO PODE AJUDAR A CONSTRUIR RELAÇÕES ECONÓMICAS QUE NÃO SEJAM SÓ MAIS EFICAZES, FRUTÍFERAS NO CURTO PRAZO, MAS QUE TAMBÉM SEJAM SUSTENTÁVEIS NO MÉDIO, LONGO PRAZO"

VERÓNICA POLICARPO

Análise



ROTA DA SEDA: DESCOBERTAS E REINVENÇÃO



T SANDRO MENDONÇA*

UMA DAS mais inesperadas coisas que a China criou foi Portugal. No século XV um grande "best-seller" na Europa de então era o livro de viagens Marco Polo, o célebre mercador-aventureiro veneziano apelidado de "o homem das mil histórias" pelos seus contemporâneos. Por estas e outras vias se difundiu por entre os europeus a conhecimento (e a obsessão) sobre a Ásia Central e a Oriental.

* Professor de Economia, ISCTE Business School – Instituto Universitário de Lisboa. Lecciona em programas doutorais ministrados em universidades da China continental. É gestor do CYTED – Programa de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento na região ibero-americana



À Europa chegavam as notícias sobre riquezas distantes. As riquezas concentravam-se em Veneza, a Cidade-Estado que efectivamente monopolizava o estatuto de maior beneficiário desse grande e longo caminho terrestre. O sonho de chegar ao Oriente crescia bem como a sede de escapar ao atraso e isolamento europeus.

E essa camoniana epopeia aconteceu; uma tentativa de alcançar activamente por mar o que outros recebiam passivamente por terra. Um projecto animado por um instinto de concorrência económica e pelo ânimo de encontrar uma alternativa inovadora.

A China através da Rota da Seda provocou que, no outro extremo da Eurásia, Portugal se superasse. Sem os "Descobrimentos" esse país possivelmente não existiria hoje. O processo de expansão que se iniciou tornou o português uma língua global e mais rica, de ciência e de negócios. E ganhou-se também resiliência. Por exemplo, aquando da hegemonia filipina, Macau foi o único ponto do império que não cedeu, o derradeiro foco de resistência.

MAS A PRÓPRIA ROTA DA SEDA É UMA "INVENÇÃO" RECENTE

O nome "rota da seda" designa uma via de comunicação terrestre com quase 2500 anos. Atravessa o ventre da plataforma continental euro-asiática num percurso de cer-

O que a "nova rota da seda" tenta fazer é uma vertebração da Eurásia e uma reactivação do Índico, ou seja, uma espécie de "viragem para Ocidente e para o Sul"

ca de 4000 quilómetros que compreende desertos e cordilheiras, historicamente trilhado por caravanas de mercadores e peregrinos. Por esse circuito se distribuíam bens preciosos, como sedas e especiarias, e tecnologias, como a bússola a que os navegadores dariam novos usos.

Contudo essa rota não é só um facto histórico; tem estado também envolta em mistérios, mitos e mal-entendidos. A "rota", por exemplo, não era um percurso pré-definido; ela evoluía com o passar das gerações. Não era uma "linha" mas sim uma "rede": um sistema de actividades multi-direccionais que integrava várias geografias.

Mais interessante: trata-se de expressão artificial de cunhagem recente. O autor foi o académico alemão Ferdinand von Richthofen (1833-1905), um perito em geografia que trabalhou como consultor em projectos que pretendiam explorar recursos minerais na China com a ajuda de caminho-de-ferro e de portos industriais. No enorme livro em cinco volumes que publicaria em 1877 aparece, então, o termo "Seidenstraße" pela primeira vez, o qual acabou por se popularizar no século XX.

A RE-EMERGÊNCIA DE UM CONCEITO-DESAFIO

Em Setembro de 2013, numa visita ao Cazaquistão, o Presidente Xi Jinping anunciou o plano para um "Cinturão Económico da Rota da Seda". No mês seguinte, durante a cimeira da ASEAN (Association of Southeast Asian Nations) na Indonésia, anunciava a "Rota da Seda Marítima". Em Maio de 2014, quando a China assumia a coordenação bianual da CICA (Conference on Interaction and Confidence-Building), a ideia foi a noção orientadora: uma forma pacífica e produtiva de "reconectar países que partilhavam um passado comercial comum" (segundo a TV oficial).

Muitos projectos económicos têm sido enunciados entretanto: programas de ferrovia de mercadorias até à Europa, de transporte de gás com a Rússia, de corredores económicos com a península indostânica, etc. Não há grande empresa chinesa, sobretudo de transportes e logística, e não há grande cidade ou província, sobretudo as do interior da China, que não ajuste os seus objectivos de médio e longo prazo a esta visão.

A TERMINOLOGIA "ROTA DA SEDA" É UMA LINGUAGEM TÃO DESCRITIVA COMO PROPOSITIVA. É TANTO UMA DESIGNAÇÃO DE UM PASSADO DE LAÇOS IDENTITÁRIOS COMO UMA AGENDA TRANSFORMACIONAL PARA UM FUTURO DE NOVAS INTERCONEXÕES ECONÓMICAS E TECNOLÓGICAS

UMA FAIXA, UM CAMINHO, UMA REINTERPRETAÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO

Esta iniciativa estratégica, e o adensar espontâneo de interconexões que pode provocar, é financeiramente sustentado com a formação, em Outubro de 2014, do Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB), o qual agrega dezenas de países. A missão será alicerçar mega-projectos de infra-estruturas nas áreas das telecomunicações, energia e transportes. É complementado pelo "banco dos BRICS", o New Development Bank, também com sede em Xangai.

Estas movimentações ocorrem ao mesmo tempo que se animam vários outros esquemas de re-configuração global. Ao nível das movimentações institucionais os EUA tentam dar corpo a tratados de livre comércio como o Trans-Pacific Partnership (TPP) e o Transatlantic Trade and Investment Partnership (TTIP). Este último é visto em Washington como sinal da "viragem para a Ásia" (pivot) que a Administração Obama tem anunciado.

Por seu lado, o que a "nova rota da seda" tenta fazer é uma vertebração da Eurásia e uma reactivação do Índico, ou seja, uma espécie de "viragem para Ocidente e para o Sul". Esta estratégia deve igualmente ser vista no contexto mais alargado de outros planos intra e inter-regionais: o eventual alargamento da passagem inter-oceânica da América Central, a possível rota Andina conectando ambas as



costas da América do Sul, a corrida pela passagem marítima no Ártico. Isto é, a redefinição da globalização para o século XXI está em curso, mas ainda nos seus anos formativos.

VARIEDADES E COMPLEMENTARIDADES DAS "NOVAS ROTAS DA SEDA"

Evidência de que o conceito "One Belt, One Road" é tomado como operativo é que a todo o tempo surgem extensões ao mesmo. Pode falar-se, portanto, de uma "rota da seda financeira". Fala-se também de uma "rota da seda aérea" que reorganizará a governança da malha de ligações aéreas na região. Fala-se, ainda, de uma "rota da seda epistémica" para designar os processos de cooperação de ciência e educação que podem surgir no quadro de uma cooperação alargada e mais intensa virada para o capital humano e para a inovação. De facto, a Rota da Seda nunca foi apenas comércio: foi conhecimento e cosmopolitismo.

A terminologia "rota da seda" é, assim, uma linguagem tão descritiva como propositiva. É tanto uma designação de um passado de laços identitários como uma agenda transformacional para um futuro de novas interconexões económicas e tecnológicas. ▪

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play,
a nova aplicação da MACAU em língua portuguesa
para telefones inteligentes, tabletes e computadores disponibiliza,
em formato PDF, todas as revistas da série IV.
Pode mesmo descarregar a edição pretendida
e lê-la, mais tarde, em modo offline.



www.revistamacau.com

O INTÉRPRETE-TRADUTOR

Entre dois mundos

T DIANA DO MAR E FÁTIMA VALENTE
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

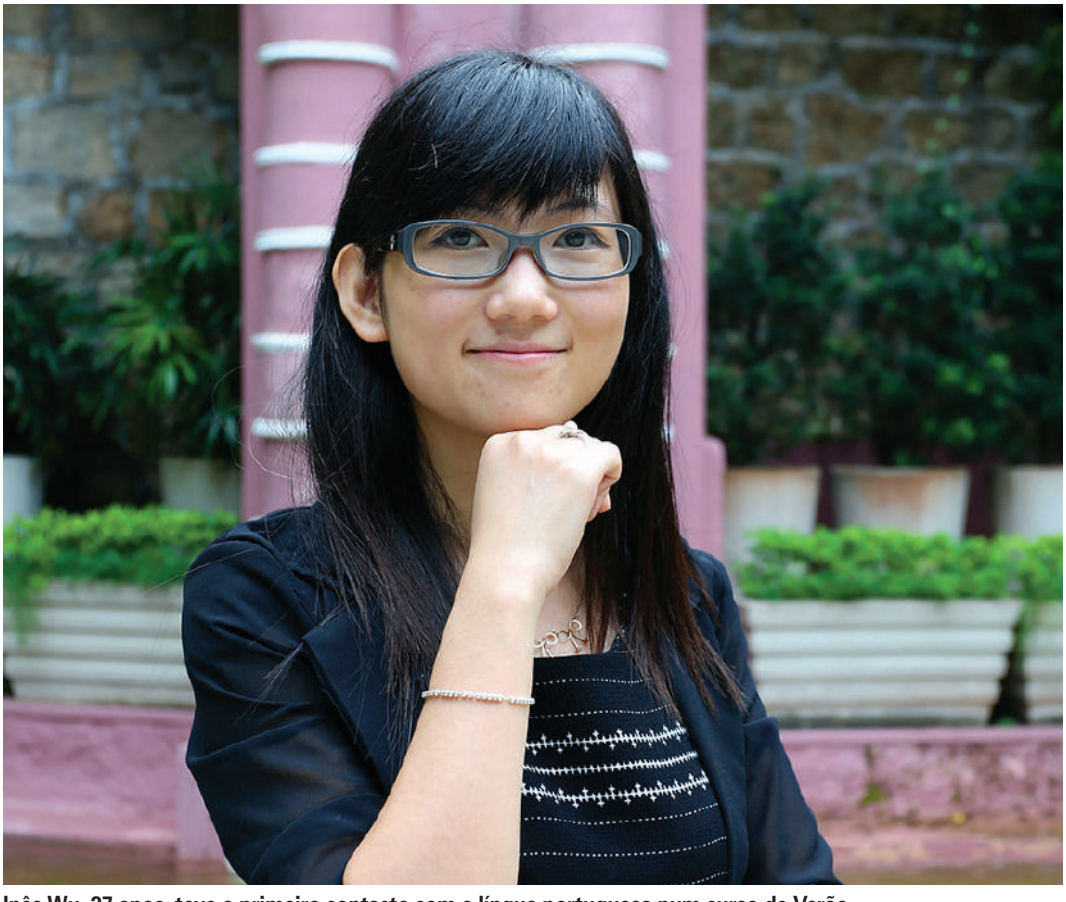
Cada vez que traduz a palavra – escrita ou falada – liga dois mundos, desencriptando a mensagem de chineses e falantes de português até nas mais simples coisas do dia-a-dia. É a voz que anuncia a próxima paragem no autocarro, é a ponte numa conferência ou numa sala de audiências, e também a mão por detrás de legendas de espectáculos culturais. A figura do intérprete-tradutor é, não raras vezes, tão invisível quanto imprescindível



"É COMO conduzir um carro: Temos de olhar para diferentes direcções, o pé tem de mexer, e a mão e as orelhas também". É assim que Inês Wu descreve a interpretação simultânea no interior de uma cabine. Na primeira vez, acabada de tirar a "carta", nem um som foi capaz de emitir. Hoje, apenas três anos e meio depois, perdeu o medo e as palavras foram saindo com crescente fluidez.

Nascida numa família chinesa sem qualquer laço a Portugal ou outro qualquer país lusófono, Inês, de 27 anos, foi inicialmente introduzida à língua no jardim-de-infância, mas foi a "preciosa oportunidade" de fazer um curso de Verão de um mês, enquanto frequentava a escola secundária, que lhe fez descobrir afinidades. "Comecei a gostar da cultura, do ambiente, de tudo e a pensar que podia fazer algo com o português no futuro", mas "nunca que um dia viria a ser intérprete-tradutora". Concluiu a licenciatura em Estudos Portugueses na Universidade de Macau, enveredando por um rumo quase em contra-corrente atendendo ao *boom* da liberalização da indústria do jogo. "Toda a gente começou a dizer que eu devia fazer o curso de hotelaria, turismo ou algo do género, mas eu não gostava. Gostava mais de línguas, especificamente de português."

Sem se deixar demover, Inês levou a sua avante, crente de que "uma pessoa muito empenhada em algo um dia vai ter o seu espaço". Depois de um estágio como tradutora e da passagem por uma empresa de vinhos portugueses, ainda "confusa" e "sem ter muitas certezas", foi para Portugal frequentar cursos de Verão. Quando regressou viu no programa de formação de intérpretes-tradutores, dos Serviços de Administração e Função Pública (SAFP) em colaboração com a União Europeia, o derradeiro "teste" sobre a futura carreira. "Entrei e depois comecei a gostar."



Inês Wu, 27 anos, teve o primeiro contacto com a língua portuguesa num curso de Verão

Já a história de Manuela Sousa é bem diferente. Habituada a ser intérprete entre a mãe chinesa e a professora portuguesa, foi-se deliciando também nos tempos de escola com as estórias que um dos mestres de karaté lhe contava sobre o ofício de tradutor – do quanto se aprendia, mas também do quanto se sofria nomeadamente com os "horrores" de uma "branca". Quando deu conta estava a entrar no curso básico de intérpretes-tradutores criado pela Direcção dos Serviços de Assuntos Chineses e, três anos depois, ingressava nos quadros da função pública. Em meados de Novembro deste ano, aos 46 anos, cumpriu as bodas de prata, com um ofício dividido entre a administração portuguesa e a chinesa. Se pensou em desistir? Sim, logo no início: "Não tinha confiança em mim própria porque ainda era muito jovem. Pensei duas vezes, e se não teria uma vida mais facilitada mudando de profissão, mas depois de entrar na cabine, e de ganhar o gozo pela interpretação fiz questão de ficar e ainda me sinto muito apaixonada pela profissão".

Natércia Gil e Leonardo Correia também tiveram a mesma escola – a da Direção dos Serviços de Assuntos Chineses – e no serviço público que formava tradutores a primeira experiência profissional. E a curiosidade, despertada por amigos que se haviam inscrito foi um impulso comum – ainda antes de completarem os 16 anos –, mas existiam outras motivações em jogo. A primeira achava "giro" vestir a pele de tradutora para o avô materno, que não dominava o cantonês, enquanto o segundo queria "experimentar algo diferente dos colegas" uma vez não encontrada a "vocação". "Eu era um dos poucos que nos testes pedagógicos não dava para nada, era um pouco de tudo."

Ambos invocam avisos prévios de que ser intérprete-tradutor era mais difícil do que pensavam. E os primeiros tempos foram naturalmente os mais "desafiantes". "Aprender direito, política, a organização do governo… Eram coisas de outro mundo para mim aos 16 anos. Naquela altura ainda nem tinha base para perceber notícias mais complicadas do telejornal", recorda Leonardo. Natércia também revive em particular o primeiro ano, em que era preciso traduzir documentos de áreas como engenharia ou construção, relativamente às quais não tinha vocabulário, e em tempos em que, sem Internet, era preciso comprar dicionários e consultar livros na biblioteca.



Manuela Sousa trabalha como tradutora há 25 anos



"Há quem pense que é um trabalho fácil — bastando ser bilingue. Mas há outras que dão valor ao nosso trabalho"

NATÉRCIA GIL

Já no Gabinete de Comunicação Social (GCS), onde foi colocada em 1993 e permanece ainda hoje, recorda a estreia em palco. "A primeira diligência externa e foi logo em palco! Foi com o então secretário-adjunto para a Comunicação, Turismo e Cultura, Salavessa da Costa. Marcou-me também porque os destinatários eram diferentes, porque no caso dos jornalistas há margem de manobra. Isto é: Se não me lembrar de um termo ainda tenho tempo de falar com eles e explicar". O GCS também lhe abriu a porta do Grande Prémio: há 22 anos que veste o equipamento da coordenação de tudo o que tem a ver com os média no âmbito do evento internacional que tem sempre lugar em Novembro. "É muito exigente e cansativo, mas gosto", sendo que, neste caso, "o meu instrumento de trabalho não são duas mas três línguas, com o inglês".

Interpretar e traduzir

Tal como Manuela, Natércia prefere a interpretação, à qual Leonardo também se dedica mais desde 1999. Embora não consiga escolher a área da interpretação que mais gosta, sabe que há temas que, por comparação, detesta. Inês Wu faz hoje em dia mais tradução, mas "de vez em quando" interpretação (simultânea ou consecutiva) em função das necessidades. Recentemente, mudou-se para o gabinete do secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, deixando os SAFP, serviço ao qual tinha regressado no início do ano, depois de uma passagem pelo Gabinete de Apoio ao Ensino Superior.

Já Liu Gang debruça-se sobretudo na tradução na Assembleia Legislativa, onde começou a trabalhar em meados de Setembro, fazendo uma dupla estreia. "É a primeira vez a tempo inteiro. Estou a gostar muito, é um pouco diferente do que imaginava mas está a ser muito interessante", assinala o ex-professor do Instituto Politécnico de Macau, natural da China.

A mudança de profissão explica-se de forma simples: "Na escola ou na universidade, a tradução é mais um trabalho virtual, decorre num ambiente de laboratório e eu queria ver como é esta prática na vida real", argumentou Liu Gang, que se formou em Pequim, mas também estudou e leccionou em Portugal. O primeiro impacto sente-o ao nível da "diversidade de temas", por incluir muitos que não domina, ao contrário do que estava habituado, uma vez que cabe ao docente selecionar os materiais.

Também já fez interpretação. Mas ao contrário dos colegas, uma vez que a sua língua materna é o mandarim, a dificuldade ganha outra dimensão, já que, de facto, "passa a trabalhar de uma e para uma língua estrangeira". "Pensei que não seria tão difícil, mas a compreensão e mais demorada quando ouço o cantonês."

Uns são mais "talhados" para a interpretação, outros preferem a tradução. Mas todos sinalizam diferenças. "Na escrita é muito diferente, porque trabalhamos mas depois não sabemos o resultado. Na interpretação simultânea, percebe-se logo!", atira Inês, sublinhando que "muitos factores" podem interferir o desempenho na interpretação, como o discurso do próprio orador, o facto de previamente não terem acesso aos materiais de uma reunião, ou a imprevisibilidade de perguntas de jornalistas sobre temas não relacionados com o trabalho a executar. Sem falar de condicionantes externas, como o barulho ou a distância em relação à voz a interpretar quando o exercício da profissão se faz fora da cabine, sem auscultadores, propiciando uma maior distração. Depois do bloqueio da estreia – em que ficou a ouvir e se esqueceu de falar – Inês descobriu que se trata, afinal, de alcançar um equilibro na distribuição da atenção: "Se nos concentrarmos 90 por cento a ouvir, só restam dez por cento para falar, e depois pode haver erros gramaticais, frases penduradas, ou outras coisas que não fazem sentido". Mesmo a experiente Manuela faz a justa ressalva: "Consigo interpretar as pessoas que falam rápido, mas com um raciocínio confuso não!" Também se cometem erros e disparates, e muitos recordam-nos logo. Mas também se brinca dentro da cabine, como se percebe pelos risos que ecoam de um microfone que ficou ligado.



Leonardo Correia não tinha sequer 16 anos quando iniciou a sua formação de tradutor

No trabalho com os jornalistas, Inês chegou a ter a sensação de que se criava a ideia de que se a resposta pretendida não chegara era porque a interpretação havia sido mal feita. Muitos acabam por compreender, no entanto, que o problema reside no interlocutor e não no tradutor. Leonardo Correia também realça a condescendência: "Percebo que temos defeitos, mas o essencial é sermos comunicáveis e eu tento ser assim. Claro, há uns que são mais tolerantes, há outros que acham que ser intérprete-tradutor não é nenhuma ciência ou especialidade."

> "Na escola ou na universidade, a tradução é mais um trabalho virtual, decorre num ambiente de laboratório e eu queria ver como é esta prática na vida real"
>
> **LIU GANG**

Compreender e reconhecer

"Na realidade, são duas profissões. Há quem diga que são distintas, mas entendo-as com certa complementaridade", diz Manuela que foi agraciada, em 2012, com a Medalha de Dedicação pelo Governo da RAEM, notando um maior reconhecimento da profissão nas duas últimas décadas: "Diria que tanto o governo como o sector privado começam a ter uma noção do que é o intérprete e o que é o tradutor, e do que é que eles precisam para fazer um bom traba-

INTÉRPRETES-TRADUTORES PORTUGUÊS-CHINÊS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EM NÚMEROS

Ano	2010	2011	2012	2013	2014
Total	252	268	287	304	325

Homens	34%
Mulheres	66%

Tutela	**Total**
Directamente dependente do Chefe do Executivo	12
Secretaria para a Administração e Justiça	85
Secretaria para a Economia e Finanças	31
Secretaria para a Segurança	47
Secretaria para os Assuntos Sociais e Cultura	44
Secretaria para os Transportes e Obras Públicas	39
Comissariado Contra a Corrupção	3
Comissariado da Auditoria	3
Assembleia Legislativa	10
Tribunais	40
Ministério Público	11
Total	**325**

***Fonte: SAFP. Dados até 31 de dezembro de 2014, não incluindo trabalhadores das fundações e de outros organismos públicos que se regem pelo regime de direito privado (Fundação Macau, Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, Autoridade Monetária de Macau, Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau e Autoridade de Aviação Civil, bem como os contratados em regime de tarefa ou mediante prestação de serviços)**

lho", indica, expondo que há uma maior preocupação em facultar os materiais antecipadamente, desde discursos a material de suporte nas reuniões.

Na opinião da tradutora-intérprete, isto aplica-se tanto à tradução como à interpretação. "Se um orador vier discursar de improviso, nós trabalhamos de improviso, mas se o orador vem cá fazer uma leitura de um discurso muito bem elaborado, mas nós não temos acesso a ele antecipadamente é complicado. Não vamos conseguir correr atrás do orador. Mesmo com largos anos de experiência é um trabalho árduo", sublinha. Leonardo até compara o stresse a uma época de exames. "É difícil fazer face a tantas matérias diferentes e, além disso, estar todos os dias em época de exames. Ninguém aguenta exames durante 365 dias, mas estamos a aguentar", diz o intérprete-tradutor dos SAFP.

Por outro lado, também "há quem pense que é um trabalho fácil – bastando ser bilingue. Mas há outras que dão valor ao nosso trabalho", afirma Natércia. Liu Gang dá um exemplo de como não basta e de que a tradução também é cultural. "A simples palavra mesa: para a cultura portuguesa é quadrada, enquanto na chinesa é redonda."

Embora sejam mais de 300 (ver caixa) não chegam para as necessidades. A carência de tradutores "não se prende com a capacidade de formação mas sim com a escassez de alunos de Macau visto que os da China, na sua grande maioria, regressam ao depois de estudarem em Macau" e, apesar de o número de alunos locais estar a aumentar isso pode não se repercutir totalmente no mercado de trabalho, porque a falta de confiança e a percepção que não dominam, suficientemente, uma das línguas ou ambas, aliado à facilidade de encontrar emprego bem remunerado noutras áreas afins, fazem com que os recém-licenciados procurem outros empregos", avalia a investigadora Lurdes Escaleira, autora da obra *Ensino da Tradução em Macau*, que resultou da sua tese de doutoramento sobre o tema.

Em paralelo, como nota o presidente do Instituto Politécnico de Macau (IPM), Lei Heong Iok, "mesmo no governo, na máquina administrativa, sente-se falta de bons intérpretes-tradutores", um cenário que exige mais medidas e maior investimento. Abrir mais vagas na Administração pode ser uma possibilidade: "Se um serviço público precisa de três intérpretes-tradutores, mas o quadro de pessoal só permi-



Liu Gang trocou a carreira de professor pela de tradutor



> "Em Macau o tradutor teve sempre um papel fulcral no convívio entre os povos e na viabilização da administração portuguesa, no entanto, facilmente se critica o resultado"
>
> **LURDES ESCALEIRA**

te um, isso dificulta", pelo que "a solução seria redefinir o quadro consoante as necessidades".

Lurdes Escaleira, docente do IPM, também afina pelo mesmo diapasão quanto às dificuldades em entrar no sector público. "A procura de intérpretes-tradutores é elevada mas, em Macau a entrada para a carreira na administração pública não tem sido fácil e o processo de selecção é rigoroso, havendo licenciados em tradução que desistiram de tentar entrar na função pública." Por outro lado, observa a "evolução muito positiva na formação de tradutores" no ensino superior público: "Passou-se de um curso técnico para bacharelato, licenciatura e, mais recentemente, mestrado. Talvez se tenha 'academizado' demasiado e perdido a parte prática e a ligação com a realidade de trabalho e é neste aspecto que, em meu entender, se deve investir".

Profissão exigente, tanto no desempenho das capacidades como na mestria em responder a situações adversas ou imprevistas, é também um alvo fácil de críticas. "Em Macau o tradutor teve sempre um papel fulcral no convívio entre os povos e na viabilização da administração portuguesa, no entanto, facilmente se critica o resultado", atenta Lurdes Escaleira. Na verdade, continua a docente, "o contexto de Macau é deveras complexo porque se espera que o tradutor seja um 'super profissional' capaz de ser, ao mesmo tempo, intérprete e tradutor, de traduzir em ambos os sentidos, revisor do seu próprio texto e, sobretudo, que seja capaz de traduzir/interpretar em qualquer área, desde a economia, ao direito, à moda, etc.". Todo este rol de exigências leva a investigadora a questionar-se como formar um profissional com todas estas competências: "Quanto tempo seria necessário? Toda a vida bastaria?". ■

O aprendiz que veio da China em 1975

T DIANA DO MAR E FÁTIMA VALENTE
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

LEI HEONG Iok aterrou em Macau há exactamente 40 anos. Chegou nos tempos idos de 1975, inserido num grupo de cinco jovens enviados pela China para aprender português e, por um triz, não teve o ilustre Luiz Gonzaga Gomes como professor. Para ilustrar o ponto de partida, o actual presidente do Instituto Politécnico de Macau (IPM), recua até meados do século passado, quando a China não tinha nenhum tradutor-intérprete profissional de língua portuguesa. A reviravolta acontece já no início dos anos 1960, "quando o vice-presidente da República Federativa do Brasil, João Goulart, foi convidado para fazer uma visita oficial à China, obrigando o Ministério dos Negócios Estrangeiros a pedir ajuda de uma empresa chinesa de Macau para mandar um intérprete para Pequim".

Nessa altura, experimentavam-se "duas vias de formação de intérpretes-tradutores. Em Pequim, através de institutos, e, em Macau, aproveitando os que já tinham base e cultura de língua europeia". Lei Heong Iok, que tinha chegado a Macau com uma licenciatura em língua inglesa e que aqui foi baptizado de "Luís", fez-se professor de português em 1979. Regressou a Pequim para dar aulas no Instituto de Línguas Estrangeiras, mas, em 1984, foi de novo chamado a voltar a Macau para assumir o papel de intérprete-tradutor durante as negociações luso-chinesas. "Trabalhei ao lado de ambas as partes como oficial de ligação. E depois, concluídas as negociações, começou o período transitório, foi publicada a Declaração Conjunta [em 1987] e a minha missão estava cumprida", realça.

Decide voltar à carreira docente e, no ano de 1993, ingressa nos Serviços de Educação, saindo dois anos depois. No Instituto Politécnico foi sendo sucessivamente promovido, até que na véspera da transferência de administração – em 1999 – passa de vice-presidente a presidente daquela "casa" até hoje. Não tem dúvidas de que os tempos são outros quando olha para os jovens que cruzam o IPM com vontade de serem um dia essa ponte entre chineses e portugueses. "Têm melhores condições para aprender e também gozam de maior apoio à aprendizagem da língua e cultura portuguesas por parte do Governo. Além disso, há mais oferta de cursos e mais e melhores materiais", recorda Lei Heong Iok, mostrando orgulho num dicionário antigo preparado por um grupo de missionários extremamente bem conservado a que deu uso nos tempos de aprendiz em Macau. ■





Carlos Alegria, director-geral de Interpretação da Comissão Europeia

Uma década a cooperar para formar com a UE

T DIANA DO MAR E FÁTIMA VALENTE
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

FOI HÁ quase uma década que os Serviços de Administração e Função Pública (SAFP) e a Direcção-Geral de Interpretação da Comissão Europeia iniciaram um programa de cooperação em face das necessidades de Macau relativamente a intérpretes de língua chinesa e portuguesa, principalmente na área jurídica, uma das mais carentes. O primeiro protocolo foi firmado em 2006 e renovado por mais cinco anos. Seguiu-se a assinatura de mais dois: um que cobre o curso de formação e outro o de aprendizagem. A diferença prende-se com o público-alvo, já que o segundo veio abrir o leque dos candidatos a outras áreas e ofícios, exigindo-se apenas um diploma e, naturalmente, que conheçam bem as duas línguas e que passem num teste de aptidão.

O Programa de Formação de Tradução e Interpretação das Línguas Chinesa e Portuguesa – que dura cinco meses – desenrola-se em Macau e Bruxelas e em duas vertentes: tradução e interpretação. A primeira é orientada pelos SAFP, a segunda pela União Europeia. Desde o ano de 2006, foram formados 79 intérpretes-tradutores, um número aquém da meta idealizada de 100 devido à falta de candidatos. A parte que se realiza na Europa inclui a estadia

em Portugal, em que os alunos também têm aulas, participam em palestras, conferências e visitas, e que acima de tudo permite a imersão total na língua ao longo de duas semanas. Isto depois de terem estado "num ambiente multicultural e multilingue, onde têm oportunidade de ver como funciona a interpretação de uma forma mais alargada tal como é feita na União Europeia", explica a coordenadora intérprete Etelvina Rocha Gaspar, habituada a deslocar-se a Macau para dar acções de formação.

"Toda a formação é feita nas duas línguas e, em paralelo, estando absolutamente representadas da mesma forma. Temos sempre assessores chineses que nos ajudam aqui e lá. Depois, enfim, adquirimos com o tempo competências para poder fazê-los trabalhar mesmo com o chinês e a partir do chinês, havendo toda uma série de ferramentas que podem ser utilizadas", realça. O director-geral de Interpretação da Comissão Europeia, Carlos Alegria, complementa: "Na longa história de formação de intérpretes do serviço de interpretação da União Europeia aconteceu, várias vezes, ser chamado a formar para línguas em que justamente esses intérpretes não existiam", realça, citando a formação de intérpretes de língua em chinesa em colaboração com autoridades e universidades da República Popular da China, o caso do Vietname, e um outro exemplo, em curso que se prende com a formação de intérpretes da Mongólia, tendo em perspectiva a reunião da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), que se realiza no próximo ano.

Ao contrário de outras jurisdições, incluindo da própria União Europeia, Macau não distingue o ofício de intérprete do de tradutor. Mas também não é a única onde vivem como um só. "Não é um entrave, é uma questão de dimensão", nota a coordenadora intérprete portuguesa. "Evidentemente que relativamente à formação traz alguns problemas porque têm, em princípio, que ter características diferentes, embora possam ser complementares." No caso da interpretação, "a capacidade de comunicação, de reacção, rapidez de reflexos e domínio da língua ao ponto de ser activado rapidamente é essencial. É muito difícil pôr alguém a ser comunicativo se essa aptidão não existe à partida", pontua.

"Poderíamos perguntar-nos porque estamos em Macau atendendo a que há formação de base. Mas a verdade é que a pouca exposição ao português faz com que não seja suficiente para

O Programa de Formação de Tradução e Interpretação das Línguas Chinesa e Portuguesa – que dura cinco meses – desenrola-se em Macau e Bruxelas e em duas vertentes: tradução e interpretação



Etelvina Rocha Gaspar coordena o programa

um nível que lhe permita serem intérpretes tradutores qualificados, pelo que a ideia é exactamente ajudá-los a elevar essa qualificação", criando, ao mesmo tempo, "capacidade de formação local, sublinha. Carlos Alegria, fazendo um "balanço positivo" da cooperação Macau-UE, nota que os intérpretes tradutores "foram sempre uma figura chave no quadro da Administração Pública, e que se mantém hoje em dia como uma "profissão bastante reconhecida e bastante prezada" que, neste âmbito, "beneficiam da longa experiência de formação dos serviços da Comissão Europeia". ■

Traduzir para aproximar culturas

T MÓNICA MENEZES F PAULO CORDEIRO
Em Lisboa

O Centro Científico e Cultural de Macau, em Portugal, foi o palco escolhido para acolher a segunda edição do Colóquio Internacional China/Macau – Tradução e Interpretação, Passado e Presente. Durante três dias, amantes da cultura asiática, e não só, puderam contactar com especialistas vindos de várias partes do mundo





"A ideia de uma China imóvel e fechada nem sequer se coloca se uma pessoa souber qual é a dimensão da questão multilinguística chinesa" - Luís Filipe Barreto

LUÍS FILIPE Barreto, director do Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM) em Lisboa, junta anualmente, desde 2007, académicos vindos de quatro partes do mundo numa tentativa de aproximação entre o mundo oriental e ocidental. Desta vez, sob o tema China/Macau – Tradução e Interpretação, Passado e Presente, estiveram reunidos mais de 20 oradores, durante três dias, para se discutir o poder, a dificuldade e a importância da tradução.

É para ter vários pontos de vista que Luís Filipe Barreto aposta na diversidade dos que apresentam trabalhos. "Este colóquio, regra geral, junta colegas chineses, por vezes japoneses também, vários europeus, americanos, gente também da Austrália. E quase todos os anos vamos escolhendo um tópico mais relevante. A questão da tradução e interpretação começou a ser tomada como uma das questões fundamentais", justifica. Já em 2011, em parceria com o Instituto Politécnico de Macau, tinha sido organizado um colóquio para se debater a tradução na RAEM e com a experiência ganha nesses dias, explica o director do CCCM, tomou-se a decisão de "fazer um evento mais alargado em termos das implicações da tradução em relação à interpretação chinesa e da articulação da europa com a Ásia".

Este colóquio representa, assim, o segundo passo de muitos que Luís Filipe Barreto quer dar e quer que sejam da-

dos na ideia de mostrar o quão essencial e importante é para Macau "a dimensão da interpretação e da tradução". Salientando a apresentação de Geoff Wade, a primeira do colóquio – "Incorporação e Tradução de Línguas Estrangeiras na China até ao Século XIX" –, o director do CCCM afirma: "Incompreensões sobre a China, a ideia de uma China imóvel e fechada nem sequer se coloca se uma pessoa souber qual é a dimensão da questão multilinguística chinesa". E prossegue: "A língua chinesa é tudo menos fechada ou imóvel. As línguas, pelo seu dinamismo e pelo seu potencial são praticamente sistemas migratórios abertos contínuos, de termos, de objectos, de ideias, de valores, de conceitos. Acompanhando os jogos de línguas acompanhamos todas as dimensões chave para acompanhar a sociedade, a economia e a política".

Na plateia, extremamente interessados por todas as palestras, estavam essencialmente jovens estudantes, o que não representa uma novidade para o também membro da comissão científica do colóquio. "Um dos objectivos principais destas palestras é atingir o público jovem, os estudantes universitários entre os 18 e o 21 anos", admite Luís Filipe Barreto. E os jovens portugueses estão cada vez mais interessados na cultura oriental. Por isso, para Luís Filipe, é preciso criar nestes estudantes uma habituação ao padrão internacional, é preciso habituá-los a ouvir gente de Boston, Sidney, Tóquio, Hong Kong, Oxford, Cambridge e, naturalmente, portugueses também. E também é imprescindível aproveitar o interesse que estes estudantes sentem pela Ásia. "Os europeus estão atentos aquilo que odiamos chamar do renascimento asiático global, quer a nível económico, quer a nível cultural, quer a nível político e são as novas gerações que estão atentas a isso. São gerações altamente consumidoras da cultura asiática, até a começar pelas línguas, mas a continuar mesmo em termos de cultura clássica ou de cultura contemporânea. São altamente consumidores de culturas de massas e de novas tecnologias japonesas ou coreanas. Há um efeito Ásia nas novas gerações", descreve o director do CCCM.

Para explicar este seu sentimento e observação em relação ao interesse dos jovens neste colóquio, Luís Filipe Barreto recorre às palavras de um filósofo alemão: "Como diz Peter Sloterdijk no seu livro *EuroTaoísmo*, obra dos finais dos anos 1980, a Europa é, desde o início do século XIX, 'asiatizada'. É capaz de ser, mas a 'asiatização' das novas gerações europeias é muito forte em termos de século XXI – isto no bom sentido, ou seja, a Ásia como solução, a Ásia como desafio. Isso é muito interessante, é o lado mais fascinante destes projectos de investigação que têm depois nos colóquios a parte mais visível". ■





"DUAS LÍNGUAS, QUATRO SISTEMAS: O DEPARTAMENTO DE TRADUÇÃO JURÍDICA DO GOVERNO DE MACAU, 1988-2000"

ANTÓNIO BARRENTO

Doutorado em História da China, mestre em Estudos Asiáticos Comparados e em Língua e Sociedade Japonesas, António Barrento esteve seis anos a viver em Macau. Neste colóquio falou sobre a sua experiência de tradução das leis em Macau e de como isso representou um enorme desafio para si. "Foi uma experiência extraordinária porque não havia precedentes directos. A situação de Hong Kong era a situação mais próxima, só que nessa região havia algumas condições que não estavam reunidas no caso de Macau", explica. E acrescenta: "Em Hong Kong o curso de direito tinha aberto em 1969 e isso só aconteceu duas décadas mais tarde em Macau. Portanto, não havia pessoas com preparação suficiente para discutir esse assunto".

Na sua apresentação, este académico foi realçando as dificuldades que sentiu para traduzir a legislação, sempre comparando a situação de Macau com a de Hong Kong. "Em Hong Kong seguiu-se um caminho de produção jurídica bilingue e isso fez com que nos anos 1980 houvesse um conjunto de juristas que produziam legislação de uma forma bilingue. Isso não existia em Macau e ainda não existe. Nos anos 1990, já havia cerca de 30 indivíduos que faziam produção jurídica bilingue", afirma. Para António isso fez toda a diferença, porque "na produção jurídica bilingue há uma possibilidade de intervenção no texto a todo o momento. Um texto vai sendo produzido com base em outro e, logo à partida, são corrigidos todos os problemas, ou seja, evita-se problemas, enquanto a tradução implica ter de se adoptar um texto que já está pré-definido. Portanto a produção jurídica bilingue é uma vantagem e existe de uma forma bem definida em Hong Kong e ainda não existe em Macau".

Para António, este tipo de colóquio é uma boa oportunidade para se juntar pessoas de várias universidades, de várias áreas científicas. "Tem havido uma cooperação entre académicos da China, que vêm dos Estados Unidos, de vários países da Europa e que se podem, assim, encontrar e falar neste caso de Macau, sobretudo, mas normalmente o tema alarga-se à China."



"O FILHO DE MACAU E A CASA DE MANDARIM"

CHRISTINA MIU BING CHENG

Docente no Centro de Estudos Asiáticos da Universidade de Hong Kong, Christina Miu Bing Cheng foi uma das oradoras do segundo dia deste colóquio. O tema que trouxe para debater com a plateia foi a história do escritor, poeta e pensador Zheng Guanying, o "filho de Macau", primeiro porque têm o mesmo apelido que a académica, "embora se escreva de forma diferente", e porque essa coincidência sempre levou a que muitos pensassem que Christina fosse da família daquele homem. "Não só, mas como este colóquio é sobre o passado e o presente, eu achei interessante trazer este tema porque este homem tão antigo era visto em 2002 como o filho de Macau", justifica. E explica: "Este homem viveu numa das fases mais turbulentas da China [1842-1921] e o seu trabalho serviu para fazer evoluir aquele país. Só em 2010 é que foi escrito em inglês um livro sobre a sua história, até lá não havia nada." Orgulhosa durante a sua apresentação, Christina mostrou várias fotografias da casa de família de Zheng Guanying, mais conhecida pela Casa de Mandarim, construída em 1869.

O Governo de Macau adquiriu a propriedade em 2001 fez várias obras de restauro e, para a professora, a Casa é agora motivo de orgulho e esplendor de Macau.

"TRADUZIR É IDENTIFICAR"

HAN LILI

Com um português fluente, foi assim que Han Lili se apresentou no CCCM. A conferencista do Instituto Politécnico de Macau focou-se no tema específico da tradução como objecto de identificação e realçou a singularidade de Macau para qualquer tradutor, como ela é. "Macau é um sítio muito singular onde se encontram duas culturas, logo há espaço para tradução, a minha área. Aproveitei este colóquio, onde já tinha participado como intérprete, para apresentar uma parte da minha tese", conta.

Han Lili começou a aprender português há cerca de 20 anos e embora não estivesse a partir do zero em termos de língua estrangeira, dado que já sabia inglês, as conjugações os tempos verbais foram um verdadeiro quebra-cabeças. Mesmo assim, e porque se especializou na língua de Camões, já leu bastantes livros em português sendo o seu autor preferido Vergílio Ferreira. Assume que tentou traduzir alguns ensaios de Eça de Queirós, mas reparou que não era o seu estilo.



"A TRADUÇÃO DOS DOCUMENTOS CHINESES E O ESTATUTO DE MACAU (1749-1829)"

TEREZA SENA

Tereza mudou-se para Macau já lá vão quase três décadas por razões familiares. Mudou-se e por lá ficou. A sua formação é em História, onde tem trabalhado "essencialmente sobre a Missão Jesuítica na China, o comércio internacional, historiografia de Macau e arquivos" e a tradução surgiu na sua vida recentemente. "Pertenço ao Instituto Politécnico de Macau e foi um projecto que começou a ser desenvolvido em 2010 em cooperação com o CCCM, que é o meu local de trabalho em Portugal, e foi uma área que embora não seja a da minha formação acabou por me interessar e, a partir daí, comecei a tentar ligar as questões da tradução com os ensinamentos que eu tenho da estrutura política e económica", diz.

E embora o tema seja relativamente novo na sua vida, este tipo de colóquio não é nenhuma estreia para a historiadora. "Fiz parte da organização do primeiro, em Macau. Nessa altura defini e estudei o papel do intérprete nacional do século XIX, quando o intérprete deixa de ser o reflexo do que era a vida em Macau, a economia de Macau, ou seja, a ligação comercial e inserção na China, quando o intérprete é integrado no aparelho do Estado." Para esta portuguesa, este colóquio é essencial porque "numa sociedade policultural, multiétnica, a tradução é um pilar de sustentação de Macau, tanto na relação com a China, mas também com os parceiros comerciais. Neste momento, Macau é o elo de ligação entre os vários países onde se fala a língua portuguesa e onde a China está interessada em investir".



"A TOPONÍMIA DAS RUAS DE MACAU: UM ESTUDO DE TRADUÇÃO, TRANSLITERAÇÃO E IMAGINAÇÃO"

VINCENT WAI-KIT HO

Embora tenha apresentado um trabalho sobre os nomes das ruas de Macau (ambos em português e chinês) Vincent Wai-kit Ho, do Departamento de História da Universidade de Macau, não domina a língua portuguesa. Embora a tradução não seja a sua área, Vincent achou pertinente mostrar como é difícil traduzir à letra de português para chinês usando várias fotografias de nomes de ruas em português e lendo como foi feita a tradução. Foram momentos de gargalhadas aqueles que se viveram durante esta apresentação.



VILA DA TAIPA 2 (氹仔舊城區)

No corridinho das ruas

Quem poderia imaginar que as ruas da Vila da Taipa seriam um dia tão badaladas como as Ruínas de São Paulo? É certo que as multidões ali desaguam fisgadas pelos *resorts* da vizinhança, mas depois é vê-las demorarem-se – rua acima, rua abaixo – em busca de lembranças e dos doces tradicionais da Taipa. Porém, naquelas ruas há mais do que turistas, lojas e restaurantes. Ali começa a história da ilha da Taipa

T PATRÍCIA LEMOS
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

CONHECIDA ENTRE os chineses, no dialecto cantonense, como *Tam Chai Gau Seng Koi* (氹仔舊城區), a vila foi alvo das primeiras intervenções urbanísticas no final da década de 60 do século XIX: abriram-se novas vias, foram calcetadas outras tantas e a luz passou a iluminar algumas das estreitas ruas. O centro aumentaria por volta de 1880 com um aterro e, poucos anos depois, descortinava-se aquela que seria uma das vias mais concorridas de Macau – a Rua do Cunha ou *Kun Ia Kai*, que só fecharia ao trânsito cerca de um século depois.

Em 1886, era concluído o tão desejado Mercado da Taipa, cuja memória se encontra bem gravada no coração da vila. Por baixo de dois telheiros, os locais venderam durante décadas as colheitas do mar e da terra. A produção local era diminuta, mas há muito que chegava para comerciar com alguns vizinhos insulanos e até com os ocidentais que ali aportavam a caminho de Cantão no já distante século XVIII.

Como Coloane, a Taipa esteve sempre vários passos atrás de Macau. Vítima do assoreamento do rio e dependente de lanchas que cruzavam o mar conforme as marés e segundo um rigoroso horário, a *Tam Chai* (氹仔) não tinha como competir com Macau.



Os portugueses bem mandaram dragar o rio, construir aterros, electrificar a ilha. Já na década de 1950 aumentaram a regularidade das lanchas e inauguraram várias obras públicas, como o Posto de Incêndio de Bombeiros, a Estação de Correios da Taipa e um posto sanitário. Porém, era difícil para a Taipa apanhar o comboio do progresso, que só entraria na ilha em 1974, com a construção da Ponte Nobre de Carvalho. A nova ligação a Macau e a Coloane, através do istmo concluído em 1968, e a presença de muitas terras planas atraíram investidores e as obras foram-se sucedendo: blocos residenciais, universidade, central de incineração, aeroporto.

Foram várias as construções nos anos 1990, mas a Taipa continuava em segundo plano, agora como dormitório de Macau. Vida própria só teve depois da transição, alindada que foi, em 2002, para receber os resorts-casinos fruto da liberalização do jogo. Aterros, estradas, edifícios de luxo, obras de restauro e renovação prepararam a ilha não apenas para os turistas, mas também para os vários milhares de novos residentes. Em apenas dez anos, de 2001 a 2011, a população quase duplicou e continua a crescer. Em 2014, já eram perto de 102 mil os residentes da ilha.

Feng shui mete água

Há anos que os chineses se queixam do mau *feng shui* da Taipa. Tudo porque os caracteres que dão nome à ilha (氹仔 – pequeno lago) também integram um provérbio cantonês muito negativo. A saber: 氹仔可以浸蛟龍 – "um lago pequeno pode destruir (submergir ou afundar) um dragão".

O primeiro carácter deste ditado chinês (氹) raramente é utilizado, por isso quando o leitor se depara com o mesmo, a ligação à Taipa é automática. Essa relação instintiva deixa a ilha numa situação de grande vulnerabilidade, como se as suas terras fossem bafejadas pela má sorte, nada favoráveis aos "dragões" que ali pretendam investir o seu dinheiro. Afinal, como podem sobreviver estas criaturas gigantes num pequeno lago (*tam chai*)?

A história que melhor ilustra a fama do mau *feng shui* da Taipa foi protagonizada pelo magnata Yip Hon, que criou o malfadado Macau Trotting Club, no final dos anos 1970, com tudo do bom e do melhor. Chegou mesmo a convidar a estrela de Hollywood Gregory Peck para promover o hipódromo mas o azar continuou. O negócio acabou mesmo por fracassar e nem depois de ser comprado por um grupo de Taiwan conseguiu vingar. Só Stanley Ho lhe conseguiu dar a volta, fazendo brotar o Macau Jockey Club. A história ainda hoje circula no universo chinês da Taipa e consta que vários comerciantes, precavidos, baptizam os seus negócios com nomes de criaturas que não se deixam atemorizar pela água. ■



ABRIR PARA VER INFOGRAFIA DA VILA DA TAIPA 2

VILA DA TAIPA 2
氹仔舊城區

RODRIGO DE MATOS



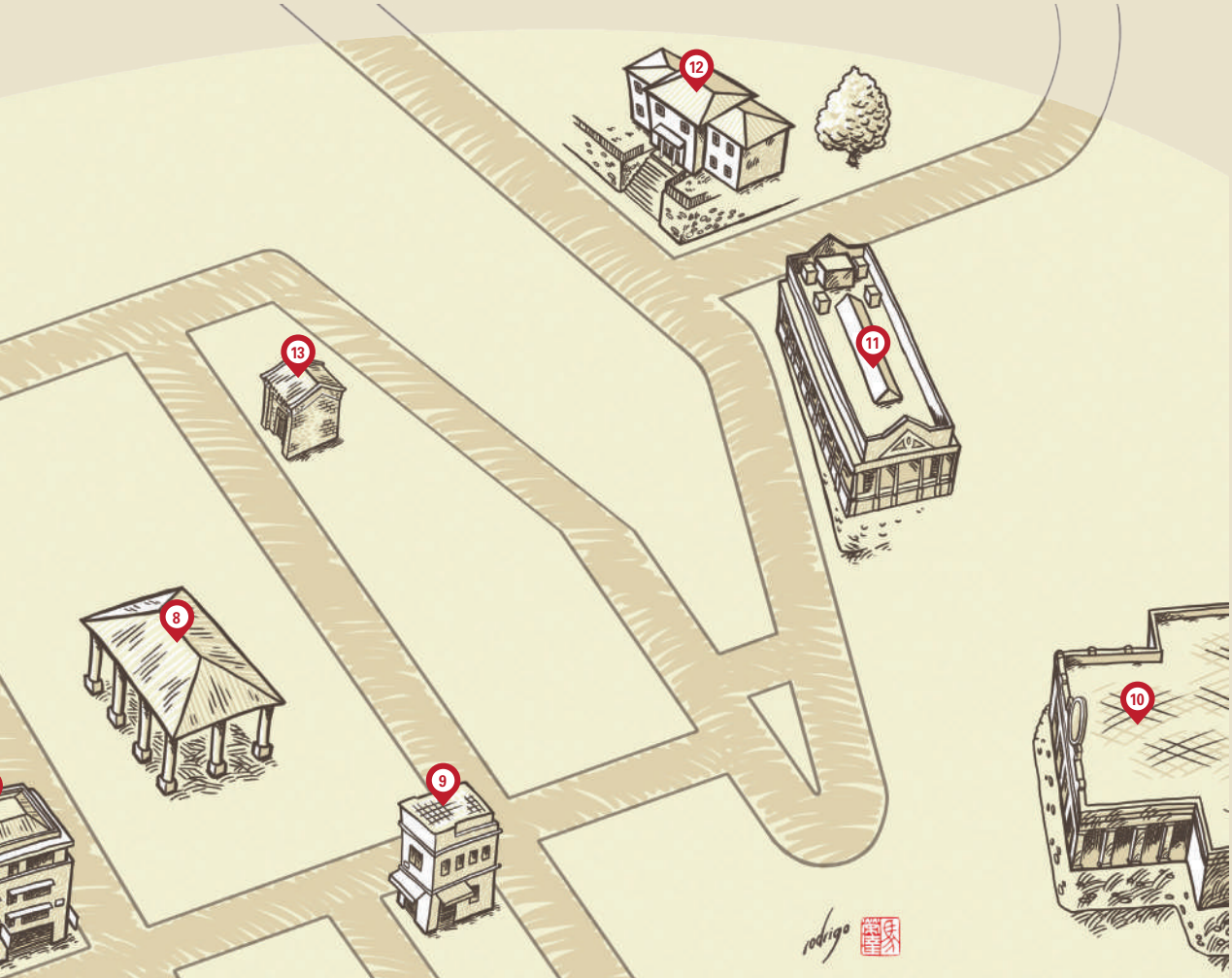
1 Escola Fong Chong da Taipa
Na origem deste estabelecimento de ensino, aberto em 1995, está a Escola Nocturna para os Filhos dos Operários, que estava instalada na Rua Direita Carlos Eugénio. Em 1966, a direcção decidiu avançar com trabalhos de renovação dos imóveis. sem a devida licença. A época era de grande tensão política em Macau e a ordem de embargo da obra não foi bem acolhida.

2 Cozinha Pinocchio
Construído em meados dos anos 1970, este edifício sofreu três grandes remodelações. O restaurante serve comida caseira macaense e deve o nome ao seu fundador, o senhor Pina. A decoração é alusiva aos soldados da paz, naquela que é uma homenagem ao pai do dono do restaurante, um antigo comandante dos bombeiros.

3 Posto de Incêndio de Bombeiros
Abriu em 1956 com o apoio de cinco fabricantes de panchões e instituições públicas. O imóvel foi demolido e os soldados da paz foram transferidos para um edifício na Rua Nam Keng em 1996. O Largo dos Bombeiros é hoje palco da Feira da Taipa e morada do Mercado Municipal, aberto em 1983.

4 Comidas Hong Kei
Abriu na Rua do Cunha em 1980, cinco anos antes desta via fechar ao trânsito. Em 2011, a senhora Un vendeu a casa ao império Koi Kei e mudou-se para a contígua Rua do Sol. Após a reforma, passou o testemunho ao filho que continua a servir as receitas tradicionais da mãe, como as populares asinhas de frango com molho especial.

5 Centro de Lembranças de Macau
A senhora Lio passou por várias ruas de Macau até se instalar em definitivo aqui, no número 44 da Rua do Cunha, em 2002. Fez um bom negócio pois foi nesse ano que a indústria do jogo foi liberalizada em Macau. Treze anos volvidos, esta é uma das lojas de souvenirs com mais saída na vila.



6 Restaurante O Santos
É um dos restaurantes mais populares de Macau, não só pelo cardápio bem português, como também pelo anfitrião, o Santos. Ali se deliciam turistas e residentes desde 1989, onde antes funcionou o restaurante Ricardo. Provam as comidas típicas, como o leitão assado, servidas com vinhos e outras bebidas de marca portuguesa.

7 Gelatina Musang Mok Yi Kei
Na família há três gerações, este negócio com mais de 80 anos começou por ser ambulante. Em 1997, com as restrições aos vendilhões, a família Mok decidiu fixar-se neste edifício, onde antes existia uma casa velha com mercearia no rés-do-chão. O pudim de ágar-ágar e o gelado de dúrio são o orgulho dos Mok.

8 Antigo Mercado da Taipa
Em 1879, nasce uma praça sobre um novo aterro na Vila da Taipa, onde abre, sem carácter definido, um mercado, até então a operar na Rua do Supico. Foi concluído em 1886 e desactivado no início dos anos 1970. Em 2003, a praça foi calcetada e o antigo mercado foi convertido num espaço para actividades de lazer, ficando aquela área conhecida como Feira do Carmo. Com um telhado de género chinês, o velho mercado é sustentado por colunas de estilo clássico romano.

9 Café Vong Kei
Aqui é servido o chá com leite mais saboroso da ilha, atestam residentes e turistas. O Café da Maria, como era conhecido entre os portugueses, abriu em 1952, no lugar dum barracão de madeira com cabeleireiro. Renovado em 1972, o espaço está hoje nas mãos de Leong Hong Neng, neto do dono que montou este café chinês, um dos mais antigos da vila.

10 Quartel da Taipa
Construído em 1876 para albergar um hospital, este imóvel foi transformado num quartel em 1879. Nos anos 1920 é demolido o velho edifício, sendo depois erguido o que hoje conhecemos. A partir de 1961 ali se instala também o Centro de Recuperação Social. Esse mesmo espaço é ocupado, em 1982, pela Escola de Polícia que aí permanece até ao ano 2000. No mesmo edifício funcionou também a Messe das Forças de Segurança de Macau. Em 2004, o antigo quartel passou a integrar o maior acantonamento permanente do exército chinês em Macau, ampliado em 2012.

11 Central Eléctrica da Taipa
O edifício do Auditório do Carmo foi construído para albergar a Estação Geradora Eléctrica, em 1929, data do início da electrificação da vila. Uma vistoria em 1933 alertava para problemas de construção, pedindo reparações urgentes. O fornecimento de electricidade na Taipa passou por algumas provações e a primeira fase de electrificação só foi concluída em 1952. Depois de a central ter sido desactivada, o edifício teve várias finalidades ao serviço da administração, sendo convertido num auditório que abriu ao público em 2007.

12 Estação de Correios da Taipa
A comunicação telegráfica e a circulação diária de correspondência entre Macau e a Taipa arrancaram em 1884. Em 1897, eram criados oficialmente o Regulamento dos Correios da Taipa, uma delegação para as ilhas na Fortaleza da Taipa e uma subdelegação no quartel, onde passaram até a ser vendidos selos, papel selado e postais. A sucursal dos CTT funcionou sempre nos serviços de administração local até abrir em casa própria, neste edifício, em 1954.

13 Templo de Kun Iam Tong
Prima pela simplicidade, bem ao estilo de arquitectura dos templos de Lingnan. Porém, no seu interior brilha uma valiosa imagem centenária da deusa Kun Iam, folheada a ouro. Este templo foi construído em 1902.

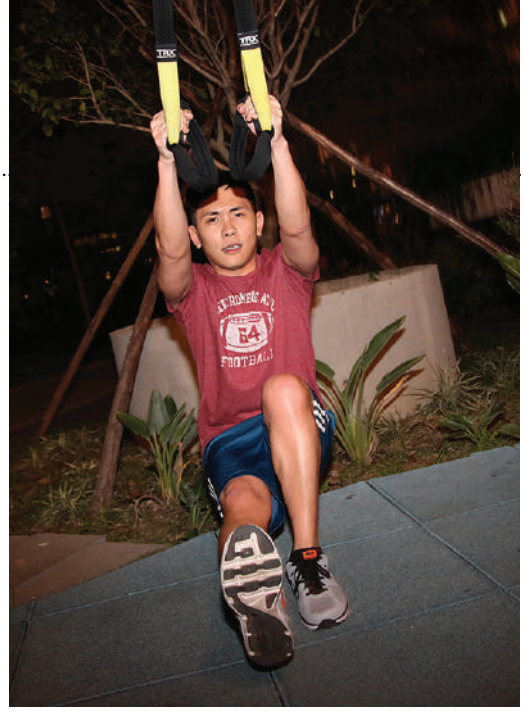
Macau mais em forma

T CLÁUDIA ARANDA F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O exercício físico, seja dança de Bollywood, boxe, ioga, CrossFit ou Urban Bootcamp, está a conquistar adeptos em Macau. Os mentores das diferentes práticas querem melhorar a boa forma dos habitantes e apostam em modelos de treino e de negócio ajustados às necessidades de cada um







O SOL vai alto e quente nesta manhã de sábado. O relógio marca 10h00 e no campo de jogos junto à Torre de Macau estão já uns 20 atletas, altos, baixos, louros e morenos, mais e menos encorpados. O grupo junta-se para mais uma sessão de *urban bootcamp*, liderada pelos mentores da prática em Macau João Braga e Nuno Fernandes, ambos instrutores certificados. Em campo há gente de idades, profissões e nacionalidades diferentes. Em comum têm o gosto pelo exercício físico ao ar livre, que é a principal característica da actividade lançada pelos dois sócios em 2012 com o nome de UBC 853. O objectivo dos instrutores era "criar algo diferente, que funcionasse como alternativa aos ginásios e às actividades em recintos fechados", explica João Braga. "Queremos tirar as pessoas das zonas de conforto das suas rotinas diárias", acrescenta.

O conceito do *urban bootcamp* é inspirado na lógica do treino militar: enérgico, intenso, ao ar livre e em condições climatéricas diversas. No caso do UBC 853 os seus mentores adaptaram os exercícios físicos ao meio urbano de Macau e às condições físicas dos seus alunos, com idades entre os 15 e os 50 anos, na maioria com profissões sedentárias: há advogados, professores, estudantes, jornalistas. Os treinos acontecem nos jardins, parques ou trilhos públicos da cidade. "A nossa metodologia de treino consiste em utilizar as estruturas arquitectónicas disponíveis nos locais onde treinamos, como bancos, escadas ou barras", prossegue João Braga. "Procuramos sempre adaptar os exercícios ao aluno e ao seus objectivos, mas tendo em conta as suas limitações", acrescenta.

Mas o que faz os habitantes desta cidade correrem - literalmente - por desporto?

Urban bootcamp para quebrar rotinas

Numa cidade densamente urbanizada e habitada como Macau, onde as pessoas tendem a dedicar-se quase exclusivamente ao trabalho fechadas em escritórios, praticar actividade

O CONCEITO DO *URBAN BOOTCAMP* É INSPIRADO NA LÓGICA DO TREINO MILITAR: ENÉRGICO, INTENSO, AO AR LIVRE E EM CONDIÇÕES CLIMATÉRICAS DIVERSAS



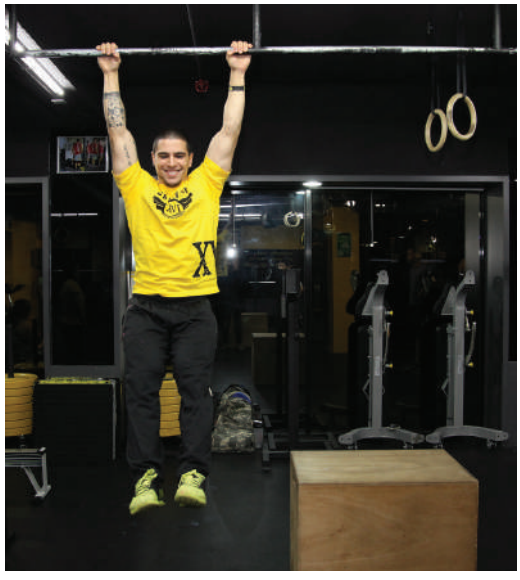


de física apresenta-se cada vez mais como uma alternativa para quebrar rotinas e renovar energias. A necessidade de fazer coisas diferentes no dia-a-dia é grande e muitos dos praticantes de *urban bootcamp* dedicam o seu tempo livre a mais do que um tipo de actividade física. É o caso de Tina Leong, professora do ensino secundário, nascida e criada em Macau, que pratica desporto para se "manter saudável" e "aliviar o stresse". "Sinto-me mais eficiente e menos cansada depois de fazer desporto", diz a jovem. O *urban bootcamp* permite a Tina Leong "fazer exercícios em equipa", "é mais desafiante e divertido", além disso é "ao ar livre". O boxe, uma das suas outras actividades, é mais uma forma de libertar o mau humor e as energias negativas e de "ganhar músculo".

Ana Rita Amorim, tradutora e revisora de profissão, nascida em Angola mas a residir em Macau há 20 anos, divide o tempo disponível entre o *urban bootcamp*, o CrossFit, o futebol e outras práticas e diz fazê-lo pela sua "saúde mental e bem-estar emocional". "Se for possível fazer exercício ao ar livre é mais agradável", diz. Até porque "há um desafio extra que é o estado do tempo: pode estar frio, calor, vento, chuva". Ana Rita escolheu o *urban bootcamp* porque estava à procura de "uma actividade completa, que tivesse elementos de força, resistência e que trabalhasse a parte aeróbica e anaeróbica. O facto de ser no jardim com um grupo diversificado torna o treino mais divertido". Ana Rita gosta também de CrossFit porque inclui duas disciplinas que queria experimentar, como a ginástica olímpica e o halterofilismo ou levantamento de peso. Ana Rita considera "gratificante" ver mulheres a levantarem pesos, fazerem flexões e elevações de braços. "Gosto de ver as mulheres treinarem e competirem lado a lado com os homens em disciplinas que não eram vistas como femininas." Praticar essas actividades "dá-lhe maior confiança". Além disso, "um corpo atlético ou tonificado ou com músculo é igualmente atraente e denota dedicação e saúde", acrescenta.

A dar resposta a esta disponibilidade dos habitantes de Macau para novas experiências desportivas não tem faltado gente com vontade de lançar novas ideias de práticas desportivas e de, simultaneamente, criar novas formas de negócio, ajustadas às necessidades e forma física de atleta. Muitas destas novas propostas surgiram apenas nos últimos dois anos e a sua divulgação faz-se, regra geral, via redes sociais, como o Facebook, ou através do "passa-palavra" entre praticantes e curiosos.





O método CrossFit consiste em movimentos funcionais, inatos ao corpo humano, variados, feitos em alta intensidade

CrossFit para pessoas "mais fortes"

É no rés-do-chão de um prédio residencial na avenida Sidónio Pais que está instalado em Macau um dos ginásios de CrossFit, para "estarmos próximos da comunidade", explica António Barrias, 25 anos, mentor do CrossFit em Macau em conjunto com os sócios Amanda Ho e U Seng. Desde finais de 2013 os três



parceiros de negócios já abriram dois ginásios, o CrossFit XVI e o CrossFit Cotai, situado na Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa), a utilizar os direitos de *franchising* da marca registada nos Estados Unidos.

"Temos atletas do mundo do futebol, basquetebol, maratonistas, corredores de barcos-dragão. Treinamo-los para os seus objectivos específicos", diz António Barrias. É o caso de Adam Sou, 25 anos, que trabalha num casino, mas que também é atleta da selecção de Macau de hóquei em patins e que explica que o CrossFit ajuda a prepará-lo para as competições.



O método CrossFit consiste em "movimentos funcionais, inatos ao corpo humano, variados, feitos em alta intensidade, que é o que leva aos resultados que as pessoas procuram", explica António Barrias, que é o treinador principal. A progressão do atleta na prática implica que seja capaz de fazer toda uma série de exercícios e levantamento de pesos no menor tempo possível. Os resultados podem revelar-se em termos de força, resistência muscular e cardiovascular, coordenação, agilidade e flexibilidade.

O português Gil, de 29 anos, antigo lutador de *muay thay*, é praticante assíduo de CrossFit e considera os resultados bastante vantajosos em comparação com os obtidos num ginásio convencional. "No CrossFit fazemos exercícios funcionais para nos prepararmos para tudo aquilo que é importante no dia-a-dia, subir escadas, carregar coisas", explica. A filipina Verónica, de 37 anos, residente há 15 anos em Macau, mãe de três filhos, explica que pratica CrossFit porque é "conveniente". "Os treinos duram apenas 20 ou 30 minutos, sinto-me



mais forte, consigo pegar na minha filha e carregar as compras do supermercado."

Ioga para tratar do corpo e da mente

Trazer qualidade de vida e espiritualidade às vidas dos habitantes de Macau é um dos objectivos da instrutora de ioga Rita Gonçalves, que abriu em 2014 um novo espaço, o Yoga Loft Macau, junto ao Largo do Senado. "A vida em Macau é muito urbana e agitada, estamos constantemente a ser estimulados, é difícil encontrar espaço, silêncio, e nós precisamos disso."

"QUEM TEM UMA PRÁTICA REGULAR DE POSTURAS COMEÇA A SENTIR-SE MAIS SAUDÁVEL, MAIS EM FORMA, E ISSO RESULTA NUMA GRANDE PAZ MENTAL", EXPLICA RITA GONÇALVES, FUNDADORA DO YOGA LOFT

Rita Gonçalves faz questão de se diferenciar do chamado *ioga-fitness*, muito popular em Macau, que é uma prática "muito vigorosa", com posturas muito exigentes para as quais as pessoas por vezes não estão preparadas. Nas suas aulas a instrutora cria oportunidades de aprendizagem correcta dos movimentos, ao mesmo tempo que tenta que os praticantes encarem o ioga como "uma experiência mais intimista, de desenvolvimento pessoal". "Quem tem uma prática regular de posturas começa a sentir-se mais saudável, mais em forma e isso resulta numa grande paz mental, porque usamos o corpo para percebermos como funcionamos e trabalhamos as nossas inquietações, a nossa energia, motivação, confiança, há todo esse trabalho de desenvolvimento pessoal no ioga", explica Rita Gonçalves.

Bollywood para quem se quer divertir

A dança é também uma opção para quem deseja manter a forma de maneira mais descontraída. "As pessoas querem divertir-se, relaxar, aprender coisas novas", explica o indiano Viktor Kumar, que chegou a Macau em 2008 para ensinar o estilo glamoroso da dança do uni-



verso de Bollywood, o nome da mega-indústria de cinema na Índia. Desde então o "guru" Kamar já juntou uma legião de fãs e de seguidores, desde adolescentes a pessoas com 60 ou 65 anos. "Toda a gente pode dançar este estilo. É uma dança muito coreográfica, cheia de movimentos teatrais, é muito interactiva, mas com pouco contacto corporal. Não é como nas danças latinas em que o par dança agarrado, por isso as pessoas adaptam-se melhor, especialmente os asiáticos, que sentem-se desconfortáveis com o contacto físico", explica.

Viktor Kumar começou por criar um pequeno grupo de dança, o Bollywood Dreams Group. Em 2012, lançou uma associação cultural (*Indian Culture Association of Macau*), que agora reúne cerca de 100 membros, "chineses, portugueses, macaenses", que participam em diversas actividades e paradas culturais subsidiadas pelo Governo de Macau. Mais recentemente Kumar lançou um estúdio de dança na avenida Venceslau de Morais, na Areia Preta – o *V Studio Arts & Culture* – para o público interessado em aprender diferentes estilos de dança ou praticar ioga. A aposta na divulgação da cultura indiana, para já, parece não ter concorrência em Macau, diz o bailarino e empresário que está a tentar aproveitar o potencial de negócio desta presença exclusiva no mercado e até já lançou uma linha de roupa de dança em Macau. O próximo passo é conseguir o número suficiente de alunos que lhe permita estabilizar o negócio e fazer face às despesas para depois expandir e continuar a "partilhar a cultura indiana".

Em termos de negócio, atrair alunos, conseguir que estes frequentem com regularidade as aulas ou que não desistam ao fim de algum tempo é uma das dificuldades enfrentadas pelos instrutores de cada uma das práticas. A outra contrariedade é o elevado custo das rendas dos espaços comercias, que podem atingir valores incomportáveis obrigando à mudança de espaço com risco de perda de clientes. No caso do *urban bootcamp* não há uma renda fixa para pagar, mas há outros desafios a enfrentar. "Tendo em conta a realidade local relativamente a aluguer de espaços, para nós é uma vantagem poder usufruir dos espaços exteriores", explica João Braga. Mas, também, "estamos mais dependentes das condições climatéricas", acrescenta.

Meca do boxe

A crescente popularidade do boxe entre praticantes amadores não pode ser dissociada do facto de Macau estar em vias de conquistar a Las Vegas o título de "capital mundial do boxe". A cidade é já o bastião na Ásia da modalidade, palco de competições entre estrelas do boxe internacionais como o filipino Manny Pacquiao ou o campeão olímpico chinês, duas vezes medalha de ouro, Zou Shiming, que tem atraído as atenções de todo o Interior da China para Macau.

> De Bollywood chega uma dança muito coreográfica, cheia de movimentos teatrais, com muita interactividade, mas com pouco contacto corporal

Daniel Lawley, um sul-africano de Joanesburgo, que exerceu durante 23 anos funções como superintendente da polícia de Hong Kong, é um dos mentores da prática de boxe amador e profissional em Macau, para onde se mudou em 2012. "Macau é, sem dúvida, a nova meca do boxe na Ásia, com grandes lutas na arena do Cotai a cada três meses. Estamos a ver uma enorme ascensão do interesse no boxe nesta parte do mundo. Tendo em conta este interesse, senti que este era um excelente momento para construir uma academia de boxe em Macau", explica Daniel Lawley.

"A prática está aberta a toda a gente, praticantes de qualquer nível, desde principiantes a lutadores profissionais, residentes, expatriados ou visitantes que queiram vir treinar connosco", explica o antigo polícia, que pratica boxe desde os sete anos, é treinador desde 1991 e continua a inspirar atletas amadores a ingressarem na prática.

Daniel garante que o boxe pode ser praticado sem que os alunos se magoem e assegura que tem vantagens em relação aos resultados obtidos em ginásio. "O boxe é um desporto excelente para melhorar o condicionamento físico, a capacidade de sincronização e os reflexos. É também muito eficaz para aumentar a capacidade de autodefesa, ajuda a manter a forma e pode melhorar a autoconfiança", diz o pugilista. Além disso, "é uma forma óptima de libertar o stresse e a agressividade", acrescenta. ■

CENTRO DE DESIGN DE MACAU

Fábrica de criativos

T FÁTIMA VALENTE F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Há partos difíceis e há horas felizes. O Centro de Design de Macau é um projecto assim. Pensado há várias décadas, ganhou vida numa antiga fábrica têxtil, na zona norte da cidade, fruto da paixão e insistência de quem dar a conhecer o talento criativo à comunidade local e além-fronteiras




MUN
HUB
Creative
Platform

PARA EXPLICAR a origem do Centro de Design de Macau (CDM), James Chu, actual presidente da Associação de Designers de Macau, recua até 1986, ao tempo em que a mesma foi fundada. "Fomos os pioneiros da chamada indústria criativa em Macau. Há 29 anos, o termo 'indústrias criativas' nem sequer existia, mas toda a gente sabia que o design está relacionado com a arte", recordou.

As acções promovidas pela Associação multiplicaram-se ao longo dos anos com o Interior da China, Hong Kong e Taiwan, ou mesmo com a Coreia do Sul e Japão, e ajudaram a fazer negócios, a aumentar a qualidade do design e as trocas culturais. "Durante muitos anos, a Associação de Designers de Macau tentou fazer muito de diferentes formas", sublinhou. Mas algo continuou a faltar: "As pessoas dizem sempre que a qualidade do design de Macau é boa. Temos muitos designers que ganharam prémios internacionais, como Victor Marreiros, Ung Vai Meng, eu próprio, e alguns designers da nova geração. Mas isto não chega. A questão fundamental é o negócio, e não a carreira artística in-

O Centro de Design de Macau tem uma vertente educativa, e por isso, desde que abriu portas oficialmente em Agosto deste ano, tem apostado em seminários e palestras, sobretudo para inspirar os mais jovens que chegam à indústria



dividual. Por isso, era necessário construir este centro como uma plataforma".

O Centro de Design de Macau tem uma vertente educativa, e, por isso, desde que abriu portas oficialmente em Agosto deste ano, tem apostado em seminários e palestras, sobretudo para inspirar os mais jovens que chegam à indústria. "Precisamos de lhes apresentar o que está a acontecer fora de Macau, para que não olhem só para o seu monitor. Esta é uma parte do projecto: mais educação, e também reunir pessoas para partilhar ideias."

A outra parte –"a mais importante", segundo James Chu – "é ajudar a atrair para o centro as pessoas da área dos negócios para virem ver o que os *designers* de Macau estão a fazer". A ideia, explicou, é servir de ponte para o mercado e dar a conhecer às empresas os trabalhos nos diferentes campos: "Não é só design gráfico, mas também multimédia, desenvolvimento de aplicações de telemóveis, design de websites, vídeo, animação".



Nesse sentido, recordou a competição para o design do exterior do Macau Hollywood Roosevelt Hotel – actualmente em construção – ganha por um artista da terra, como "um bom exemplo" de como os investidores podem apostar no talento local, em vez de contratarem em Hong Kong, Singapura, na China ou nos Estados Unidos. "Não é uma questão de orçamento; a questão está em querer dar oportunidades às pessoas de Macau. Isso significa que confiam em ti porque tens boa qualidade", afirmou.

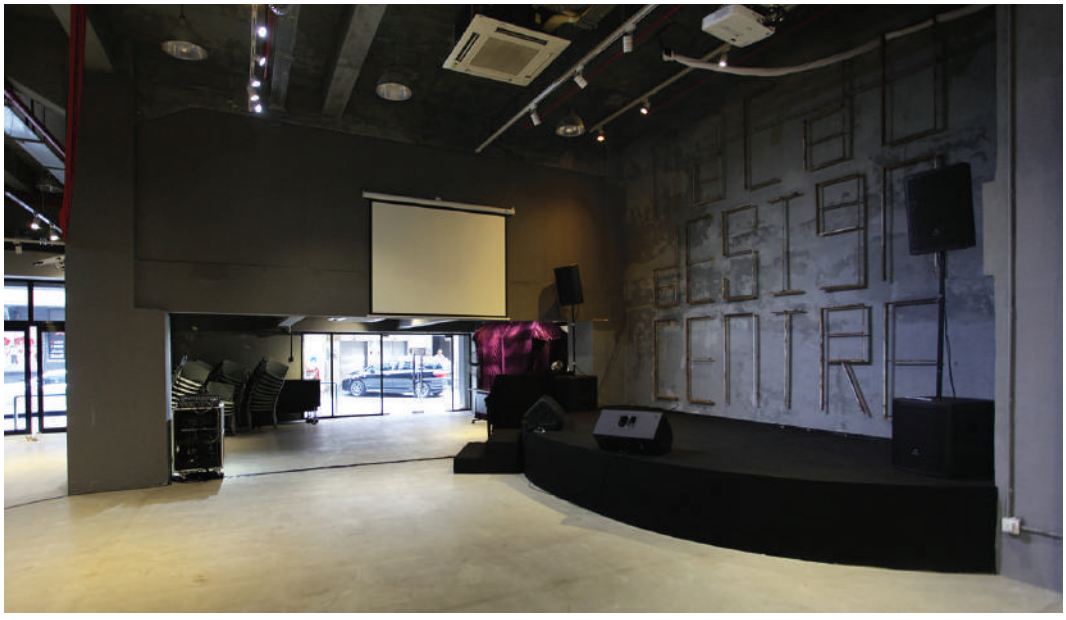
Apesar das dificuldades no arranque, nomeadamente ao nível do financiamento, muita gente já sabe da existência do CDM: "As pessoas estão muito curiosas sobre o que estamos a fazer, o que vendemos, o que podemos fazer em conjunto com eles. Mesmo que muitos não sejam de Macau, podemos na mesma tomá-los como exemplo, no sentido de ver como podemos desenvolver o projecto em conjunto".

Uma questão de tempo

A necessidade de uma "casa" para o design demorou a ser entendida pelas gentes de Macau. "Na verdade, colocámos esta questão há dez anos, quando o anterior Chefe do Executivo foi visitar a zona de São Lázaro", conta James Chu. Edmund Ho apontou então aquela parte da cidade como a área em que Macau iria "gastar algum tempo para desenvolver esta indústria". Mas, "mais do que isso, ele fez uma declaração muito clara e inteligente, que fez com que continue até hoje a ser recordado como um visionário: ele disse que para desenvolver a indústria criativa em Macau 'vai levar mais do que uma geração'", sublinhou.

> "PRECISÁVAMOS DE DESENVOLVER UMA PLATAFORMA PARA JUNTAR DESIGNERS, PARA ESPALHAR A ENERGIA, PARA OS AJUDAR A DESENVOLVER O SEU TALENTO CRIATIVO, E ELEVAR A QUALIDADE DO SEU *DESIGN*"
>
> **JAMES CHU**





"Isto é muito importante: o design gráfico a promover e a tornar a cidade melhor. O *design* é tão necessário como a água e o ar. Uma cidade sem design original seria apenas uma cidade de cópias, iria perder o seu carácter, iria viver sem luz"

JAMES CHU

O artista e *designer* recorda estas palavras porque nessa altura alguns territórios vizinhos estavam a dar os primeiros passos. "Hong Kong estava só a planear ter um centro de *design*, a Coreia do Sul nem sequer tinha falado nisso. Entretanto, o governo de Hong Kong gastou muito dinheiro a construir um centro de *design* em Kowloon, e a Coreia do Sul construiu um espaço com formato de nave espacial, que é um dos ícones de Seul", adiantou.

A Associação queria ter aberto o Centro de Design mais cedo. Ainda assim esperou por um apoio oficial. E por fim acabou por antecipar-se às burocracias e dar o primeiro passo, arrendando o edifício industrial, que estaria votado ao abandono há mais de dez anos. "Vimos o espaço e fomos perguntar ao governo se nos apoiava a tornar isto num centro de design em Macau para desenvolver o negócio das indústrias criativas. Mas ficámos com medo de perder a oportunidade, porque muita gente estava à procura do espaço – a renda era muito barata e o contrato era a dez anos. Era um negócio bastante atractivo. Por isso não esperámos até que o governo respondesse, e arrendámos".

Na altura em que receberam as chaves da antiga fábrica, no final de 2012, o espaço era apenas "uma carapaça", sem água, luz, sistema contra incêndios ou ar condicionado. Foi preciso contratar um engenheiro para garantir a segurança do edifício, elaborar e submeter os desenhos técnicos e, até ao início da obra, passou mais de um ano. Entretanto seguiu-se uma candidatura a um apoio do Fundo das Indústrias Culturais, que chegou em Julho deste ano, pelo que a inauguração do espaço aconteceu a 15 de Agosto.

James Chu já pensa na segunda fase do projecto, que passa pela compra de alguns equipamentos e obras no terraço para ajudar a evitar infiltrações no edifício com mais de 50 anos. Mas isso é algo que só deverá concretizar-se quando houver mais financiamento. ■

Trabalhar em comunidade

Um edifício industrial de cinco andares, no número 5 da Travessa da Fábrica, é a casa do Centro de Design de Macau. Acolhe 17 empresas ligadas às indústrias criativas, exposições e eventos

PASSA DESPERCEBIDO a quem circula na Estrada da Areia Preta, e até mesmo a quem não mora na zona há tempo suficiente para saber que em tempos ali laborou uma fábrica têxtil, bastante popular à época. À entrada, o visitante é atraído para o *showroom* com peças de roupa, artigos de couros e bijutaria colocados à venda por *designers*, e uns passos à frente encontra a cafetaria e um palco multiusos, para palestras e seminários, mas também espectáculos e concertos. Depois é subir pelas escadas (ou de elevador) e deixar-se guiar pela sinalética em caracteres chineses, reproduzida nas paredes de forma informal e descontraída.

"O ambiente é muito simples, muito cru. Quisemos manter o mais possível o antigo aspecto da fábrica, mas com novos elementos", explicou James Chu. Uma das preocupações era "fazer com que as pessoas conhecessem a história do edifício". Por isso foi mantido o placard na fachada, com o nome da fábrica em caracteres chineses, mas agora surge pintado a cinzento, em vez do vermelho de antigamente. "Já não está tão atractivo, porque as pessoas iam ficar confusas e pensar que isto era uma fábrica, mas pelo menos ficam a saber que existiu aqui uma fábrica."

Pouco se sabe da história do edifício, porque quando os designers tomaram conta "estava tudo ao abandono e havia lixo por todo o lado". Não há fotos desse tempo, mas muitos moradores conhecem bem o espaço; para alguns mais velhos foi inclusive o seu local trabalho. "Isto é importante. Tivemos alguns a visitar-nos: eles vêm cá contar-nos histórias, apesar de já não se lem-



brarem como era o interior", revelou James Chu.

No caso de Casber U, a história repete-se. A mãe trabalhava na fábrica quando estava grávida dele, em meados dos anos 1980, e agora ele, o filho designer, ocupa um dos 17 estúdios, com a sua empresa de multimédia que fundou com amigos do bairro. "Ela já visitou o nosso estúdio, mas as suas memórias estão muito turvas. Ela lembra-se de uma fábrica muito maior do que é o Centro, porque na altura o espaço não estava dividido", disse Casber U, da NEBA, que em Setembro venceu o prémio para melhor espectáculo de *mapping* num concurso internacional, no Japão.

Além dos 17 estúdios alugados a empresas, as novas divisões incluem uma área para exposições, uma sala de reuniões, e ainda um terraço, que talvez a mãe de Casber U não imaginasse que hoje servisse de casa para seis cães adoptados, espaço para eventos, ou simplesmente para recarregar energias pelos que ali trabalham. "Já lá tivemos tomates, agora temos basílico. Estamos sempre sentados ao computador e o terraço é bom para fazermos um intervalo e darmos um descanso ao cérebro para nos concentrarmos outra vez. É um bom local para relaxar e brincar com os cães", afirmou Casber U.

Tal como a NEBA, a maior parte dos ocupantes do espaço são jovens empreendedores que estão a lançar as suas empresas. Nesse sentido, a renda acessível – fixada em sete patacas por pé quadrado – foi determinante para se instalarem no CDM. "No ano passado as rendas estavam muito altas e tivemos sorte porque coincidiu com a altura em que andávamos à procura de um espaço", explicou Wallace Chan, da CRAXH, que trabalha em vídeo e animação. "O Centro de Design de Macau é bastante representativo da indústria na cidade e nós sentimo-nos orgulhosos de fazer parte do projecto", acrescentou o jovem. Para Zoe Sou, directora administrativa do CDM, as vantagens são recíprocas e todos ficam a ganhar: "A maior parte está a começar os seus negócios e nós estamos orgulhosos por apresentarmos esta nova geração que está a trazer poder à cidade. Eles são jovens e já estão a sair-se bastante bem".



AS PRIMEIRAS 12 EMPRESAS A OCUPAREM OS ESTÚDIOS, EM NOVEMBRO DE 2014, FORAM SELECCIONADAS ENTRE CERCA DE 50 CANDIDATURAS. ENTRETANTO, EM MARÇO DESTE ANO, COM A PROCURA E NECESSIDADE DE RENTABILIZAR O ESPAÇO, FORAM ACRESCENTADOS MAIS CINCO ESTÚDIOS, AUMENTANDO PARA 17 AS EMPRESAS RESIDENTES

Já Loïc Faulon, director da Loco Creative Works, aponta como mais-valia o facto de terem como vizinhos empresas de ramos complementares: "Traz sinergias porque estamos especializados em diferentes áreas das indústrias criativas". Outra das vantagens é "o acesso ao espaço durante 24 horas, e o facto de estar localizado perto da fronteira com a China, pelo que rapidamente podemos ir às fábricas e acompanhar a produção dos produtos", acrescentou. A promoção conjunta também beneficia as empresas, como por exemplo, o catálogo que o Centro de Design de Macau preparou para apresentar na Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla inglesa). "É mui-


嘴巍巍
花嘩花嗋
哦夜哦



to positivo. Demora algum tempo até desenvolver os contactos. Agora está a acontecer, mas precisamos de mais tempo", concluiu Loïc Faulon.

Diversificar e mostrar a diferença

As primeiras 12 empresas a ocuparem os estúdios, em Novembro de 2014, foram seleccionadas entre cerca de 50 candidaturas. Entretanto, em Março deste ano, com a procura e necessidade de rentabilizar o espaço, foram acrescentados mais cinco estúdios, aumentando para 17 as empresas residentes. Foi levado em consideração o objectivo de ter empresas de diferentes áreas. "Senão estaríamos só a fomentar a competição, por isso temos *design* gráfico, multimédia, moda, *design* de produto. Só não temos arquitectura, talvez pela natureza do seu trabalho", assinalou James Chu. "Não podemos dizer que fomos bem-sucedidos porque abrimos há poucos meses, mas a maioria das empresas mais importantes enviou pessoal – talvez não o seu director executivo, mas o departamento encarregado pelo *design* – para visitarem o nosso espaço". Não obstante, James Chu deixa clara a missão do CDM: "Não estamos só a trabalhar para estes 17 estúdios, estamos a trabalhar para todos os que são ou se querem estabelecer como *designers* em Macau".

> As 17 empresas que ocupam os estúdios do espaço são de diferentes áreas do design. Esse foi, aliás, um dos critérios de selecção entre 50 candidaturas

Além dos estúdios, o Centro de Design de Macau criou recentemente uma área de trabalho partilhada – o "Good Lab" – destinado a *freelancers* ou estudantes, que por mil patacas por mês apenas precisam de trazer o computador pessoal para ter direito a um lugar na mesa grande de trabalho e usar as facilidades sem custos adicionais com a electricidade, internet ou impressora, durante 24 horas. "A ideia é permitir que mais pessoas trabalhem umas com as outras e, por outro lado, trazer o máximo número de pessoas até cá", afirmou James Chu.

A *designer* Cake Cake foi uma das primeiras a reservar um lugar no Good Lab. Trabalhou em publicidade em Macau, mas recentemente optou por se despedir para se focar no seu trabalho de ilustração. "Pensei em trabalhar em espaços públicos, como uma biblioteca, por exemplo, mas não é o ambiente mais adequado. Aqui, além do espaço de trabalho, posso estar sempre a par do que está a acontecer no mercado. E é conveniente porque só preciso de trazer o computador." ■







Todas as linguagens em cima de um palco

T ANDREIA SOFIA SILVA F GONÇALO LOBO PINHEIRO

A segunda edição da Mostra de Teatro dos Países de Língua Portuguesa (Teatrau) levou pela primeira vez ao palco uma peça bilingue de Macau. Com organização do Instituto Português do Oriente (IPOR), o projecto pretende manter-se com uma aposta em peças bilingues e na revelação de diferentes identidades teatrais





PRIMEIRO ERA a Dulce "que se transformava num Grémio Literário", os dois filhos a chatear, e depois as mãos de Eurídice, muito bonitas e fascinantes, mas que levaram o escritor nunca lido Gracindo Tavares à desgraça. Em Timor-Leste, uma jovem ousou sonhar tirar um curso na universidade e ir além dos receios da irmã. Em São Tomé e Príncipe, uma mulher maltratada e traída pelo marido decidiu dar-lhe uma lição.

Todas estas histórias contadas em português subiram ao palco do Teatro D. Pedro V entre os dias 16 e 21 de Outubro, no âmbito da segunda edição da Mostra de Teatro dos Países da Língua Portuguesa (Teatrau), no âmbito da Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa promovida pelo Fórum Macau. O público pôde assistir às diferentes linguagens cénicas de cinco companhias de teatro, vindas de Macau, Portugal, Timor-Leste, Moçambique e São Tomé e Príncipe, os únicos países do espaço lusófono que faltavam participar depois da primeira edição do evento, em 2014, que trouxe a Macau projectos do Brasil, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

A MOSTRA DE TEATRO DESTINA-SE AOS FALANTES DE PORTUGUÊS, MAS NÃO APENAS AOS NATIVOS. A IDEIA É POTENCIAR O TEATRO COMO FORMA DE INTERAGIR COM A LÍNGUA E CRIAR DIÁLOGOS E COMPETÊNCIAS INTERCULTURAIS

João Laurentino Neves, director do Instituto Português do Oriente (IPOR), traçou um balanço positivo de um evento que, desta vez, se pautou por algum desequilíbrio em termos de experiência das companhias. "Tivemos duas companhias experientes e três companhias que estão a dar os primeiros passos em áreas diferenciadas. Temos de perspectivar os estágios de desenvolvimento destes países na área da dramaturgia, e é o que estamos a fazer: a conferir oportunidades para essas companhias se mostrarem e aprenderem com outras experiências. É transformarmos Macau num espaço onde esses encontros, entre os que já fazem teatro há muito tempo e aqueles do teatro amador, possam levar a um intercâmbio de experiências."

O projecto Tomato Leste, de Timor-Leste, impulsionado pela professora espanhola Mireia Clemente, constitui um exemplo do amadorismo de que fala João Laurentino Neves. Com a peça *Babalú*, as actrizes Olga Freitas e Esménia Ximenes pisaram pela primeira vez um palco profissional. Estudam português na Universidade Nacional de Timor-Leste e apaixonaram-se pelo teatro assim que viram o anúncio para a criação de um grupo.

"Gosto de teatro porque sempre vi na televisão, mas foi a primeira vez que pude fazer uma peça. Em Timor-Leste não há muitos teatros. Pela primeira vez apresentamos uma peça num palco e estou sem palavras. É bom porque temos todas as facilidades para actuar. Foi uma boa experiência e oportunidade", contou Olga Freitas.

Para Laurentino Neves, este projecto universitário de jovens que também davam os seus primeiros passos na língua portuguesa, trouxe a Macau um "projecto arrojado", que





Através da iniciativa, o IPOR quer aproveitar a presença de actores, técnicos, encenadores, directores, produtores de diferentes países para criar redes de contactos e redes de exploração de novas oportunidades

revela muito da realidade timorense. "Deram o seu melhor e nós também aprendemos alguma coisa."

Já a companhia portuguesa Seiva Trupe, do Porto, anda nestas lides há 42 anos. No entanto, esta foi a primeira actuação em Macau, depois de terem passado por um processo concorrido de selecção através da Fundação Oriente. A escolha do monólogo *As mãos de Eurídice* era óbvia, por, num dado momento da história, as personagens deambularem pelos casinos de Macau.

"Estreámos esta peça no ano passado, no Porto, e já percorremos vários teatros em Portugal. Mas esta foi a primeira vez que saímos do país. Esta peça enquadra-se, fala de jogo e as personagens inclusivamente passaram por Macau. A tragédia acontece em Macau, e não foi nenhuma adaptação, originalmente era assim. Tivemos duas casas bem compostas e as pessoas reagiram bem", disse o actor Rui Spranger, que considerou ainda importante a realização de um projecto como o Teatrau. "É um projecto interessante, do ponto de vista da língua e do ponto de vista da cultura, e até da linguagem cultural, com esse confronto através das várias linguagens", apontou.

O grupo Os Criativos, de São Tomé e Príncipe, trouxeram a Macau a peça *O Médico*, que misturou o drama de uma mulher maltratada pelo marido com laivos de comédia que acabaram por divertir a plateia. De Maputo, Moçambique, chegou *A Cavaqueira do Poste*, da Companhia de Teatro Lareira Artes. Aqui, problemas actuais como a fome a miséria são retratados através das personagens de Calvino, um homem cego, e Tendeu, que não tem braços. Ambos são sem-abrigo e têm um poste como casa.

Aposta no bilinguismo

A primeira peça em chinês e português apresentada no Teatrau surgiu da fusão de dois grupos. O recém-criado Macau ArtFusion e a companhia Hiu Hok, com mais de 40 anos de vida, juntaram-se e fizeram *A Cegueira* , que se baseia num texto em chinês intitulado *A Line*, de Anthony Chan, e que foi adaptado para português por Fernando Sales Lopes e para chinês por Billy Hui.

Em palco, um pastor e uma pastora são muito amigos e um jogo acaba por destruir essa amizade. "É uma brincadeira, mas depois acaba por não o ser, porque as pessoas assumem de tal maneira o seu território que começa a haver um confronto e uma total desconfiança entre eles, o que é mais grave. Eles que são amigos chegam a odiar-se. Esta é uma história transversal ao que acontece na sociedade, em que o poder e uma série de coisas levam a isso", expli-



cou Fernando Sales Lopes, que faz ainda uma segunda interpretação da história: "Também podemos fazer uma leitura de Macau, sobre o facto dos chineses e portugueses serem amigos ao longo de séculos, mas na verdade existir um grande desconhecimento uns dos outros.. Um não conhece a cultura do outro, há uma desconfiança, que leva por vezes a mal-entendidos. É esta a mensagem da peça."

Com dois actores locais – ela tradutora de português e ele apenas falante de cantonês em palco – *A Cegueira* incorpora vários elementos da cultura lusa. "Utilizamos excertos do livro *Ensaio sobre a Cegueira*, do nosso Nobel [José Saramago], porque se encaixa bem nesta peça. No fim de contas isto é uma cegueira. Temos ainda música da Amélia Muge", referiu Fernando Sales Lopes.

Laura Nyogeri, que dirigiu a peça ao lado de Fernando Sales Lopes e Billy Hui, explica que esses elementos acabaram por funcionar bem num projecto que pretende misturar culturas diferentes. "Acabou por ajudar a passar a mensagem de outra forma. A música, a literatura e o teatro juntos, combinando o chinês e o português, levou a uma fusão das culturas", apontou. Laura Nyogeri acredita que esta mostra de teatro vai levar com que mais pessoas apostem na dramaturgia em Macau. "Todas estas iniciativas são importantes para criar o bichinho e promover, porque existem muitas pessoas em Macau com o gosto pelo teatro e vontade de fazer.

Depois desta primeira experiência nas duas línguas oficiais da RAEM, o director do IPOR confirmou que o objectivo da terceira edição do Teatrau é apresentar todas as peças nas duas línguas. "O nosso grande objectivo é que no próximo ano as peças possam ser todas bilingues, e já encontramos meios técnicos para o fazer. Metade da sala na peça de Macau era um público não português, e é um facto que nos agrada muito, que aqueles que estão a aprender português possam ter aqui uma forma diferente de aprendizagem."

Um espaço de formação

Apesar do sucesso do projecto, muitas das peças da segunda edição do Teatrau não tiveram casa cheia, isto apesar das entradas serem gratuitas. "Há muita coisa a acontecer ao mesmo tempo em Macau. O teatro não é fácil, tivemos uma assistência muito boa com a companhia Seiva Trupe. É natural que as pessoas privilegiem as duas companhias que são mais sólidas e experientes, como a companhia de Macau e a portuguesa", rematou.

Apesar de ainda não haver planos concretos para a terceira edição, o Teatrau pretende, mais do que mostrar teatro, constituir-se como um espaço de formação de actores e de encenadores. "Tenho chamado a atenção para os constrangimentos e a dificuldade que é reunir gente de todo o mundo. Temos companhias curtas, com poucos actores, mas essa é também uma aposta dessa mostra. Tornarmos esta semana cultural numa mostra de exercício de actor, para vermos como o trabalho do actor e do encenador é muito importante", explica Laurentino Neves. "Ao trazermos isto para Macau estamos a ir ao encontro daquilo que é a finalidade da Semana Cultural, e também aquilo que o Executivo da RAEM procura, que Macau se afirme como um sítio para as várias expressões artísticas. É com grande satisfação que acolhemos estes grupos." ■





À procura de uma comunidade

O realizador português Carlos Fraga tem em marcha um documentário sobre os portugueses em Macau e procura, através de várias entrevistas a residentes, captar o sentido de comunidade que aqui se vive. Autor de um trabalho similar que retratou a vida dos macaenses radicados em Lisboa, desta vez são os portugueses que vieram para tão longe os protagonistas

T SANDRA LOBO PIMENTEL
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O DOCUMENTÁRIO de Carlos Fraga *Portugueses em Macau* ainda está a aquecer os motores, mas numa primeira visita à RAEM para começar a captar imagens, o realizador falou com a MACAU sobre o projecto. A história deste trabalho começa com outros dois. Primeiro, *Nós os chineses*, documentário filmado em Portugal com ajuda de uma antropóloga sobre residentes de etnia chinesa que se mudaram para tão longe. Carlos Fraga conta que, nessa altura, quando foi feita a projecção numa universidade, muitos académicos lançaram o desafio acerca dos macaenses radicados também em Portugal. O trabalho foi filmado na capital portuguesa, mas a equipa esteve em Macau para fazer filmagens, altura em que surgiu a ideia de fazer o outro lado da história: como vivem os portugueses em Macau.

Carlos Fraga é natural de Lisboa e começou a sua carreira na área da publicidade. Foi de um departamento de audiovisual nesse sector que acabou por descobrir o gosto pela realização. Passou para o cinema, trabalhou com várias produtoras até fundar a sua própria, a Livre Meio, há nove anos.

Lançado a mais um desafio, o realizador começou a pensar como partir para esse retrato, dividindo os entrevistados em três grupos: os que estavam em Macau antes de 1999, os que só chegaram após essa data e os que regressaram antes da transferência e depois voltaram a Macau. Sabe que os entrevistados "têm motivações e objectivos diferentes", mas espera que, também por essa diversidade, consiga captar o que sentem os portugueses que cá vivem.

O realizador diz que prefere não criar expectativas sobre o tipo de informação que vai recolher e a escolha das pessoas ainda não é definitiva, "mas foi condição que não fossem pessoas que representassem uma opinião institucional, que fossem pessoas normais, do dia-a-dia".

Quanto aos apoios no território chegam da Fundação Oriente e da Casa de Portugal, "mais em termos logísticos", explica o realizador, como por exemplo, em termos de materiais e restante equipa de filmagem que necessita sem ter que deslocar meios e pessoas. "Mas também, numa espécie de assessoria, de chegar às pessoas que queremos."

A equipa esteve em Macau no decorrer da Festa da Lusofonia, em Outubro. "O objectivo era filmar a festa, o ambiente. Foi fácil eleger o que me interessava. Mas a preparação real começa agora, já que regressamos em Janeiro para fazer as entrevistas", explicou.

> O realizador pensou em entrevistar 18 pessoas, mas reconhece que "a tendência é aumentar" esse leque, ainda que seja preciso limitar para começar a desenhar o mapa de filmagens para Janeiro

Carlos Fraga gostou da equipa com que trabalhou em Macau, diz que estão "em sintonia" e, pelo material que já levou de volta a Portugal, neste primeiro passo do documentário, diz-se "bastante satisfeito".

Experiências diferentes

O realizador pensou em entrevistar 18 pessoas, mas reconhece que "a tendência é aumentar" esse leque, ainda que seja preciso limitar para começar a desenhar o mapa de filmagens para Janeiro. "Mais do que as tais 18 começa a ser complicado. O documentário terá 50 minutos que é, digamos, o formato televisivo, e o que não gosto e não faço nunca é entrevistar pessoas que se disponibilizam e depois não tenho possibilidade de as incluir no trabalho."

Desta experiência inicial em Macau, Carlos Fraga já registou primeiras impressões, em especial, do que seja a Festa





da Lusofonia e do que representa para os portugueses em Macau. Considera que "cumpre uma função" para as comunidades, "tendo em conta que estamos fora de Portugal, trazer Portugal com essa fórmula, parece interessante".

O realizador quer mostrar as pessoas que vão fazer parte do documentário em actividades quotidianas, e também a festa das Casas Museu da Taipa conseguiu captar como as pessoas se relacionam com a restante comunidade. "Um dos entrevistados disse-me logo que não ia à festa porque não era dessas coisas", conta. "Também tem piada, temos que respeitar. Mas é um dado a ter em conta. A maioria manifestou-se pró-festa, digamos assim."

O documentário sobre a comunidade macaense foi transmitido pelo Canal Macau da TDM no mês de Outubro, e a expectativa do realizador é que o próximo trabalho também possa vir a ter as mesmas honras, mas as negociações ainda estão a decorrer. Já em Portugal, ainda não foi emitido e o realizador diz que vai encetar conversações para que, tanto esse, como o documentário sobre os portugueses deste lado do mundo, tenham espaço na televisão portuguesa. "Até agora, praticamente todos os documentários que fiz passaram na RTP", assegura.

Documentar à descoberta

Tendo em conta que trabalha sem qualquer tipo de narrativa nos seus trabalhos, Carlos Fraga depende inteiramente das estórias que os protagonistas dos seus documentários relatam para construir os trabalhos. Acaba por ser uma descoberta, também para o realizador, que não gosta de conduzir os documentários para um objectivo predefinido. "Não é intencional. Se é uma temática que já conheço um pouco, tenho sempre algumas ideias, mas em princípio é uma descoberta. A fórmula que uso para este tipo de temas é sem voz-off, não há comentários, nem adiciono nenhuma informação. A informação é toda fornecida pelas pessoas que entrevistamos."

Ainda assim, reconhece que a única manipulação, se assim puder ser chamada, reside na escolha das perguntas e dos entrevistados, ficando à mercê do que os intervenientes vão dando. É, por isso, na expectativa do que os entrevistados terão para dizer, que Carlos Fraga se lança para o trabalho. E neste em particular, que acredita que seja "muito contemporâneo", há temas que espera que sejam abordados, como o fenómeno de emigração que decorreu em Portugal nos últimos anos e que trouxe muitos novos portugueses a Macau. "Espero que me falem disso. No Macau de hoje, na realidade de hoje, penso que esse tema venha a ser abordado. Não sei o impacto que a emigração teve na comunidade", confessa.

Sobre o grande objectivo do trabalho, perceber o sentido de comunidade que existe, ou não, faz o contraponto com o primeiro documentário. "Em relação aos macaenses em Lisboa, não fica muito claro se existe comunidade. Muitos deles, manifestam que estão integrados na comunidade portuguesa, e, de alguma maneira, com essa atitude, estão a anular esse sentido de comunidade macaense."

> As filmagens terminam no final de Fevereiro, e, em Abril, o documentário estará pronto

O realizador denota também que se reúnem em torno da comida, "mas isso é um pretexto, por isso, há núcleos, pequenos grupos, alguns elementos transitam de uns para outros, ou seja, não são grupos completamente herméticos, mas no dia-a-dia não se identificam como comunidade. Vivem completamente integrados na sociedade portuguesa e fazem, até, questão disso."

Ainda em fase embrionária, a preparação deste novo documentário já permitiu ao realizador captar algumas impressões, mas prefere ser cauteloso. "Não quero correr o risco de criar preconceitos, porque não os tenho. O que sinto é que, faltando contactar com alguns grupos sociais, alguns estratos, falta-me informação, mas parecem-me unidos. Acho que se pode falar que exista aqui uma comunidade portuguesa."

Para as entrevistas que se avizinham, Carlos Fraga confessa que uma das muitas curiosidades que quer ver esclarecida é se os portugueses que aqui vivem, há mais ou menos anos, pensam voltar para Portugal ou pretendem ficar por aqui.

As filmagens terminam no final de Fevereiro, e, em Abril, o documentário estará pronto, diz o realizador. ■



AEROPORTO INTERNACIONAL DE MACAU

A conquista da terceira fronteira

T PATRÍCIA CRUZ

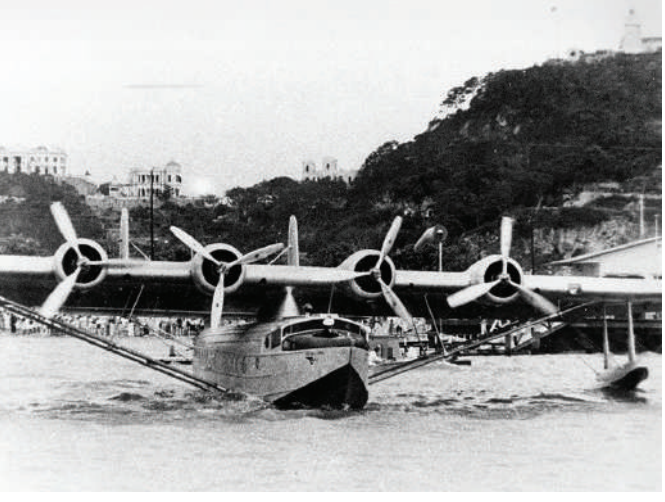
O Aeroporto Internacional de Macau representou uma das maiores obras de engenharia da Ásia na década de 1990 e foi a mais importante infra-estrutura a ser construída pela Administração portuguesa em Macau. Há 20 anos o aeroporto era oficialmente inaugurado, depois de quase oito décadas falhadas da conquista de uma terceira 'fronteira'

AEROPORTO INTERNA

A 18 de Janeiro de 1891, centenas de pessoas concentravam-se junto ao cemitério protestante para um momento marcante na história de Macau: ver as acrobacias em balão dos irmãos Baldwin, naquele que foi o primeiro voo efectuado em Macau. Já quatro décadas depois, precisamente em 1920, surgiu a primeira tentativa para a criação de uma companhia aérea local. Charles Ricou, cidadão francês de espírito empreendedor, natural de Hong Kong e radicado em Macau, pretendia criar uma companhia com uma frota de 12 hidroaviões, que fariam a ligação até Hong Kong, às principais cidades do Interior do País e da região.

Os planos de Ricou, no entanto, eram vistos como inverosímeis e de pouca confiança, levando as autoridades de Hong Kong a proibi-lo de sobrevoar o território a uma cota superior a 150 pés. Macau, por seu lado, ameaçava-o de expulsão. Perante tantos obstáculos, o empresário desistiu da empreitada e vendeu dois dos seus quatro aviões ao Governo de Macau – uma escola de aviação foi então criada pelas autoridades, em 1922, mas não chegou a vingar.

Em Janeiro de 1989 é constituída a Sociedade do Aeroporto Internacional de Macau, S.A.R.L. (CAM), que assume a responsabilidade pela construção e exploração do AIM em regime de concessão, por um período de 25 anos

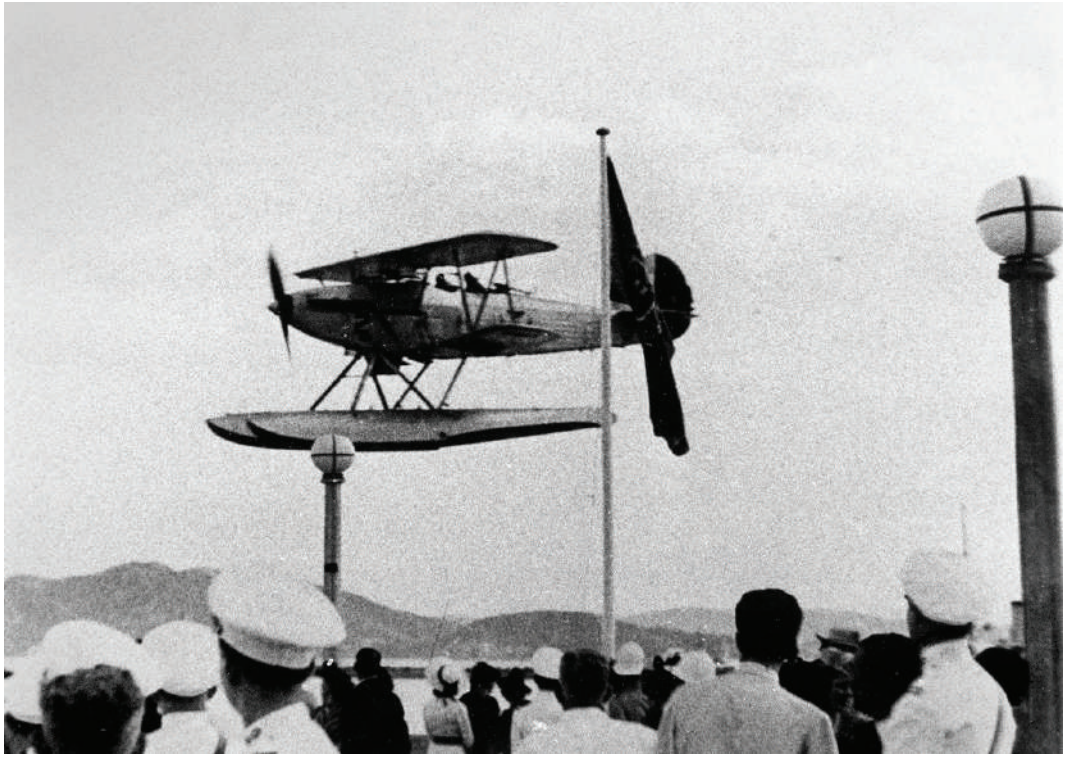


Depois de 16.380 quilómetros e 115 horas de voo, o aparelho 'Pátria', no qual seguiam a bordo os pilotos Brito Pais e Sarmento de Beires e ainda o mecânico Manuel Gouveia, sobrevoou Macau a 25 de Junho de 1924, naquela que seria a primeira travessia aérea Lisboa-Macau. Uma tempestade forçou a tripulação a desviar-se de Macau e a fazer uma aterragem de emergência a uma povoação chinesa junto a Hong Kong.

Os feitos aéreos continuam a se desenvolver a alta velocidade nos anos seguintes. Exemplo disso é o aparecimento, em 1927, de um Centro de Aviação Militar, quando existiam apenas dois em Portugal, ou a aterragem, a 18 de Novembro de 1934, do aviador Humberto Cruz e do mecânico António Lobato, durante o voo Lisboa-Índia. Dois anos mais tarde, a 23 de Outubro, chegava a Macau o primeiro hidroavião da companhia americana Pan Am, iniciando-se voos regulares entre Manila e a Califórnia. Contudo, Hong Kong nunca perdoará a Macau esta vitória, acabando por convencer o presidente da companhia a mudar a escala para a então colónia britânica.

Mas nem só de boas notícias se fez a história aérea da região. No dia 26 de Junho de 1942, por exemplo, um dos aviões do Centro de Aviação Naval que se dedicava ao lançamento de panfletos pela cidade despenhou-se na zona do Tap Seac. Os dois ocupantes do aparelho morreram, para além de uma mulher que foi atingida em terra. Cinco prédios também foram destruídos. Nesse ano, Portugal encerrou o Centro de Aviação Naval, numa demonstração da sua neutralidade na Guerra do Pacífico.

Em 1948 Pedro José Lobo, de Macau, alia-se a Roy Farrell e Sydney de Kantzow, os fundadores da Cathay Pacific Airways, a fim de efectuar viagens entre Macau e Hong Kong com aparelhos DC 3. No entanto, a aterragem do primeiro aparelho revela-se um fiasco, indo imobilizar-se a poucos metros da tribuna de honra. Assim, a solução era mais uma vez os hidroaviões. Estes foram alugados à Cathay Pacific e os voos tornaram-se conhecidos por *cigarette flights*, visto demorarem menos de 20 minutos entre as duas regiões, o tempo de fumar um cigarro. Todavia, a bordo dos aviões da *Macao Aerial Trans-*



port Company (MATCO) não seguiam apenas passageiros, mas também ouro. Sabendo deste facto, uma quadrilha executa o primeiro desvio de aviões da história, no dia 16 de Julho de 1948. Apesar de bem planeado, os assaltantes não contaram com a resistência do piloto, que se envolveu numa luta corpo a corpo. O avião despenhou-se no mar e dos 27 passageiros e tripulantes nenhum sobreviveu. O único sobrevivente foi um dos membros da quadrilha. A empresa suspendeu a actividade no início dos anos de 1960, e os aviões desapareceram dos céus de Macau.

Uma antiga aspiração

A construção de um aeroporto em Macau era uma aspiração comum a vários governadores que ocuparam os seus cargos a partir da década de 1950. Joaquim Marques Esparteiro, Jaime Silvério Marques, Nobre de Carvalho, Garcia Leandro, Melo Egídio, Almeida e Costa, todos eles alimentaram a esperança da população, ao incluir a construção do aeroporto no programa de acção do Governo ou encomendar estudos sobre o mesmo. Mas as prioridades eram outras e os projectos nunca passavam da intenção.

Até que em 1987 Carlos Melancia assegura no seu discurso de tomada de posse como governador de que desta vez o aeroporto era para valer. O Governo elabora então um estudo de viabilidade no pressuposto da construção do Aeroporto Internacional de Macau (AIM) e, face aos resultados obtidos, solicita aos Aeroportos de Frankfurt a actualização do estudo que haviam realizado em 1983. A 23 de Novembro de 1987 é criado o Gabinete do Aeroporto de Macau (GAIM) e no ano seguinte Carlos Melancia consegue autorização legislativa para definir as bases gerais da concessão de construção e exploração da nova infra-estrutura.

Em Janeiro de 1989 é constituída a Sociedade do Aeroporto Internacional de Macau, S.A.R.L. (CAM), que assume a responsabilidade pela construção e exploração do AIM em regime de concessão, por um período de 25 anos. Três meses mais tarde, era assinado o contrato de concessão entre a Administração e a CAM, na mesma altura em que o Governo aprova o Plano Director do Aeroporto e o GAIM passa a ter apenas funções de assessoria. Em 1991, este órgão é extinto aquando da criação da Autoridade de Aviação Civil de Macau (AACM).

O dia 8 de Dezembro de 1989 torna-se um marco histórico, com a detonação das primeiras cargas de dinamite para o desmonte da Ponta da Cabrita. Era o início das obras do AIM. Mas o ano de 1990 revela-se crítico para o projecto. Dentre os vários problemas, destacam-se as dúvidas relativas à solução técnica a adoptar para a plataforma de suporte para a pista – aterros em ilha artificial ou solução do tipo ponte em estacas de betão; e ao impacto ambiental na região vizinha de Zhuhai (um estudo encomendado aos Aeroportos de Paris acaba com os receios de poluição sonora). A isto, junta-se a falta de fornecimento de areia proveniente do Interior da China, que contribui para atrasos significativos das obras.

A confiança na viabilidade do AIM é reposta em Maio de 1991 pelo novo governador Rocha Vieira. No final desse ano e no início de 1992 são tomadas várias decisões importantes para o desenvolvimento da obra. Com a aprovação do Governo de Macau, a CAM decide reduzir a apenas três a dezena e meia de contratos inicialmente previstos, resolve ainda construir a pista em ilha artificial e e determina que os diferentes empreendimentos passem a ter um preço final fixo em vez de preço variável.

A obra e a inauguração

Sendo Macau um território pequeno e acidentado, a solução encontrada foi a da construção de uma ilha artificial, entre as ilhas da Taipa e de Coloane. Durante largos meses, cerca de 4000 trabalhadores a bordo de 400 embarcações trabalharam 24 horas por dia, em condições de mar muitas vezes adversas, como as que se registaram durante as épocas de tufões de 1992 e 1993. Apesar de todas as dificuldades, a obra foi entregue quatro meses antes do prazo previsto. No total, foram removidos mais de 24 milhões de metros cúbicos de lodos e transpor-



Inserido num reduzido e saturado espaço aéreo, devido à proximidade dos aeroportos de Hong Kong, Zhuhai, Shenzhen e Cantão, o AIM enfrentava uma forte concorrência

tados até ao local da construção 34 milhões de metros cúbicos de areia.

Na ilha artificial, que constitui 95 por cento da área do AIM, foi construída a pista, com 3360 metros de comprimento e 60 de largura, à medida do maior avião daquela época – o Boeing 747-400. A restante área foi obtida a partir do desmonte da Ponta da Cabrita. Foram gastos no total cerca de 8000 milhões de patacas.

Inserido num reduzido e saturado espaço aéreo, devido à proximidade dos aeroportos de Hong Kong, Zhuhai, Shenzhen e Cantão, o AIM enfrentava uma forte concorrência. Havia, ainda assim, duas vantagens: a possibilidade de operar 24 horas por dia (o de Hong Kong só o podia fazer até às 23h30) e a de ter uma maior diversificação de destinos internacionais, já que o de Zhuhai é apenas doméstico. A inauguração oficial deu-se a 8 de Dezembro de 1995, mas a abertura comercial aconteceu, na verdade, a 9 de Novembro, com a aterragem de um aparelho da companhia Malaysia Airlines. Naquela data iniciaram-se também as operações comerciais da Air Macau, a companhia local criada em 1994. No primeiro avião a descolar, o Cidade de Macau, um A321, rumo a Pequim, seguia uma delegação oficial e muitos passageiros que queriam fazer parte daquele momento histórico.

A inauguração foi presidida por Mário Soares, então presidente da República Portuguesa, e contou com a presença do governador Rocha Vieira e do vice-presidente da República Popular da China Rong Yiren. Mais de 3000 convidados, 600 jornalistas e 300 fotógrafos de todo o mundo também estiveram presentes. Houve a tradicional dança do leão, bênçãos católica e budista, e espectáculos protagonizados por 1200 crianças das escolas portuguesas e chinesas. Vanessa Cruz, hoje com 27 anos, foi uma das participantes e



O Aeroporto fechou 2014 com 5,48 milhões de passageiros, mais 9% face ao ano anterior. O número de movimentos atingiu os 52 mil e os voos executivos totalizaram 2791


EgLuggage
HEIMANN



lembra com carinho do espectáculo: "Estávamos todos vestidos com as fardas das escolas e cantámos o Hino da Alegria, enquanto abanávamos umas bandeirinhas". O aeroporto foi ainda sobrevoado por um Hércules C-130 da Força Aérea Portuguesa.

Mário Soares salientou na altura que o aeroporto "representa o bom entendimento entre a China e Portugal" e, a seu ver, teria "enormes consequências no desenvolvimento do território, nos planos económico, social e até cultural". O vice-presidente da China enfatizou a sua confiança de que a infra-estrutura criaria um "melhor ambiente de investimento em Macau, dando um novo impulso ao desenvolvimento da sua economia". Rong Yiren apostava que o aeroporto não iria apenas "promover o desenvolvimento económico e o progresso social, como irá favorecer a transição pacífica da soberania". Já Rocha Vieira apontou que a obra era "uma condição fundamental para que a autonomia [de Macau] possa ser uma realidade assente em bases objectivas".

O Aeroporto Internacional de Macau fechou 2014 com o registo de 5,48 milhões de passageiros, mais nove por cento face ao ano anterior. O número de movimentos atingiu os 52 mil e os voos executivos totalizaram 2791, ou mais 29,15 por cento do que em 2013. Para este ano, os responsáveis querem ampliar em três por cento o número de passageiros, para 5,65 milhões de pessoas, atingir os 54.500 movimentos (mais quatro por cento) e operar 29.343 toneladas de carga (mais dois por cento). Dos mais de 31 milhões de turistas que visitaram Macau no ano passado, mais de dois milhões serviram-se do Aeroporto Internacional. A capacidade máxima de seis milhões de passageiros por ano ainda está longe de ser alcançada e por isso o aeroporto continua a diversificar o leque de companhias e destinos. Neste momento, 25 companhias aéreas operam na região, servindo mais de 50 ligações a destinos de curto e médio curso. ■

A CURTA LIGAÇÃO MACAU-LISBOA

A TAP Portugal iniciou a chamada *Rota do Oriente*, a ligação aérea entre Lisboa e Macau, a 2 de Abril de 1996, disponibilizando para tal dois aviões – o Wenceslau de Moraes e o Fernão Mendes Pinto. As viagens faziam-se duas vezes por semana. Inicialmente, a escala era feita em Bruxelas, numa parceria com a companhia belga Sabena. Todavia, os maus resultados obtidos fizeram com que a companhia belga desistisse do acordo. A TAP passou então a assegurar sozinha a ligação, com uma escala em Banguecoque. Depois de avultados prejuízos financeiros, a companhia decidiu encerrar a rota a 31 de Outubro de 1998, o que significa também o fim da única ligação aérea com a Europa. Durante os 30 meses de operação, foram feitos 536 voos, e transportados 120 mil passageiros e mais de 4600 toneladas de carga. Vanessa Cruz regressou a Portugal com a família em 1998 e apanhou um dos últimos voos da TAP. Também Belinda Ferreira, residente local de 56 anos, chegou a fazer essa rota. "Lá se foi o tempo. Mas apesar de terem acabado com essa ligação, o aeroporto de Macau continua a ter um papel importante", aponta ela. "É uma mais-valia para o turismo, facilitando a deslocação não só de turistas mas também a dos residentes para destinos de férias, tais como Tailândia, Filipinas, Malásia, Singapura ou interior da China."

ícones Chineses

Quando o frio aperta é tempo de tirar a panela do fondue chinês do armário. Os macaenses celebram com jantaradas a chegada da época natalícia e os chineses marcam encontros à volta da mesa para aquecer o corpo ressentido dos dias de Inverno com carnes e mariscos suculentos. É a época do *ta pin lou*

T PATRÍCIA LEMOS

Cada qual leva a sua comida à fervura e os alimentos cozem em três tempos na panela, o *vó* ou *guō* (锅), como também lhe chamam os chineses. Os ingredientes são tão saudáveis quanto reconfortantes. Vegetais, carnes e marisco são servidos em travessas decoradas na companhia de saborosos molhos e guarnições para tornar ainda mais apetecível a iguaria. No final até há quem adicione fitas e os mais gulosos não se levantam sem tragar o caldo. Está para os chineses como a churrascada para os portugueses ou o *barbecue* para os australianos. O *ta pin lou* ou *fo-vó*, como é conhecido o *fondue* em Macau, é tão decorativo como funcional. Este prato é o que de mais conciliador existe em gastronomia, sendo capaz de juntar à mesma mesa pessoas de diferentes palatos, por isso é ideal para ocasiões festivas. Nem os fãs de picante se privam do seu sabor de eleição, nem os vegetarianos passam fome. É que há panelas bi-compartimentadas como as do conhecido *hotpot Yuanyang*, descendente do *vó* do imperador Cao Pi do Reino Wei, do Período dos Três Reinos (220 – 280 d.C.), que primeiro exigiu tal divisão. Apesar de forrar o estômago há mais de mil anos, o *ta pin lou* ainda goza de grande popularidade na China e na Ásia. Porém, está longe de ser o que era. Não são só as novas receitas que tomaram conta da ementa dos restaurantes – até há *hotpot* seco e gelado. As panelas em formato de bóia já não são aquecidas a carvão como antes. O alumínio do *vó* substituiu o metal, o barro ou o popular bronze. Ainda há quem faça questão na presença da original panela de cobre com tampa e chaminé ao centro, que se diz prima do *samovar*, mas há muito tempo que deu lugar à comum tampa de vidro. Verdade seja dita: assim ninguém perde o rasto à sua pescaria.

O *ta pin lou* não terá sido inventado mas recriado pelos chineses que o terão herdado do original *shuanyangrou* da Mongólia. Cada região



FONDUE CHINÊS (打邊爐, TA PIN LOU)

da China deu o seu gosto especial adicionando ingredientes ou condimentos locais. Como é comum nas zonas costeiras sínicas, em Macau o *ta pin lou* favorito leva marisco, o que é típico da gastronomia cantonesa. Os apreciadores encontram-no por toda a RAEM, mas especial é comê-lo nas ruas do antigo Grande Bazar. Se a versão sulista deste prato é mais doce e suave ao paladar, o mesmo não se poderá dizer da do Norte, onde reina o fondue de Chongqing (*má lá* 麻辣), na Província de Sichuan. É tão popular que há pouco mais de um ano ali foi inaugurado o primeiro museu do mundo em seu nome. Criado pelos pescadores pobres do maior rio asiático, o Yangtze, a quem alguns autores arriscam atribuir a autoria do fondue chinês, o má lá caracteriza-se pelo sabor intenso do seu caldo picante. Nessa panela podem ferver até as tripas de ganso. O *ta pin lou* de Hubei também inclui pimenta de Sichuan e, mais a sul, o de Yunnan distingue-se pelos suculentos cogumelos, que também entram nos *hotpots* de Pequim, onde se destacam os camarões secos. Na capital imperava o *vó* de cobre vermelho, que tem alimentado os protagonistas de alguns importantes momentos da história da China. Foi popular nas casas de jantar da família real e até juntou o antigo presidente chinês Deng Xiaoping e o secretário de Estado dos Estados Unidos Henry Kissinger à mesma mesa.

INGREDIENTES PRINCIPAIS

Tofu, espinafres, couve chinesa, cenoura, alface, abóbora, agrião, inhame, mexilhões, vieiras, camarões, lagosta, lula, carne de vaca e carneiro

MOLHOS

Soja, sésamo, *hoisin* (molho agridoce), manteiga de sésamo, vinagre, óleo picante, vinagre de vinho de arroz, mostarda picante, molho de camarão. Versão cantonesa: ovo cru e molho de soja

GUARNIÇÕES

Pickles, coentros, cebolinho, salsa, alho, gengibre, malaguetas chalota

CALDO

Picante ou não, com caldo de carne e/ou ervas. Versão cantonesa: com vinho de arroz e raiz de gengibre ou com mingau de arroz

MEMÓRIA GASTRONÓMICA

Reza a lenda que durante a guerra, quando Kublai Khan, líder mongol fundador da dinastia Yuan (1271-1368) na China, esperava pela confecção de uma sopa de carneiro foi avisado da proximidade do inimigo. O cozinheiro só teve tempo de fatiar finamente a carne que lançou de imediato na água a ferver. Kublai devorou a carne e cavalgou para o campo de batalha, onde saiu vitorioso.

O *ta pin lou* terá conquistado os chineses durante a dinastia Tang (618-907 D.C.). Foi introduzido pelos mongóis na China na dinastia Yuan. O ingrediente principal era a carne de carneiro. Na dinastia Qing (1644-1912) o *fondue* já era popular no país. No início do século XVIII, durante o reinado de Kangxi e Qianlong, o *fondue* entrava na ementa da cozinha real. Estes dois imperadores até organizaram um jantar para milhares de octogenários. Foi um grande banquete cheio de *fondue* chinês para celebrar a longevidade do seu reinado.

Em 1854 abriu o Zhengyang, em Pequim, o primeiro restaurante Han a servir o *ta pin lou*.

O líder do Kuomintang, Chiang Kai-shek, convidou Mao Zedong para um *hotpot* picante durante a sua visita histórica a Chongqing, em 1945.

O conhecido restaurante de Pequim Donglaishun abriu no início do século XX mas só ganhou fama no final dos anos 1970 por causa dum jantar entre dois líderes mundiais: Deng Xiaoping e Henry Kissinger. Um dos pratos favoritos do pai da China moderna era o *fondue Yuanyang* (鴛鴦鍋).

TA 打 **(BATER)**
PIN 邊 **(LADO)**
LOU 爐 **(PANELA)**



AS CRÓNICAS DE WU LI NO COLÉGIO DE S. PAULO

"É uma viagem dentro de outra viagem"

T CATARINA DOMINGUES

O novo documentário de Silvie Lai e James Jacinto conta a história do Colégio de S. Paulo, a primeira universidade de estilo ocidental da China, através da passagem do poeta, pintor e missionário jesuíta chinês Wu Li por Macau. *As Crónicas de Wu Li no Colégio de S. Paulo* **estreou em Novembro e foi uma aposta audiovisual na recriação histórica do ambiente vivido durante o século XVII no interior e exterior deste espaço**





WU LI tem várias faces. Foi poeta e discípulo de Qian Qianyi, pintor e missionário jesuíta. Tem também um nome católico: Simão Xavier da Cunha. Nasceu em 1632 na Província de Jiangsu, leste chinês, viveu a queda da Dinastia Ming, a ascensão ao poder da Dinastia Qing e tornou-se, já depois dos 50 anos e após a morte da sua mulher, num dos primeiros padres católicos chineses de que há registo.

Macau, onde chegou em 1680, teve um papel importante na transformação deste religioso. Ia a caminho de Roma, mas acabou por ficar uma temporada no pequeno território sob administração portuguesa. O Colégio de S. Paulo foi casa, foi retiro espiritual, e uma viagem pelos caminhos da fé. Foi escola.

É exactamente a passagem deste intelectual por Macau na segunda metade do século XVII que serviu de fio condutor ao documentário *As Crónicas de Wu Li no Colégio de S. Paulo*, exibido no final de Novembro no cinema do resort Galaxy, em Macau. "É uma viagem dentro de outra viagem", define a autora e produtora Silvie Lai, ao explicar que é a partir desta breve passagem de Wu Li por Macau que o público pode ficar a conhecer mais sobre a história e o ambiente vivido dentro do Colégio de S. Paulo, a primeira universidade de estilo ocidental erguida há mais de 400 anos pelos jesuítas.

Centro de formação religiosa, era por aqui que passavam os missionários que partiam para o Extremo Oriente. "Pode dizer-se que [Wu Li] teve um papel importante nessas primeiras trocas, nesse primeiro intercâmbio cultural de uma forma mais profunda entre o Ocidente e a China."

Foi com base na colecção de poesia de Wu Li, estudos académicos desenvolvidos sobre o autor e entrevistas a especialistas e historiadores, que Silvie Lai e James Jacinto, também produtor e o realizador deste projecto, recriaram "com credibilidade e rigor" os factos históricos. Mas houve também uma "componente ficcionada e criativa", assume a autora, que filmou ainda em Pequim, Hong Kong e Portugal.

Reconstituição histórica

João Pedro Marques vestiu a pele de um mercador português endinheirado: peruca tons claros, e o risco à esquerda bem delineado;















no corpo, um fato aveludado grená de calças curtas, acompanhado por uma camisa com gola de folhos, collants brancos e uns sapatos pretos de fivela e salto. Foi a estreia do jornalista do Canal Macau da TDM no cinema. "Participei numa cena filmada na biblioteca do edifício do IACM com dois jesuítas, que mostravam planos do que queriam construir e tentavam persuadir o mercador a participar no financiamento. Era uma prática comum os portugueses com dinheiro ajudarem os jesuítas. Normalmente queriam contribuir, era bom para Macau e para a pátria", resume o jornalista.

A reconstituição histórica de episódios como este foi a opção dos produtores para passar para o ecrã o mundo que girava à volta do Colégio de S. Paulo e dos missionários da Companhia de Jesus. A história desta instituição, que após um incêndio conservou apenas a fachada da igreja adjacente – as Ruínas de S. Paulo – já era há muito um interesse de trabalho de Silvie Lai. Mas em termos visuais, poderia tornar-se num projecto "monótono", explica a autora. "Por isso, achámos interessante recriar ambientes do século XVI e XVII da cidade de Macau e também da China."

As Crónicas de Wu Li no Colégio de S. Paulo é um projecto de Macau, que tentou aproveitar os recursos locais. Apenas a maquilhagem e a direcção das cenas equestres foram realizadas por uma equipa especializada de Hong Kong

A inauguração da Igreja da Madre Deus ou mesmo episódios da vida do jesuíta Matteo Ricci foram alguns dos ambientes recuperados. Todas as reconstituições foram feitas em Macau, com excepção da chegada a cavalo de Wu Li à cidade, filmada em Hong Kong, e com treino prévio dos participantes na escola de equitação de Coloane.

Ao todo, mais de 100 actores e figurantes participaram nas filmagens do documentário. Não foi fácil encontrar profissionais para o projecto, diz Silvie Lai, que contou com Wu Chong Wai para dar vida a Wu Li. "É um actor de Macau, tem experiência sobretudo ao nível do teatro, mas tem outra ocupação profissional."

João Pedro Marques, jornalista a tempo inteiro, mercador e actor apenas por um dia, fala de uma experiência nova. "Uma coisa é trabalhar na televisão com dinâmica de telejornal e outra é trabalhar em cinema em que se tem outro tipo de pretensões estéticas", salienta.

Made in Macau

As Crónicas de Wu Li no Colégio de S. Paulo é um projecto de Macau, e que tentou aprovei-





NOS BASTIDORES

- Mais de 100 actores e figurantes participaram no projecto
- Equipa envolvida na produção composta por cerca de 20 elementos
- Maquilhadores e equipa de direcção equestre veio de Hong Kong
- O documentário teve um orçamento de 2,3 milhões de patacas e foi financiado pela Secretaria para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da RAEM, Fundação Macau, TDM e Galaxy Entertainment Group
- Foram necessários quatro anos para concluir o projecto
- Estão disponíveis cinco versões deste documentário, com narração em português, inglês, cantonês, mandarim e uma versão para a estreia

tar os recursos locais, vinca a autora. Apenas a maquilhagem e a direcção das cenas equestres foram realizadas por uma equipa especializada de Hong Kong, "o que faz com que 85 por cento da equipa de produção seja local", sublinha Silvie Lai, acrescentando ainda que todos os actores e figurantes presentes no projecto, entre portugueses, chineses ou de outras nacionalidades, são residentes em Macau.

FOI COM BASE NA COLECÇÃO DE POESIA DE WU LI, ESTUDOS ACADÉMICOS DESENVOLVIDOS SOBRE O AUTOR E ENTREVISTAS A ESPECIALISTAS E HISTORIADORES, QUE SILVIE LAI E JAMES JACINTO RECRIARAM "COM CREDIBILIDADE E RIGOR" OS FACTOS HISTÓRICOS

O guarda-roupa foi confeccionado de raiz para este projecto por um grupo de designers de moda local, embora algumas peças de vestuário tenham vindo directamente de Portugal.

Também a banda sonora do filme tem vários nomes associados a Macau, incluindo temas de Rão Kyao com a Orquestra Chinesa de Macau, da Orquestra de Macau, do padre Áureo Castro ou do compositor e director coral Aurelio Porfiri. A música escolhida para o trailer pertence ao compositor de origem indonésia Njo Kong Kie, que cresceu em Macau, passou por Portugal e vive actualmente no Canadá. ■





UM CABARET FLUTUANTE PARA PENSAR A CIDADE

Ines Trickcovic protagoniza em Dezembro um espectáculo de música e dança que decorrerá durante um percurso de barco pelas margens de Macau. A iniciativa está integrada no cartaz de mais uma edição do festival criativo "This Is My City", que este ano traz a Macau Charles Landry, uma referência em torno do conceito de "cidade criativa"

T SOFIA JESUS

O festival criativo "This Is My City" está de volta para pensar a cidade a partir de uma perspectiva multidisciplinar. Este ano o cartaz inclui um espectáculo flutuante de cabaret, que permitirá olhar para Macau com outros olhos – a partir do rio.

O cabaret flutuante de Ines Trickcovic foi concebido em conjunto pela cantora croata sedeada em Macau e pela organização do "This Is My City", uma iniciativa da associação cultural +853 que vai já na nona edição. Os bilhetes custam 290 patacas, sendo que o espectáulo é o único evento do festival que não é gratuito.

Manuel Correia da Silva, um dos fundadores e responsáveis pela organização do festival, explica à MACAU que a equipa quis "usar a prata da casa" para apresentar ao público de Macau um espectáculo diferente. O conceito de cabaret, lembra o designer, joga um pouco com a ideia de uma certa nostalgia, mas também com o universo do jogo, associado à cidade.

Como tudo no festival, o objectivo do espectáculo, burlesco, que decorrerá no dia 5 de Dezembro durante um percurso de barco, com início no Porto Interior pelas 20h00, não se esgota na esfera do entretenimento. A ideia, garante Manuel Correia da Silva, é também oferecer ao público uma nova perspectiva sobre a cidade, permitindo às pessoas não só aproximar-se do rio, mas também olhar – e pensar – a cidade "com um certo distanciamento".

A pensar, precisamente, nesta necessidade

de reflectir sobre a cidade, o ponto alto do cartaz da edição 2015 do "This Is My City" é, segundo Manuel Correia da Silva, a conferência internacional "Creative Economies: Thinking, Developing, Making and Investing", que terá lugar no dia 8 de Dezembro, no Centro de Design de Macau. A conferência, dividida em quatro painéis, contará com a participação de vários especialistas – "alguns com um perfil mais académico, outros mais ligados ao lado empresarial ou de organização de iniciativas" –, incluindo oradores provenientes de Hong Kong, Shenzhen e do Porto. Manuel Correia da Silva destaca a participação de Charles Landry, "um nome de referência" no conceito de "cidades criativas" e que, segundo o designer, tem trabalhado na área da consultadoria junto de vários centros urbanos do mundo, incluindo na China.

O cartaz inclui ainda uma mostra intitulada "Luso Design Show", que estará patente também no Centro de Design de Macau. Uma das ideias dos organizadores do festival passa também por "descentralizar" os locais de apresentação das iniciativas e perceber qual o impacto disso sobre a cidade. A mostra reflecte uma selecção de designers, marcas e ateliês do mundo lusófono, nomeadamente de Portugal, Angola, São Tomé e Príncipe e Brasil, além de Macau.

O festival arrancou a 24 de Novembro, tendo abrangido também sessões de cinema e uma concentração de fotógrafos da rede social Instagram, entre outras iniciativas.



Na agenda

Música



Viagem ao Mundo da Música - O Elefante Perdido

Ligado ao mundo do teatro e do cinema, o artista norte-americano Dan Kamin apresenta-se pela primeira vez em Macau com um "concerto-comédia" destinado a toda a família. Uma mistura de música clássica, mímica e contos de fada, diz o Instituto Cultural.

6 DE DEZEMBRO 15h00
TORRE DE MACAU
Bilhetes a partir de MOP 150



Winterplay – As novas tonalidades do Jazz

Formada em 2007, a banda coreana de pop-jazz, que conta com o trompetista Juhan Lee e a vocalista Haewon, estreia-se este ano em Macau. Em Londres, o grupo já for elogiado pelo *The Sunday Times* por ter "dissipado a separação entre jazz, pop e lounge".

12 DE DEZEMBRO 20H00
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a partir de MOP 250



Madonna – Rebel Heart Tour

Considerada por alguns como a "Rainha do Pop", com 300 milhões de discos vendidos ao longo de mais de 30 anos de carreira, a cantora e compositora norte-americana actua pela primeira vez num palco de Macau.

20 e 21 DE FEVEREIRO DE 2016 20h00
STUDIO CITY

SEGREDOS DA CIDADE PROIBIDA



Charles Chauderlot conseguiu um privilégio raramente concedido a um estrangeiro: o acesso a zonas restritas da Cidade Proibida para retratar o famoso palácio imperial de Pequim. Dezenas dessas imagens a tinta-da-china, em papel ocidental, estão agora reunidas numa mostra patente no Museu de Arte de Macau

Os contornos da Cidade Proibida podem ser apreciados em Macau através de um conjunto de pinturas a tinta-da-china pela mão do artista Charles Chauderlot. São imagens captadas pelo olhar de um estrangeiro a quem foi concedido um raro acesso a zonas do Antigo Palácio de Pequim habitualmente vedadas ao público.
"Aguadas da Cidade Proibida – Pinturas por Charles Chauderlot", patente no Museu de Arte de Macau (MAM) até 19 de Junho de 2016, inclui 81 obras. O número não foi escolhido ao acaso, explica o museu, já que alude à quantidade de pregos dourados – exclusivos das propriedades do Imperador – que marcam as portas do monumento de Pequim.
Nascido na capital espanhola, Madrid, em 1952, Charles Chauderlot – de ascendência franco-espanhola –, mudou-se para a China em 1997. "Com a curiosidade típica ocidental e a diligência de um monge asceta do Oriente" – nas palavras do director do MAM, Chan Hou Seng –, o artista pintou a Cidade Proibida entre 2002 e 2004.
"[Foi] uma experiência única", refere o pintor, pelo facto de as autoridades chinesas o terem autorizado a entrar em zonas de acesso restrito para retratar o monumento. Segundo o MAM, Charles Chauderlot terá sido mesmo o primeiro estrangeiro a obter uma autorização do género para ali exercer a sua arte.
"Cada dia era uma descoberta com as suas próprias emoções", recorda Charles Chauderlot, num texto que acompanha a exposição.
"Ora ficava a contemplar em reverência a





magnificência de um edifício, ora ficava fascinado com um jardim, ora era surpreendido pela simplicidade", acrescenta.

"A qualidade do meu estilo foi potenciada ao longo destes dois anos, talvez devido à beleza deste lugar, ou talvez devido ao meu desejo de dar o meu melhor – para ser fiel a esta autorização exclusiva", comenta o pintor, que se mudou para Macau em 2006.

Símbolo do poder imperial durante cinco séculos, Charles Chauderlot lembra que a Cidade Proibida "não era apenas o local onde a família imperial vivia, mas era também a sede do poder político, militar, administrativo, cultural e religioso do Imperador".

Hoje, o famoso monumento – conhecido também como Palácio Púrpura ou Museu Imperial – integra a Lista do Património Mundial da UNESCO.

Entre as características que marcam a técnica artística de Charles Chauderlot, o MAM destaca o emprego da tinta-da-china em papel ocidental e a combinação do princípio ocidental da perspectiva com o conceito chinês de "espaço negativo".

Charles Chauderlot estudou pintura na Escola de Belas Artes de Bordéus, em França. Mais tarde, na década de 1970, licenciou-se em Direito e Ciências Políticas pela Universidade de Bordéus. Foi a partir de 1990 que se começou a dedicar à arte a tempo inteiro.

AGUADAS DA CIDADE PROIBIDA
PINTURAS POR CHARLES CHAUDERLOT
MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 19 DE JUNHO DE 2016

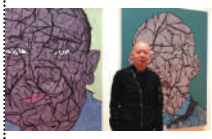


Para ver



"Scape" – Rui Rasquinho

"Scape" reúne 14 trabalhos do artista plástico português radicado em Macau. O também ilustrador descreve os desenhos a tinta-da-china sobre papel de arroz como obras que retratam uma série de "paisagens interiores".
ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 2015
SIGNUM LIVING STORE
Rua do Almirante Sérgio, 285 – R/C – Macau
Entrada gratuita



Zhou Chunya – Novas Obras 2015

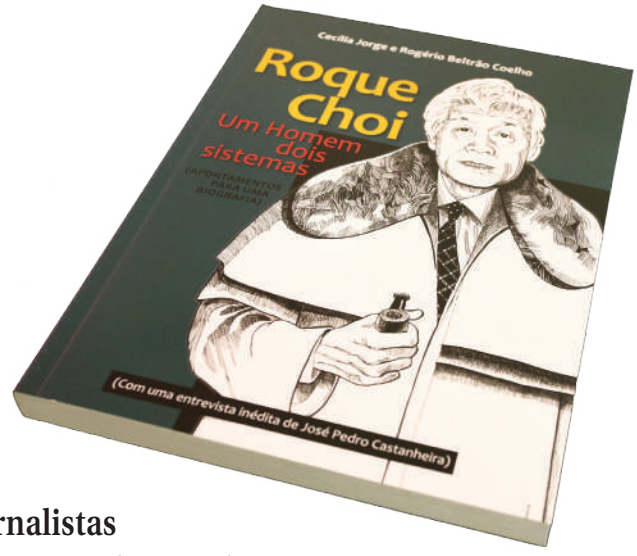
A mostra apresenta um conjunto de novas pinturas a óleo do artista contemporâneo chinês Zhou Chunya. Os trabalhos – de cores intensas e de forte contraste – são inspirados na cidade chinesa de Yangzhou.
ATÉ 3 DE JANEIRO DE 2016
MUSEU DE ARTE DE MACAU
Bilhetes a MOP 5



A Jornada de Um Mestre: Júlio Pomar e Amigos

A exposição é composta por um total de 40 obras, 34 do famoso pintor português contemporâneo e as restantes de artistas que com ele partilharam alguns momentos. A obra de Júlio Pomar "Bal chez le Duc" é apresentada ao público pela primeira vez.
ATÉ 15 DE JANEIRO DE 2016
ALBERGUE SCM
Entrada gratuita

APONTAMENTOS SOBRE A VIDA DE ROQUE CHOI



Roque Choi: Um Homem dois sistemas – Apontamentos para uma Biografia **é uma obra dos jornalistas Rogério Beltrão Coelho e Cecília Jorge e dá a conhecer a história de homem "ímpar" e "pacificador", que se mexia como ninguém entre as culturas portuguesa e chinesa**

T CATARINA DOMINGUES

Roque Choi (1920-2006) era um homem de bastidores. Movimentava-se discretamente (e de capote alentejano nos dias de Inverno), mas como peixe dentro de água entre as culturas portuguesa e chinesa. O empresário de origem chinesa, que falava fluentemente as duas línguas, foi deputado à Assembleia Legislativa, dirigente da Associação Comercial de Macau e braço direito, intérprete e secretário de homens de peso: Ho Yin, empresário e líder da comunidade chinesa, e Pedro José Lobo, magnata e filantropo macaense. Teve um papel importante – e muitas vezes decisivo – nos momentos mais marcantes da história de Macau da segunda metade do século XX, como é o caso do "1,2,3", um movimento popular que pôs em causa a administração portuguesa em 1966, decorria o primeiro ano da Revolução Cultural. A história deste homem de cabelo farto e branco, e que andava sempre de cachimbo



na mão, deu agora origem a *Roque Choi: Um Homem dois sistemas – Apontamentos para uma Biografia*, uma obra dos jornalistas Rogério Beltrão Coelho e Cecília Jorge, lançada pela editora Livros do Oriente.

"Quando traduzia um diálogo entre duas personalidades fortes, se uma se exaltava e isso pudesse prejudicar as negociações, ele dava a volta sem desvirtuar o que se pretendia, indo ao encontro da outra cultura, de forma a que essa cultura não se sentisse magoada ou ofendida", começa por dizer Beltrão Coelho à MACAU, realçando o espírito "ímpar" e "pacificador" do intérprete.

"Sentia-se bem na pele dele e isso é muito importante. Dizia 'sou chinês'. E era chinês, só que ele era muito mais do que isso. Eu considero-o macaense", continua Cecília Jorge, explicando que Choi "aproveitava potencialmente a melhor característica do macaense, que é estar à vontade entre estes dois mundos".

A preparação desta biografia de 221 páginas, fruto de uma intensa investigação, centenas de horas a ler o Boletim Oficial ou a visualizar os microfilmes do Arquivo Histórico de Macau, deparou-se com muitas dificuldades, como apurar as datas em que trabalhou na função pública ou obter informação "directa e suficiente" junto de fontes chinesas, como associações a que Choi esteve ligado. "Enviámos cartas, mas ninguém respondeu", relembra Beltrão Coelho.

O primeiro capítulo do livro é constituído por uma entrevista inédita concedida em 1999 ao jornalista José Pedro Castanheira. "Muitas vezes me interroguei sobre as razões que levaram Roque Choi a aceitar o desafio (...) Nunca vivi em Macau, não me conhecia praticamente de lado nenhum, por que razão havia de confiar num jornalista estranho?", escreve Castanheira na introdução, descrevendo Roque Choi como "o mais requisitado dos tradutores intérpretes da história recente de Macau".

A biografia do empresário surge na segunda parte desta obra e o último capítulo reúne depoimentos de várias personalidades que contactaram com Roque Choi em Macau.

ROQUE CHOI: UM HOMEM DOIS SISTEMAS – APONTAMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA
LIVROS DO MEIO



Uma ponte para a China

Shee Vá
Associação dos Médicos de Língua Portuguesa de Macau (AMLPM) e Fundação Rui Cunha, 2015

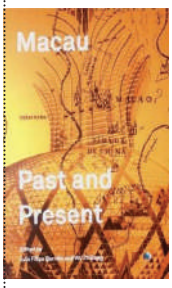
Escrita em português pelo médico chinês Shee Vá, esta é uma obra sobre a cultura chinesa que visa aproximar as comunidades que vivem em Macau, muitas vezes em paralelo. A história é contada à volta dos caracteres chineses.



Direito do Jogo em Macau – Evolução, História e Legislação

Fernando Vitória e Óscar Alberto Madureira
CREDDM – Fundação Rui Cunha, 2015

A compilação, realizada pelos juristas Fernando Vitória e Óscar Alberto Madureira, reúne todos os diplomas legais sobre o Direito do Jogo em Macau. A obra inclui ainda um capítulo sobre a história do jogo e um glossário sobre o tema.



Macau, Past and Present

Luís Filipe Barreto e Wu Zhiliang (Eds.)
Centro Científico e Cultural de Macau

A obra é uma compilação das comunicações apresentadas durante o Colóquio Internacional – Macau: Passado e Presente que decorreu em Lisboa no ano de 2012, numa organização do Centro Científico e Cultural de Macau e da Fundação Macau com textos de académicos de todo o mundo, incluindo os investigadores de Macau Lou Shenghua, Zhang Xiaohua, Vicent Wai-Kit Ho, Tereza Sena e Li Changsen.



TEMPLO DE NA TCHA
Década de 1940

F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

LOCALIZADO NA Calçada das Verdades, no sopé da Fortaleza do Monte, este templo de Na Tcha é muito anterior ao situado próximo às Ruínas de São Paulo. Conta-se que a origem do templo se deve à frequente aparição de Na Tcha no local disfarçado de comum mortal para brincar com as crianças do bairro e as abençoar. Assim, um dia uma pessoa avistou as Rodas de Vento e Fogo a elevarem-se nos ares e a partir daí acreditaram ser uma manifestação de Na Tcha e logo construíram um altar e, a seguir, um templo muito simples no início da Dinastia Qing (1644-1912). O pequeno edifício foi reconstruído em 1898 e remodelado na década de 1990.

Diz a lenda que Na Tcha foi o terceiro filho do Rei Celestial Li Jing, "O do Pagode na Mão", que teve de arrancar toda a sua carne para a devolver à sua mãe e entregar os ossos que sobraram ao progenitor para poder salvar os pais e se redimir de ter morto o filho do Rei Dragão do Mar Oriental. O mentor de Na Tcha conseguiu trazê-lo de volta à vida arranjando-lhe um corpo feito de diferentes partes da flor de lótus. A partir daí, armado com o Anel do Céu e da Terra e deslocando-se nas Rodas do Vento e do Fogo, Na Tcha dedicou a sua vida a afastar maus espíritos e a submeter demónios. Por isso, é considerado uma divindade muito útil no combate às epidemias.

Durante a festa de Na Tcha, que se celebra todos os anos no 18º dia do 5º mês lunar, a efígie da deidade faz uma "ronda de inspecção" que parte do templo e percorre a Rua do Campo, a Avenida de Almeida Ribeiro, a Rua dos Mercadores e o Largo do Senado, locais onde têm lugar rituais de invocação de bênçãos.

Nota: esta fotografia já tinha sido publicada na nossa edição de Junho do corrente ano mas o texto que a acompanhava era referente ao outro templo de Na Tcha, situado junto às Ruínas de S. Paulo. Pelo erro, agora corrigido, pedimos desculpas aos nossos leitores



MACAU 2015

LIVRO DO ANO

Seja bem-vindo à consulta
do ***MACAU - LIVRO DO ANO***, dos últimos anos,
através da seguinte página electrónica,
ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:
http://yearbook.gcs.gov.mo

Aplicações:

iOS

Android

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do ***MACAU 2015 - LIVRO DO ANO***, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O ***MACAU 2015 - LIVRO DO ANO*** regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.

O ***MACAU 2015 - LIVRO DO ANO*** pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhado da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.

Tomando em consideração a popularidade da leitura em formato digital e tendo em consideração a protecção ambiental, a partir de 2016, o Macau - Livro do Ano, tanto na língua chinesa, como na portuguesa e na inglesa, deixarão de se publicar em suporte papel. Entretanto, concentrar-nos-emos no melhoramento de versão digital e aumentaremos informações, fotografias e até vídeos, satisfazendo, assim, as necessidades dos leitores.

集郵訂購 2016
SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA
PHILATELIC SUBSCRIPTION







Location for Subscription
All Post Offices

澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

Tel: (853) 2832 9490, (853) 2857 4491
Fax: (853) 8396 8603, (853) 2833 6603
E-mail: philately@macaupost.gov.mo
Website: www.macaupost.gov.mo

澳門郵政
CORREIOS DE MACAU
情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios